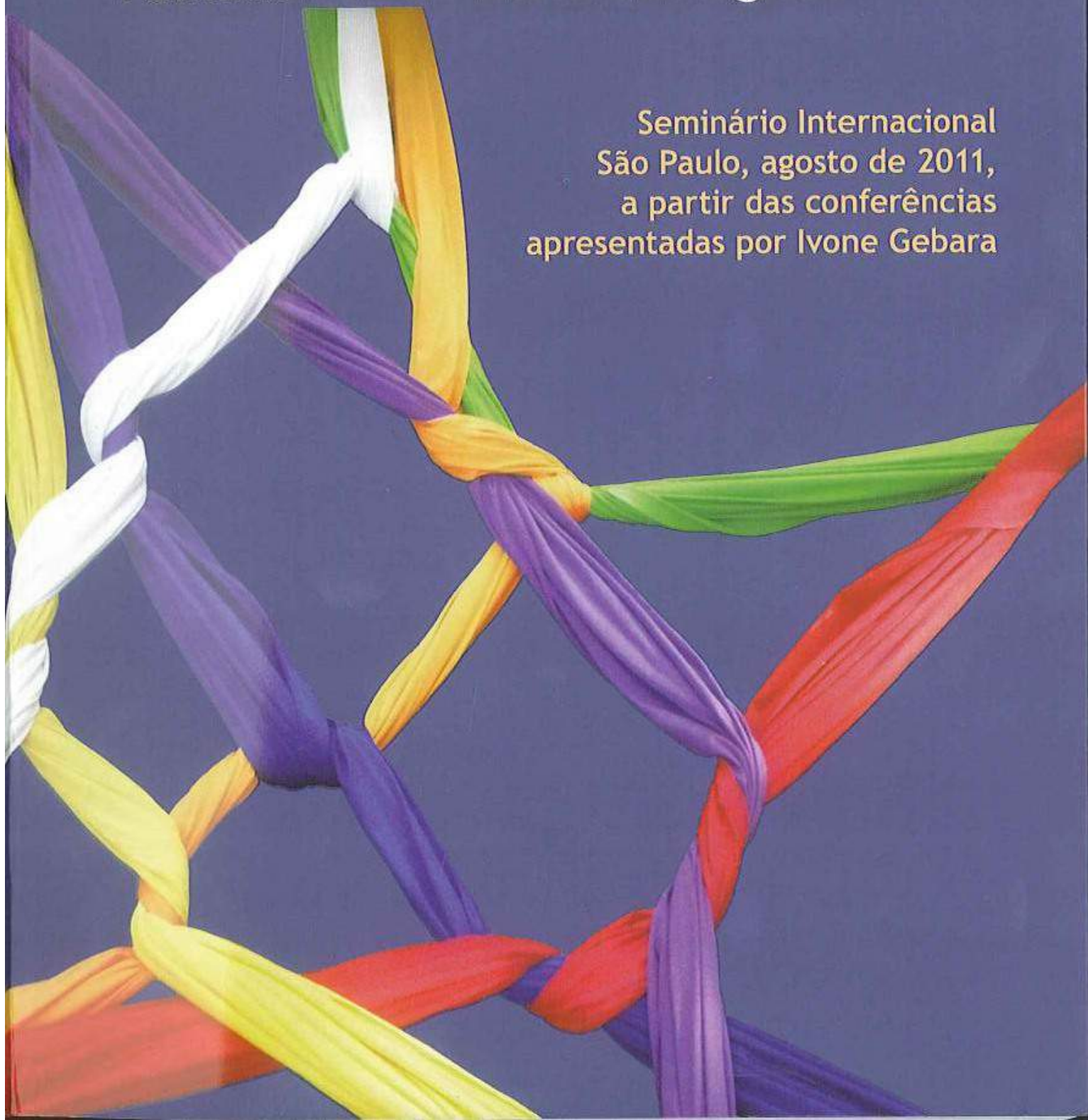


CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR | BRASIL E COLÔMBIA

Tecendo sentidos

Feminismos e buscas teológicas

Seminário Internacional
São Paulo, agosto de 2011,
a partir das conferências
apresentadas por Ivone Gebara

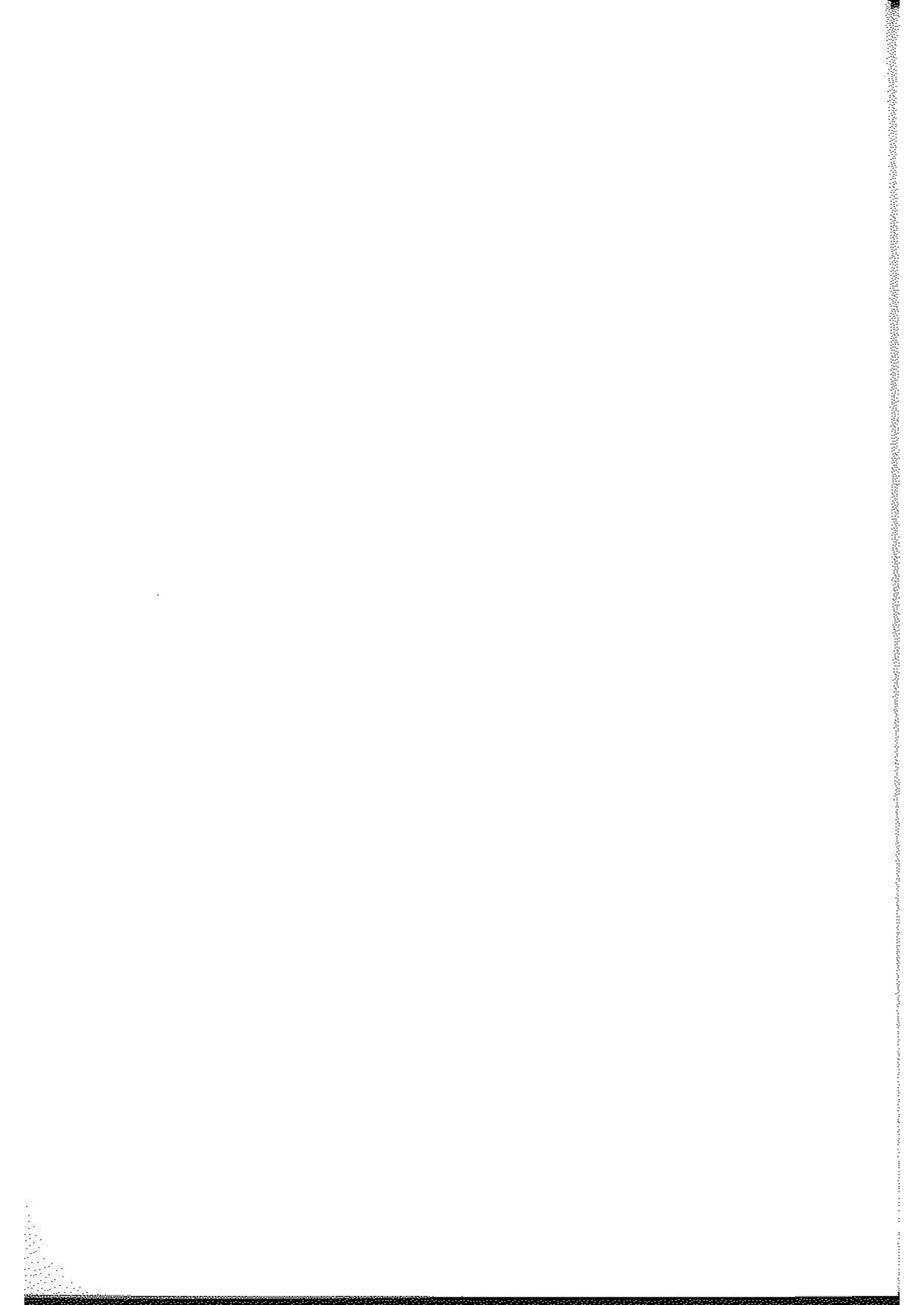




Deus é o encontro em uma festa, o lugar de alegria dos corpos, onde há baile e vinho, instantes, gotas de prazer. Deus é o outro que me incomoda e até atrapalha meu desfrute. Deus é a alegria de um dia repleto de sol, minha respiração, a festa, assim como é a morte que chega. Deus é a realidade boa que se renova em mim como o faz minha vida ao amanhecer de cada dia.

Ivone Gebara

Tecendo sentidos
Feminismos e buscas teológicas

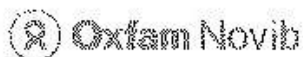
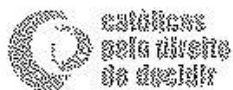


Católicas pelo Direito de Decidir

Tecendo sentidos

Feminismos e buscas teológicas

Seminário Internacional
São Paulo, agosto de 2011,
a partir das conferências
apresentadas por Ivone Gebara



© 2012, Católicas pelo Direito de Decidir - Brasil
Católicas por el Derecho a Decidir - Colombia

Católicas pelo Direito de Decidir - Brasil
Rua Martiniano de Carvalho, 71 - casa 11
Bela Vista - São Paulo - SP - Brasil - 01321-001
Tel. (5511) 3541 3476
E-mail cddbr@uol.com.br
Web: www.catolicas.org.br

Doble clic • Editoras
Montevideo - Uruguai
Tel. (598) 2480 8660
E-mail doblecli@internet.com.uy

Relatório do seminário e edição:
Graciela Pujol

Foto da capa:
Lucas Carrier

2ª Edição, Maio 2012
Impresso no Brasil.

Esta publicação foi realizada graças ao apoio
De Mensen met een Missie.

As opiniões apresentadas neste livro são de responsabilidade
exclusiva e seus autores e não refletem, necessariamente
os ponto de vista das instituições que organizaram
este seminário.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tecendo sentidos : feminismo e buscas teológicas /
Católicas pelo Direito de Decidir. --
São Paulo : Maxprint, 2012.

1. Feminismo - Aspectos religiosos -
Cristianismo 2. Mulheres católicas - Vida
religiosa 3. Mulheres na Igreja Católica
4. Teologia feminista I. Católicas pelo Direito de
Decidir.

ISBN: 978-85-61788-12-4

12-05864

CDD-261.8344

Índices para catálogo sistemático:

1. Teologia feminista : Cristianismo 261.8344

Sumário

Apresentação	7
Rito de abertura	9
Invocação	10
Teologia laica	
Uma reflexão que não necessita de legitimação clerical	11
Diálogo com as/os participantes	16
A boa herança da tradição cristã	
Experiências das/dos participantes	22
Um cristianismo de múltiplos rostos	
Resignificar aquilo que nos sustenta	34
Religião	
O passo para a adesão a uma responsabilidade coletiva	41
Diálogo com as/os participantes	45
Transcendência	
A proximidade do outro que me interpela	52
Política e estrutura	54
A necessidade dos processos individuais	56
A importância de chamar-se católicas	
Um questionamento à pretensão de universalidade	60
Diálogo com as/os participantes	61
A dimensão comunitária da religião	
A busca de outras formas de celebrar	64
Diálogo com as/os participantes	65

A Religião como resposta a múltiplas necessidades	73
Uma dimensão ética	76
Diálogo com as/os participantes	
Trabalho em grupo	
Pergunta motivadora: onde nos localizamos na busca por respostas que chamamos religiosas	79
Como funcionam as estruturas	
Uma transformação das relações	86
Uma mudança de crença e uma mudança política	90
O significado da política	92
Cristianismo	
Especificidade própria ou experiência humana específica?	94
Mais além da lógica da reciprocidade	95
O limite como parte da condição humana	97
Uma ética da gratuidade que é loucura	99
O Evangelho de Mateus	
Uma lógica ilógica	102
Diálogo com as/os participantes	109
A tradição do Evangelho	
Pensar o cristianismo a partir de outra chave	122
A força do simbólico	124
Uma tradição para além da instituição	126
Diálogo com as/os participantes	128
Comunidades de mulheres	
O direito de viver suas crenças a partir de si mesmas	139
Trabalho em grupos	
Pergunta motivadora: qual é a ressonância em nós diante dessas reflexões da teologia laica?	144
Epilogo	172
Participantes do seminário	180
Siglas	191

Apresentação

Amigos/as e leitores/as

Com o presente texto, queremos convidá-los e convidá-las a dialogar com uma das teólogas feministas mais perspicazes e criativas de nosso século: Ivone Gebara, brasileira, católica e comprometida desde sempre com a justiça social e com a vida das mulheres.

Este livro é produto do “Seminário Internacional Tecendo Sentidos: Feminismo e Teologia Laica”, realizado na cidade de Nazaré Paulista, São Paulo, Brasil, no período de 24 a 26 de agosto de 2011, e coordenado pelos grupos colombiano e brasileiro do Católicas pelo Direito de Decidir. Para sua realização e publicação, contou-se com o apoio econômico da instituição Oxfam-Novib e CMC.

Neste livro são apresentadas a perspectiva de Ivone Gebara sobre a teologia feminista e, também, as contribuições das pessoas da América Latina e uma da Espanha envolvidas com esse trabalho. Algumas dessas pessoas pertencem a diferentes grupos das Católicas pelo Direito de Decidir (CDD), outras desenvolvem trabalhos em diferentes instâncias. Trata-se de teólogas ou profissionais de diferentes países que buscam elaborar um pensamento que confira sentido à vida das mulheres, num esforço comum para traçar os caminhos da produção da teologia laica.

O trabalho das CDD possui um caráter político e se insere no campo das religiões, mais especificamente do pensamento católico. Isso porque, para a defesa dos direitos das mulheres,

consideramos fundamental construir argumentos teológicos que confirmem sentido ao nosso fazer cotidiano e, ao mesmo tempo, sirvam de nutrientes para as nossas práticas políticas.

Portanto, este seminário dedicou-se a essa dimensão teológica, que é própria de nossa constituição como católicas. As ideias que permeiam este texto nascem da vida e dos sentimentos das pessoas presentes. Não reproduzem, por conseguinte, aquilo que dizem os patriarcas da igreja. Essas ideias nascem da crença de que o fazer teológico pode constituir-se numa tarefa de todos e de todas nós - ao processo e produto dessa tarefa damos o nome de teologia laica. Como afirma Ivone, "não se trata de fazer uma teologia que recolha o pensamento das classes sacerdotais que se consideram depositárias dos segredos divinos".

Apresentamos neste livro as exposições feitas por Ivone Gebara no seminário, como também as reflexões e os comentários que suas palavras mobilizaram em todos os e em todas as participantes. E, ao fazê-lo, compartilhamos com os leitores e com as leitoras nossos diálogos que fluem na perspectiva da construção de um novo pensamento, marcado também pelo dissenso, pois nem sempre os posicionamentos são convergentes. Mas, inquestionavelmente, evidenciam sempre o esforço comum na busca da construção de novos passos no caminhar teológico. Isso porque estamos convencidas de que pensar teologicamente é uma tarefa inerente a nós, Católicas pelo Direito de Decidir, porque nos sentimos chamadas a provocar diálogos nessa direção.

Esperamos que tenham uma boa leitura e que o texto instigue suas mentes e seus corações.

Sandra Mazo
CDD Colômbia

Regina Soares Jurkewicz
CDD Brasil



Rito de abertura

No momento da abertura do Seminário, todos os participantes e todas as participantes foram convocados a se dirigirem à entrada do salão, de modo que todos entrassem juntos. O salão estava iluminado apenas pela luz de algumas velas e, ao mesmo tempo, se ouvia um canto gregoriano. Uma grande tela branca cobria o piso da parte central do salão. No meio dela e sobre um plano mais elevado, havia uma Bíblia e um crucifixo de cerâmica. Em um dos lados se destacava uma vela branca com um rosário. E, guardando a simetria, estavam dispostas algumas velas brancas e dois recipientes com flores. Embora não houvesse sido dada uma ordem prévia, os participantes entraram em absoluto silêncio e se dispuseram, de pé, em torno da tela branca. Por alguns minutos, ninguém se moveu do lugar e fez-se silêncio. De repente, alguém começou a retirar as flores dos ramos e a espalhá-las livremente sobre a tela. Espontaneamente, outras pessoas começaram a modificar a disposição dos elementos. Deslocaram o crucifixo e a Bíblia para os lados e colocaram e acenderam velas de diferentes cores.

Inesperadamente, alguém levantou a tela branca, permitindo ver as múltiplas telas de diferentes cores, dispostas em franjas. A música cessou e, em meio ao bulício, o movimento foi crescendo. Os participantes e as participantes foram pegando as telas e entrelaçando seus fios de diferentes cores. Com o movimento das telas e do ir e vir, independentemente de qualquer intenção, o crucifixo se quebrou. Alguém recolheu os pedaços. O resultado final foi uma rede multicolorida, suspensa por todos, sem nenhuma ordem definida. Entoou-se, então, a canção "Invocação", de Maria Bethânia.

invocação

Deus dos sem deuses
Deus do céu sem Deus
Deus dos ateus
Rogo a ti cem vezes
Responde quem és?
Serás Deus ou Deusa?
Que sexo terás?
Mostra teu dedo,
tua língua, tua face
Deus dos sem deuses

Teologia laica

Uma reflexão que não necessita de legitimação clerical

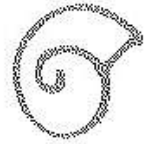
Em novembro do ano passado, por ocasião de um seminário realizado para as companheiras das Católicas pelo Direito de Decidir (CDD) do Brasil, começamos a discutir teologia a partir de uma perspectiva singular, pois nos demos conta de que várias posições teológicas assumidas pelo grupo tinham como finalidade última "responder" - entre aspas - às políticas oficiais adotadas pelas igrejas, em especial pela igreja católica. Visávamos, principalmente, àqueles posicionamentos que iam de encontro às nossas decisões e/ou ao trabalho que realizamos em prol da dignidade das mulheres.

Acredito que os posicionamentos que contestamos não constituem uma novidade - particularmente aqueles que se relacionam com o aborto, a homossexualidade, as novas identidades, o prazer, a natalidade, a eleição etc. Naquele momento, a preocupação e o objetivo que tínhamos, em meio a outros, eram identificar na tradição teológica do passado - especialmente aquela gerada no seio da igreja católica, embora não se excluíssem outras igrejas - brechas ou furos nos quais nos inseríssemos e, a partir desse lugar, fundamentássemos ou justificássemos as posições tomadas pelo grupo. Isso porque acreditávamos naquele momento que a teologia elaborada pelos homens



do clero, principalmente pela hierarquia clerical pensante cuja referência maior é Tomás de Aquino, era a própria expressão da tradição ou “a” tradição em si mesma. Situadas, pois, nesses furos e brechas existentes na reflexão elaborada e sedimentada por esse setor da igreja eminentemente masculino e arraigado a determinados valores, estávamos legitimadas aos nossos próprios olhos para constituir valores e protagonizar as lutas do presente.

Tínhamos que encontrar algo na tradição católica que nos ratificasse, por ser ela a mais difundida e, portanto, conhecida - até mesmo em decorrência do papel que exerceu na construção da civilização ocidental. Além disso, como sabemos, só há pouco surgiram as condições para que também pessoas que não pertencem ao clero estudem e produzam teologia. No entanto, isso ainda nos causa espanto, como bem o revelamos se uma mãe de família apresentar-se a nós como teóloga. Nosso espanto é espontâneo e aparece na pergunta: “Você é teóloga? Como?”. Essa admiração genuína é prova irrefutável de que vemos nela uma autoridade menor, porque, por outro lado, se alguém nos diz: “Sou sacerdote, frade e teólogo”, imediatamente nos deslumbramos com sua autoridade. E, em contrapartida, se uma pessoa nos informa que tem cinco filhos e é teóloga, aparece, a nossos olhos, como desprovida da autoridade que lhe conferiria tal função, ainda que a possua na condição de mãe. Tal crença ou ideologia pode ser ilustrada com inúmeros exemplos. Imaginemos a situação: se um homem gay nos disser que é teólogo, questionamos sua aptidão, mesmo que dirijamos esse questionamento só a nós mesmas. Perguntamo-nos se ele possui atributos e competência para tanto - e essa postura não é comum não apenas no Brasil, mas também em outros países, como, por exemplo, nos Estados Unidos. Situação idêntica acontece se uma mulher se apresentar como teóloga - pois imediatamente comentamos com os nossos botões: “algo não vai bem”. E procedemos assim não amparadas em teorias que descartem tal possibilida-



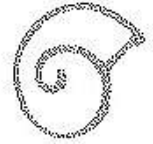
de, mas amparando-nos em nossa subjetividade, a qual, por séculos e séculos, foi condicionada a reconhecer “a autoridade” do pensamento de Deus somente nos homens.

Quando, por exemplo, as Católicas pelo Direito de Decidir (CDD) começaram a conversar sobre teologia laica, a utilização dessa denominação foi aceita, naquele momento, como provisória. Houve um consenso nesse sentido. Embora já soubéssemos naquela oportunidade que, quando falamos de teologia laica, falamos não só de teologia feminista como também de teologia gay, lésbica; em suma, falamos da teologia da diversidade. Em outras palavras: referimo-nos à teologia do povo e das pessoas que refletem sobre suas crenças. Referimo-nos a uma teologia que não tem de passar pela legitimidade clerical, razão por que é laica, ou seja, produzida, criada, afirmada de diferentes maneiras e com a autoridade dos diversos grupos que a constroem. Pode-se afirmar que assim se rompe com a maneira única de ver, pensar e entender a tradição. Esta não pode ser compreendida de um único ponto de vista, como se fôssemos um único homem, com um único pensamento e uma única história. No tecido social da América Latina e de outros continentes, já não impera a homogeneidade nas vivências religiosas nem tampouco nas considerações sobre as tradições. Uma perspectiva simbólica foi por nós vivenciada quando começamos este seminário com um rito. Escutamos, logo no início, um canto gregoriano e olhamos para o crucifixo. Nesse momento, estávamos muito sérias, nossos corpos tensos e algumas de nós fechamos os olhos. Estávamos todas tomadas pela crença da uniformidade que inspira respeito e silêncio - crença e atitude estas que, para muitas pessoas, são positivas. No entanto, subitamente começamos a pegar e a mesclar as cores, chegando ao ponto, infelizmente, de quebrarmos o crucifixo, num ato não intencional. No entanto, isso também aconteceu. É preciso notar que, nesse contexto, outro momento abriu-se para nós todas.



A expressão “teologia laica” é uma denominação provisória, da qual, talvez, não necessitemos mais lançar mão, porque sua função é apenas a de lembrar que podemos buscar outras tradições e interpretações igualmente cristãs, diversas daquelas que nos ofertam a tradição masculina. Existiram e existem ainda tradições muito interessantes. Por exemplo, na Idade Média existiram mulheres - cujas histórias devem ser resgatadas -, que necessariamente não falaram de direitos sexuais, mas lutaram para imprimir outra fisionomia à comunidade cristã. Poderíamos, também, falar das beguinãs, cuja história começo a investigar. A história dessas mulheres muito interessantes e muito combatidas pelos padres deve ser resgatada. Não eram monjas - e nunca quiseram ser chamadas assim -, mas se deram conta da importância de sua autonomia financeira. Eram tecelãs, cultivavam o linho e hortas de plantas medicinais, preparavam medicamentos, construíam suas casas - cada uma tinha sua própria casa - e formavam uma comunidade. Apesar de não abordarmos em detalhes sua história, chamamos a atenção para um aspecto: elas tinham sua forma própria de interpretar o cristianismo, de acolher as pessoas e de afirmar que viviam os ensinamentos de Jesus à sua maneira. Tempos depois, combatidas pelo clero e destruídas pelos interesses econômicos dos mercadores de linho, sua história chegou ao fim.

Quando no interior do grupo das Católicas pelo Direito de Decidir se falou sobre teologia laica, foi com o objetivo de esclarecer que uma tradição não tem de se originar, necessariamente, nem no pensamento de São Tomás de Aquino nem no de Santo Agostinho nem nos ensinamentos dos Papas, ou seja, nas afirmações que fizeram em tais e tais documentos. Inquestionavelmente, eles têm direito de elaborar sua teologia, porém nós, enquanto comunidade, temos também o direito de compreendê-la e refletir sobre ela de forma diversa, com base em nosso pensamento. Como se sabe, as reflexões que chegam até nós têm sua origem última na filosofia platônica, aristotélica e tomista.



Tal constatação coloca para cada uma de nós a seguinte questão: por que hoje não podemos refletir sobre o mundo em que vivemos. Provavelmente o que ora afirmamos já não nos servirá daqui a cinquenta anos, mas, sem dúvida, as futuras gerações criarão aquilo que lhes servirá naquele momento. Com certeza elas não utilizarão o que dizemos hoje - ou seja, aquilo que, para elas, foi dito no passado. Certamente, elas dirão: "As antigas gerações disseram isto, porém, nós, gerações atuais, dizemos outra coisa". Não pretendemos negar ou excluir a tradição hierárquica masculina, mas apenas dizer: "Nós decidimos porque nosso tempo é outro, nossos problemas são outros e o despertar da nossa consciência se dá de outra forma".

Foram essas constatações que motivaram a denominação "teologia laica", pois pretendemos, através dela, nomear aquela reflexão teológica que não necessita da aprovação eclesial. Essa denominação remete também a um atributo ou condição do Estado, qual seja, sua independência de qualquer pensamento ou vertente religiosa. Além disso, no momento histórico em que vivemos, a denominação "teologia laica" tem também o sentido de plural no que diz respeito à possibilidade de diferentes grupos concebê-la de forma própria, até mesmo aqueles que, devotos de alguns santos, produzem um pensamento para cultuá-lo. Este nome, em última análise, quer dizer ainda que nós atribuímos a nós mesmas a autoridade de pensar, experimentar e viver algumas situações que nos pareçam plenas de sentido e que nos ajudem a encontrar um espaço e uma temporalidade próprios em nossas vidas. Quer dizer também que podemos encontrar ou reencontrar textos que reconhecemos impregnados dos sentidos que nossa interpretação neles desvela. Por conseguinte, o que importa não é nome, mas, sim, o que nele subjaz.

Portanto, o que existe é a experiência reconhecida por muitos acerca da interpretação correta da tradição, na medida em que - de acordo com essas pessoas - ela prega o que se deve fazer, ela tem o poder de perdoar ou



não e, também, de dizer qual a reta doutrina. A teologia laica, por sua vez, implica a experiência de abrirmos um espaço a partir do qual possamos dizer que construímos uma reflexão como expressão de nossas necessidades plurais e de nossa criatividade. Se traçarmos um paralelismo com essa última experiência e as políticas públicas e populares propostas pelos moradores de um bairro quando se reúnem com o objetivo de buscar melhorias para suas vidas, essas políticas não necessariamente precisam da aprovação do partido político que se encontra no poder. Elas têm de ser acolhidas e viabilizadas, na medida em que não causem prejuízo, mas, pelo contrário, acarretem benefícios para a comunidade, melhorando sua qualidade de vida. No entanto, mesmo se causarem prejuízos ao partido do governo, de modo a criarem obstáculos à sua reeleição, se elas realmente beneficiam a população do bairro, não há motivo para questioná-las. Deve ser priorizada a vivência democrática que sua discussão propiciou à comunidade. Muitas pessoas, inclusive algumas que se encontram em nosso meio, podem dizer que não temos uma experiência religiosa. Contestamos tal afirmação, pois, a nossos olhos, de uma maneira ou de outra, todas nós temos algum tipo de experiência religiosa, embora nem sempre aos moldes institucionais, mas, sim, a partir das referências religiosas entranhadas em nossa cultura.

Diálogo com as/os participantes

☉ Josefa Buendía Gómez (Pepita)

Tenho um ruído na cabeça que me incomoda, que diz respeito àquilo que a teologia feminista afirma de que não devemos pedir permissão nem esperar a legitimidade oriunda da autoridade hierárquica;



mas, sim, partir da experiência das mulheres. E, a propósito, me vem outra coisa à mente: que nós humanos estamos muito deteriorados socialmente, motivo por que desconfiamos daquilo que no humano se origina. E minha pergunta é a seguinte: por que, necessariamente, temos de pensar sobre teologia, temos de produzir uma reflexão teológica? Meu ponto de vista é que se faz necessário reforçar a legitimidade daquilo que vem do humano, pois me incomoda a desconfiança que temos dele.

6 Ivone Gebara

O que Josefa Buendía Gomes acaba de dizer também sinto muito fortemente. A teologia feminista é um fenômeno heterogêneo, pois nem todas as teologias feministas se pretendem laicas. Muitas têm a pretensão de ser uma voz entre os homens. Não só isso: pretendem ser uma voz aceita pelos homens. Acredito que vocês estão conscientes de que, na última reunião das CDD, algumas pessoas disseram que o que fazíamos não era uma teologia contra os homens, e, sim, uma crítica à teologia masculina. Nesta heterogeneidade, muitas teologias feministas têm pretendido erigir-se como um novo poder, mas não conseguem afirmar-se como tal. Mas questiono a necessidade desse “empoderamento”: quererão que a tradição patriarcal se converta em tradição feminista? Foram despendidos muitos esforços nos Estados Unidos e em outros lugares para converter a hierarquia. Quando falo de teologia laica, reconheço, em parte, o que Josefa Buendía disse, porque muitas vezes não gosto de me afirmar como teóloga, pois me dá a impressão de que pretendo tomar aquilo que os homens têm feito como ciência “divina”. E isso não me interessa. O que chamo de teologia é algo distinto, e o que me interessa é a construção do tecido humano. Faço teologia porque estou inseri-



da em uma cultura povoada por seres religiosos. É essa percepção que tenho quando estou nas comunidades populares ou com moradores de bairro que não são necessariamente católicos. Como sabemos, aquilo que chamamos de mistério da vida e das relações é simbolizado por entidades, e, se desejo dialogar com o mundo no qual vivo, tenho de acercar-me de muitas de suas expressões, que outra coisa não são senão manifestações do humano diferentes das minhas. Desejo fazer uma reflexão que, embora receba o nome de teologia, seja, antes de qualquer coisa, um humanismo. A teologia laica que intento fazer é um humanismo porque, quando enunciamos a palavra “teologia”, estamos falando de dois planos - o de Deus e o da humanidade - e eu estou reivindicando o nome de Deus não como entidade metafísica, mas, sim, como algo que se delinea de uma forma que é pouco clara para nossa percepção e para nosso vocabulário e cujo significado como experiência humana tentamos resgatar.

⑥ **Ángeles Alfonso Aguirre (Paloma)**

Maria Zambrano fala da razão poética e isso tem a ver com os comentários que Ivone Gebara acaba de fazer, pois não queremos descartar inteiramente o pensamento da tradição, entre outros, a poesia, que reconhece a dignidade humana e, por isso, contribui para que eu me situe no mundo. O pensamento das beguinhas não se orientou pelo discurso do *logos*, mas, sim, pelos sonhos que são tão nossos. E, como elas, tenho ânimo para fazer uma reflexão sobre a teologia laica.

⑥ **Maria José Rosado Nunes (Zeca)**

A linguagem é sempre complicada. Eu me perguntava por que a teologia, que remete a Deus, não é referência para todas as pessoas e, nessa medida, o



limita. Por que não a espiritualidade? O importante é que se explicita o conteúdo do que se diz. O homem não é o mais importante, porém tem sua importância. A meu ver, a denominação dessa reflexão sobre Deus e sobre os homens deveria ser “teologia livre”, uma vez que a teologia laica nos remete a pessoas que são vistas como desprovidas de competência ou é um convite para nos contrapormos à hierarquia, e, nessa medida, torná-la a referência última. E nós podemos encontrar outra denominação: talvez “teologia livre”.

⑥ **Ivone Gebara**

Os nomes são uma armadilha, e todos têm múltiplos sentidos. Poder-se-ia chamar de “teologia livre”, e ela poderia aludir a livres pensadores, a diferentes movimentos, como o movimento anarquista, que admiro muito. Por exemplo, há história de mulheres que precisam ser resgatadas, reconstruídas, como é o caso daquela que narra as experiências das anarquistas espanholas. Podem ser dados à teologia que fazemos muitos nomes, mas não pretendo deter-me nisso. Talvez, ao final, teremos encontrado outra forma de nomeá-la.

⑥ **André S. Muszkopf**

Acredito que não devemos pensar no sentido das palavras, mas, sim, no impacto político causado pelo uso de determinado termo. Eu pensava nas dificuldades de usar esse termo. No interior do Movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros), por exemplo, eu refleti muito sobre questões como teologia e religião, e concluí que não existe nem a religião nem a teologia, mas, sim, tradições e teologias. E concluí também que, para discutir com esse movimento, a teologia laica estabelece outro tipo de diálogo.



☉ **Ivone Gebara**

Em João Pessoa também propuseram que seria interessante falar da teologia laica, desenvolver algo nessa perspectiva, até mesmo porque, nesse momento, se discute muito o laicismo do Estado.

☉ **María de la Luz Estrada Mendoza**

Concordo com o argumento que você oferece sobre a oportunidade de discutir essa questão, porém é necessário também refletir sobre o conteúdo da teologia. Nas CDD buscamos argumentos sempre na tradição que legitimou tanto a hierarquia como a comunidade. No entanto, concordo com você quando afirma que sempre saímos da tradição, embora coloquemos questões que vão além dela. Apelamos para algo que nos dê razão, e isso porque, na teologia católica, não encontramos os argumentos. Por exemplo, agora estamos lançando uma campanha sobre a dignidade humana, e, para tanto, não nos ajudam os argumentos da tradição. Por outro lado, se falarmos sobre o “empoderamento” das mulheres e queremos que esse fenômeno seja entendido com base na tradição, o tema da dignidade humana não serve, uma vez que nos situa em algo essencialista, naturalista. Estamos nessa discussão e temos de lançar mão de algo que dê legitimidade aos nossos argumentos, pois, caso contrário, ficaremos de fora. O interessante é participar do debate a partir de seu centro ou núcleo, ou seja, situando-nos em seu interior.

☉ **Ivone Gebara**

O que estou falando vai também nessa direção, pois tem o propósito de encontrar caminhos que não somente me agradem, mas que sirvam ao que chamamos de bem comum.

⑥ Regina Soares Jurkewicz

O nome se relaciona mais com o sentido político ou a utilidade política. Quando María de la Luz Estrada Mendoza começou a falar, ela observou que nas CDD questionamos muito as referências feitas à tarefa política, buscando-se legitimidade. E, por vezes, encontramos-nos em um terreno que se relaciona com a impossibilidade de utilizar significados inseparáveis da subjetividade. O sentido político da inauguração de uma proposta de teologia laica é pôr um nome em algo que aparece e se faz de outro modo. O sentido é pensar com maior liberdade a produção teológica ou a referência a Deus ou a referência ao religioso, quer dizer, como poderemos localizá-la mais pessoalmente. Como fazer com que convirja com o trabalho que se faz. Quanto praticamos um ritual, como, por exemplo, no começo, quando pensamos no crucifixo, ele tem para cada uma de nós um significado próprio. Pensamos onde íamos pôr o crucifixo e a Bíblia, porém não era para jogá-los fora, mas, sim, para pô-los em outro lugar. Esse terreno representa uma ameaça muito grande para quem está envolvida nesse trabalho político e religioso.



A boa herança da tradição cristã

Experiências das/dos participantes

Queria compartilhar algo pessoal com todas vocês. Preparar-me para esse encontro me fez sofrer muito, uma vez que esse ato exige que eu, primeiro, me revele a mim mesma, o que implica enfrentar minhas próprias convicções e perguntar-me sobre o que me sustenta em mim mesma. Este enfrentamento tem sido muito sofrido, dado que envolve minha história e, por conseguinte, minha subjetividade e minha intimidade.

Suponho termos sido educadas, umas mais outras menos, na tradição cristã, e isso significa não que tenhamos feito cursos de teologia ou sobre a Bíblia, mas, sim, que tenhamos nos acercado e bebido dessa tradição sob a perspectiva de nossas distintas culturas. Reflitamos, pois, por três minutos, não mais que isso, em silêncio sobre o que nos faz pensar a seguinte questão: “Foi frutífera para mim e, portanto, boa, a herança que recebi da tradição cristã?” Essa formulação tem sentido porque conhecemos a herança maldita que tivemos, mas o que nesse momento tentaremos resgatar é aquilo que de bom nos proporcionou o contato com nossas origens culturais.



- ⑥ **Sandra Cristina Bitschin**
Meu resgate se dá na perspectiva da relação de Jesus com as mulheres, que foi livre, próxima e amigável e, portanto, contrária à tradição de seu tempo. E o motivo pelo qual elas foram perseguidas na história e continuam, ainda hoje, sendo rechaçadas é terem levantado a sua voz.
- ⑥ **Clara Lucía**
O sentido do humano é reconhecer que, como gênero, somos frágeis e nos temos uns aos outros.
- ⑥ **Pepita**
Resgato, por um lado, a tradição familiar, os valores familiares. A bondade como algo familiar. A bondade de minha mãe e de minha avó é algo que me convoca: a honestidade de meu pai, também. E, por outro lado, o Evangelho é algo que me marcou na luta contra a injustiça.
- ⑥ **Rosa María Hernández Sosa**
O sentido do Reino de Deus como inclusivo, que integra a todos, inclusive muitas mulheres.
- ⑥ **Regina**
A consciência do limite do humano - algo que se impõe ante a arrogância e ante todo o saber. Também a consciência do sentimento de solidariedade. Outra coisa que me dá nostalgia é a sensação de pertença a uma comunidade, que é ofertada pelo cristianismo. Também a ideia de um sentido maior, algo que não encontramos facilmente.
- ⑥ **Judith Röss (Judy)**
A liturgia e a teologia de Maria e a amizade da comunidade.



- ⑥ **Luz**
Pensava no que a ressurreição de Cristo continua me anunciando e me convocando para a mudança, para preferir morrer um momento para me buscar como uma pessoa melhor para mim mesma e para a comunidade.
- ⑥ **Paloma**
Uma das coisas que mais me marcaram é a negação de assumir a história como um processo cego, sem sujeitos nem finalidades, como pretendia Althusser. Reivindico a salvação, reivindico a utopia e a pertença ao corpo místico. Sinto-me parte do corpo de vocês e essa ideia me agrada e não quero renunciar a ela. A linguagem dos mitos cristãos está gravada em mim para sempre e eu a revivo em meu coração.
- ⑥ **Teresa Lanza**
Custa-me muito ser “tão” católica quanto vocês. As ideias cristãs que permanecem em mim as adquiri no contato com meus pais. Foi deles que elas advieram, e não dos padres nem da igreja. O amor ao próximo, o compartilhamento daquilo que se tem, a solidariedade, o rebelar-se contra a discriminação, entre outros ensinamentos, os aprendi com minha família. Recordo que, em minha casa, quando alguém batia à porta, meu pai o fazia entrar e sentar-se à mesa para compartilhar aquilo que tínhamos. Ele nos dizia: “Sempre recebam quem chega, pois pode ser Jesus Cristo”.
- ⑥ **María Cristina Ventura (Tirsa)**
Resta em mim uma saudade, uma nostalgia, das peregrinações que desde pequena fazia com minha avó e minha mãe para visitarmos os santuários. Nesses caminhos aprendi com elas a ter esperança, a acreditar no mistério e a ter fé - embora eu não soubesse por que caminhava.



⑥ **Yury Puello Orozco**

Alivia-me quando me encontro com coisas parecidas com as minhas. O contato com as ideias do cristianismo veio a mim através da tradição familiar, principalmente de minha mãe: aprendi com ela a solidariedade, a preocupação com o próximo e o compromisso com a justiça. Não sei como e em que momento acolhi essas ideias em mim e elas foram-se sedimentando dentro mim. Só sei que, depois, mais tarde, elas me levaram a assumir compromissos.

⑥ **Mónica Moya Herrera**

Vem a mim a ideia da família, meu pai e minha mãe rezando juntos e benzendo-se juntos antes das refeições. Na igreja dos pobres é forte o sentido da comunidade, da esperança, da força da oração e do sincretismo. Somos pessoas do campo e indígenas, com uma mescla de espiritualidade da igreja católica e da cultura andina. As graças experimentadas das bem-aventuranças e o mistério de haver experimentado em meu próprio corpo o milagre da Deusa do universo.

⑥ **Zeca**

Uma coisa fundamental no catolicismo seria a liberdade. Se de fato acredita-se no espírito livre, se é livre, porém, na prática católica, o sentido da liberdade se perdeu. Também o sentido da justiça social, a afirmação da igualdade de todas as pessoas, sua dignidade e a necessidade de solidariedade, em especial com os pobres. Essas ideias não advieram só do catolicismo, e as que por ele chegaram fazem parte da história. Em suma, não se trata de uma herança que adquiri só através da religião.

⑥ **Sandra Mazo**

Não criei um forte vínculo com o catolicismo, e as ideias que permanecem em mim e que me orientaram eu as retirei da prática revolucionária, na fi-



gura de Camilo Torres. Ele foi “o bichinho que me picou e que me fez ser rebelde”.

⑥ **Julián Cruzalta**

A força simbólica dessa tradição - a esperança, a utopia e a justiça - entrou e se sedimentou dentro de mim. E desse processo de identificação permaneceram em mim um método, uma disciplina e uma responsabilidade. A tradição cristã se fez marcada desde a minha infância pelas muitas buscas e perguntas, que, ao invés de retirarem minha liberdade, me tornaram mais livres e muito questionadora.

⑥ **Graciela Pujol**

Para mim, a pessoa de Jesus de Nazaré é uma referência vital. O “amar o próximo como a si mesmo”, o sentido da inclusão, do desfrute da vida e, também, os Evangelhos fizeram com que a palavra se tornasse para mim detentora de uma riqueza a ser descoberta todos os dias. Eu não renego a condição de ser católica e, às vezes, digo que teria de nascer de novo para deixar de sê-lo, porque, para mim, o cristianismo é fundamental, embora lhes faça algumas críticas. Tive a sorte de ter, desde cedo, uma formação católica através de mestres e mestras que foram muito importantes para mim. Amo os crucifixos e tenho uma coleção deles, porque neles me fascina o sentido de algo - tal como afirma Umberto Eco, embora não seja um católico, nas discussões que tem com o Cardeal Martini. Para ele, o milagre consiste em que, num determinado momento da história, a humanidade pôde conceber que um crucificado poderia ser Deus. Parece-me que o fato de um crucificado dar-nos o sentido do transcendente e do divino é uma maravilha que vai além da carga negativa que sabemos que o cristianismo possui.



⑥ **Magdalena Fariña Villalba (Lucky)**

O desejo de ser uma pessoa melhor, de me construir a cada dia, de melhorar, me foi inspirado pela tradição católica. Também ela contribuiu para surgir em mim sensibilidade diante dos que sofrem. Sempre me apeguei à figura de Jesus. Ele foi uma pessoa rebelde sem medo das autoridades e que lutou para melhorar o mundo e restaurar a justiça.

⑥ **Myriam Aldana Vargas**

Praticar um ritual me fez recordar o colégio religioso no qual estudei e dessa vivência ficou em mim algo muito forte: o sentimento afetivo que me ensinaram a sentir com relação a Maria como mulher, mãe e amiga da qual remontam afeto, carinho e ternura. E, por outro lado, pelo fato de ser católica, nunca me senti conformada, mas, sim, trabalhando pela solidariedade e pela justiça onde quer que estivesse e em qualquer comunidade com a qual trabalhava. Entendo que essas duas coisas são referências de minha experiência.

⑥ **Silvia Regina de Lima Silva**

Há pessoas que me marcaram: mamãe, meu pai e um bispo. Marcaram-me com relação ao cuidado do outro e da outra, o compromisso com os mais pobres e o sentido de justiça. O bispo Dom Waldir Calleros, da Diocese de Volta Redonda, era muito comprometido com a teologia da libertação, como mostravam seus sermões, que sempre terminavam com referência aos mais pobres, não importando o texto bíblico. Gosto muito de recordar-me desses fatos.

⑥ **Kelly Cieza Guevara**

Minha mãe falava segundo sua experiência, ela não privilegiava a formalidade dos sacramentos, mas me ensinou o catolicismo. E, quando eu comecei a ir à



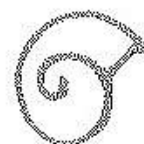
missa, ouvi outro discurso, distinto e contraditório àquele que ouvíamos na família, ou seja, que Deus não discrimina ninguém nem tampouco julga, e que cada pessoa é livre para pensar em Deus e considerá-lo com base em sua liberdade, e, caso considere correta a forma como o concebe, nada nem ninguém podem contestar. Já nas missas ouvia julgamentos. Porém o importante é sentir a liberdade de que, se alguém acha que algo está bem, algo está bem.

☉ **André**

Parte do que foi dito e de que eu ouvi corresponde aos meus sentimentos e à minha compreensão, porém a eles acrescento algo que vem da minha tradição como protestante: a necessidade e o prazer de estudar, que fizeram parte da minha experiência, uma vez que, nas comunidades da qual pude participar, embora estivesse presente o pastor, todas as pessoas eram convocadas.

☉ **Clara Luz Ajo Lazaro**

Meu pai pertenceu a uma seita religiosa unitária que não tinha culto externo nem possuía hierarquia eclesiástica - os quacres. No entanto, meu pai executava coisas muito concretas relacionadas à prática de amar o próximo e ajudar às pessoas. Em minha casa entrava todo mundo e todos se sentavam à mesa. Minha mãe saía para fazer visitas pastorais e, enquanto meu pai lia Bíblia, ela ia para a cozinha lavar e ajudar. Ambos declaravam não à violência e se esforçavam para construir um mundo de paz. Mais tarde me apaixonei por um anglicano e comecei a ter contato com problemas relacionados com a hierarquia. Os quacres quase não tinham hierarquia e, se a possuíam, não era muito estruturada. Nesse momento comecei a ter conhecimento de quem eram os bispos e, a partir desse conhecimento, co-



mecei a lutar um pouco. Nunca senti que estivesse me desprendendo do crucifixo, porque a figura de Jesus sempre foi para mim muito forte. Sinto que, depois que vim para o Brasil, começou meu caminhar com a teologia feminista, e é isso que tenho agora. Aos poucos, quando estive em Cuba, fui construindo em mim uma mescla com as religiões africanas, por exemplo, uma mescla de Maria com Oxum e Iemanjá. Apego-me muito a essas deusas africanas que são as que ajudaram a que me desprendesse do Deus Pai. Essas figuras me ajudaram também a que eu superasse o problema que tinha com a minha sexualidade, meu corpo de mulher e uma série de elementos que faziam com que não me desse bem com a figura masculina.

☉ **Liliana Caicedo Terán**

O que ficou em mim do contato com o cristianismo é a confiança e a crença não só em algo externo, mas também interno que vai fluindo, como o amor e a proximidade com o outro, porque somos iguais; a resistência não violenta e, ultimamente, a morte como companheira da vida, que está aí e que nós a rechaçamos, porque queremos negá-la, elidi-la, que vemos com temor e como castigo, ou seja, trata-se de um tema difícil e que causa muita confusão.

☉ **Coca Trillini**

Vieram à minha memória atitudes aprendidas ao longo da vida. Fundamentalmente duas: uma que diz respeito a todo ser humano. Quando crianças frequentávamos a escola religiosa e nelas nos tornávamos madrinha dos “pagãozinhos”, as crianças africanas que não eram batizadas, e, embora pareça contraditório, essa é uma prática que me serve até hoje para entender a diversidade. Recordo-me de uma oração anônima, encontrada em uma cate-



dral antiga e que se chama *Desiderata*. Esta oração diz: “Ande placidamente entre o ruído e a brisa...”. Outra coisa que me vem à memória é algo difícil de definir, e que de certa forma se encontra expressa na afirmação: “Somos algo mais do que isto que somos”. Passei por distintas etapas na relação com Deus em minha vida. Deus, alguém que está fora e dentro de mim. Sei que, não importa o que ele seja, está e existe dentro de todos os seres humanos, porém não sei como.

☉ **Aidé García Hernández**

Deu-me trabalho pensar na pergunta sobre o que restou de bondade com a vivência da tradição cristã. O que permaneceu como bondade tem sido o que me têm transmitido as mulheres de minha casa e de minha comunidade. As mulheres têm estado presentes e, talvez, por este motivo, sempre temos trabalhado tanto com as mulheres feministas como com as que não o são, porém no sentido da luta, da solidariedade e do amor ao próximo, que é parte do cristianismo e algo que se encontra imerso na luta pela justiça social, pela democracia, que é o respeito à dignidade. Esses valores têm a ver com a herança que adquirimos da tradição cristã.

☉ **Rosangela Talib**

A solidariedade e o respeito pelo próximo são os valores que aprendi com o catolicismo. Com o propósito de responder a essa questão, eu me surpreendi pensando em minha experiência religiosa, que é praticamente nenhuma. Desde pequena era feminista sem sabê-lo. Na minha primeira comunhão, quando ouvi que isto e aquilo eram pecados, me separei dela. Causava-me incômodo o discurso sobre o pecado e nunca experimentei a imagem do Cristo simbólico. Foi motivo de reflexão a convocação



das pessoas pelo sofrimento, e não pela felicidade. E, quando realizei um curso sobre história da arte, senti despertar em mim o interesse pela religião. Gostaria, como psicóloga, de entender por que a religião, como a arte, é tão fundamental para o comportamento humano. Por isso fui fazer um mestrado em “Ciências da Religião”, e aí encontrei as CDD. Continuo com uma postura crítica em relação a essa tradição, pois penso que as pessoas possuem atributos que vão além da condição de pecadoras e de toda essa construção teológica.

⑤ **Paulina Tapia Retamal**

Para mim são duas coisas. Em primeiro lugar, que nada acerca de religião aconteceu em minha vida até que fui para o colégio, onde contribuíram para que internalizássemos a imagem da Virgem, que era Mãe de Deus e também nossa mãe. Eu imaginava, por conseguinte, que tinha duas mães, e isso me causava ternura. Este sentimento deu lugar a um encontro positivo. Em segundo lugar, a imagem de Jesus, como o primeiro revolucionário, que valorizava a todos sem dizer-lhes: “Você é diferente de mim”; e o amor que ofereceu às mulheres - o que foi fundamental - e, principalmente a Madalena.

⑥ **Martín Jaime Ballero**

Para mim, o mais importante tem sido aprender que, a partir do amor, alguém pode transformar a si mesmo. Ensinam-nos que o amor é para o outro ou para a outra e que esse sentimento exige uma mudança pessoal contínua.

⑦ **Ivone Gebara**

Apesar de criticarmos a herança que recebemos do cristianismo, muitas coisas ficaram e muitas delas estruturam nossa maneira de viver; embora o negue-



mos. Algo de bom permanece, e é preciso lembrar que toda a negação contém em si elementos ou aspectos da afirmação. Agrada-me muito reconhecer a importância das vivências familiares e das figuras femininas, com ênfase para a figura materna. José Comblin - um belga que viveu no Brasil e no Chile e que morreu há cinco meses - afirmou em um artigo que a nova geração de jovens, entre 20 e 25 anos, conhece muito pouco o cristianismo, porque são uma geração nascida de pais que viveram 1968, o ano da revolução cultural e das décadas das ditaduras militares acontecidas na América Latina e da revolta contra o cristianismo. Parece-me interessante que, de certa maneira, embora muitos de nós que aqui nos encontramos fôssemos jovens em 1968 e outros sequer tivessem nascido, recebemos algo do cristianismo. E parte significativa dessa doutrina chegou até nós através das mulheres. E percebemos que, quando estas param de transmitir, forma-se um buraco. Há algumas que, como Tereza, deixaram-me admirada quando falaram de seu papai, porque são os pais que transmitem esses valores. Começamos com essa pergunta sobre o que restou em nós da boa herança porque nossa intenção era dizer-lhes que talvez possamos construir algo com base nessa boa herança. Fazer teologia não significa, em primeiro lugar, tão somente posicionar-se contrariamente àquela que já foi pensada, nem tampouco simplesmente lutar contra algo. Fazer teologia também significa começar com uma atitude positiva, sem negar a mescla da vida. Talvez queiramos deixar esse algo que herdamos para nossos netos, nossas netas, nossos filhos e nossas filhas. Portanto, pretendo começar por aí, ou seja, dialogar sobre como resgatar o positivo e abri-lo, no interior de um referente teológico religioso tradicionalista, mas também humanista, pois, embora o chame de teológico, ele tem também outro significado.



Quero pensar o que é bom para mim e para todas nós. Quero ter o gozo de resignificar as coisas e dizer que sim, que estas coisas me sustentam, embora por pouco tempo, porque é evidente que a evolução do mundo não nos permite ter sentidos eternos. Estes sentidos provisórios que se vão agregando uns aos outros constroem a tela da vida e sustentam os fios da vida.

Um cristianismo de múltiplos rostos

Resignificar aquilo que nos sustenta

Embora de forma não sistemática, farei de novo o caminho no qual nos detivemos nos últimos anos com o intuito de mostrar algo que hoje buscamos. Tendo como pano de fundo tudo o que compartilhamos sobre o que ficou dentro de nós como boa herança da tradição cristã, declaro, em primeiro lugar e neste momento, que não tenho vontade de pensar a teologia - ou a teologia laica - como uma oposição à teologia tradicional ou patriarcal que aprendemos.

Embora continuemos críticas a esse tipo de política teológica implementada pelo Papa e pelo Vaticano, não tenho vontade - confesso - de fazer uma teologia a partir e com base nas brechas que se tenta localizar na reflexão que condensa o pensamento cristão tradicional. Em outras palavras: não pretendo fazer uma teologia de brechas ou buscar brechas na teologia cristã para justificar aquilo que queremos. Meu ímpeto é convidar todas vocês a pensar, neste século XXI e a partir de nossas entranhas, o que nossos olhos veem e nossos ouvidos escutam nas comunidades com as quais vivemos. Estou absolutamente segura de que a tradição patriarcal continua dentro de mim. Com toda a minha militância feminista e minha luta teológica, admito que essa teologia permanece comigo porque se trata de um fato muito importante de minha



vida pessoal e da história da América Latina. O catolicismo patriarcal é um fato cultural e, embora sejamos teoricamente lúcidas e assumamos uma visão crítica, não podemos viver em ilhas separadas do conjunto das pessoas. Embora não frequentemos as igrejas nem leiamos a Bíblia nem ostentemos símbolos cristãos - pois nos apropriamos deles por considerá-los apenas objeto de arte --, mesmo assim temos de admitir que o cristianismo, com seus múltiplos rostos, constitui um dado de nossa cultura.

Pretendo fazer uma reflexão teológica, não contra aqueles que nos oprimem, particularmente a nós, mulheres, mas, sim, a favor de mim mesma e de nós mesmas. Quero mudar a atitude, de modo que ela se torne favorável a mim mesma. Não pretendo dizer que estou excluindo ou contribuindo para que desapareçam os pensamentos ou reflexões das quais discordo. Tanto a atitude quanto a metodologia que pretendo adotar são diferentes.

Quero pensar o que é bom para mim e para todas nós; quero ter o prazer de resignificar as coisas de modo que eu possa dizer que, sim, estas coisas me sustentam, embora por pouco tempo, porque é evidente que a evolução do mundo não nos permite ter sentidos eternos. Os sentidos advindos da resignificação que tentarei, como acontece com os já instituídos, são provisórios, pois se vão agregando uns aos outros e, assim, constituindo a tela que sustenta os fios da vida. Proponho-me a pensar alguns aspectos, condições e dimensões da vida cristã a partir de uma necessidade pessoal.

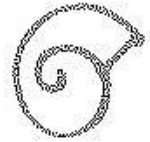
Vocês podem dizer que não têm essa necessidade. No entanto, como se encontram ligadas às CDD, tal afirmação contém uma contradição interior. Para fazer essa afirmação, seria melhor não pertencer a essa instituição que se chama Católicas pelo Direito de Decidir, uma vez que, manter um vínculo com ela, implica não somente uma postura política como também uma convicção pessoal.

Quero começar esta reflexão convidando-as a ter presente que não realizo essa tarefa contra algo, mas,



sim, por amor a mim e à minha história. O cristianismo não pode ser excluído porque, embora intelectualmente eu diga que ele não tem mais sentido, ele não desaparece. Ele está na história, na cultura e segue marcando os momentos culturais e puramente festivos do nosso calendário. O tempo cultural latino-americano se pauta pelo tempo cristão, o que igualmente acontece com as festas populares. A gente fala do Natal, da Quaresma, da Páscoa, do dia de tal e de tais santos, de Nossa Senhora do Carmo, de Nossa Senhora de Aparecida e de Nossa Senhora de Guadalupe. Até os camponeses de Pernambuco, onde vivo, esperam a festa de São José, 19 de março; se não chover no dia desta festa, é motivo para se entristecer, pois, com certeza, a colheita será pequena. Os fenômenos culturais não podem ser ignorados em consequência de minha subjetividade. A partir apenas de minha subjetividade, não posso determinar todos os movimentos religiosos de nossa cultura. Estou falando das referências cristãs, porém, em outros países, se poderia falar das referências africanas. Quando estive no Haiti e em Cuba, observei que aí as referências africanas são muito fortes. O fenômeno religioso não pode ser descartado porque ingressei em outro tipo de racionalidade. Quando estive nos Estados Unidos, faz um mês, encontrei-me com um astrofísico e me causou impacto o fato de ele, com todas as suas teorias cosmológicas, comparecer todos os domingos à missa. Perguntei-lhe por que, e ele me respondeu: "Primeiro, porque necessito de uma comunidade; segundo, porque não descarto a contribuição do cristianismo, inclusive sua nova cosmologia; e, terceiro, porque obtive conhecimentos consideráveis com a teoria cristã, os quais não poderia deixar de lado. Eu não poderia imaginar tal possibilidade, mas ela existe.

Edgar Morin, que é judeu, ainda que não praticante, e que é um grande pensador das ciências, também compartilha esse ponto de vista acerca da importância



e da contradição da religião. Então, volto-me para mim mesma e passo a pensar todas as coisas a partir de mim, por amor à minha própria história, por amor a vocês, porque temos o direito de dizer de que maneira a tradição cristã repercute em nós mesmas e nos outros. Eu não a ignoro, pois não posso ignorar o que se passa hoje. Por esses motivos, não tenho nenhuma pretensão de dizer, como o fizeram alguns teólogos da libertação, que os destinatários da teologia da libertação eram os pobres. Eu não tenho essa pretensão. Eu digo que os destinatários da teologia laica somos, em primeiro lugar, nós mesmas. Quando vale para mim, pode ter valor para outros, principalmente quando se percebem vivos os significados que fazem sentido para nós.

Creio que a autoridade se origina em nós porque somos as interlocutoras; portanto, deve-se fazer uma reflexão teológica, em primeiro lugar porque, para nós, ela constitui uma possibilidade de pensarmos nossas crenças e tradições religiosas, o que também se dá a partir de uma eleição pessoal. E isto é tão forte que, quando lhes perguntei quais eram as coisas que cada uma guardava como herança positiva da tradição, as respostas oferecidas foram muito pessoais. Uma falou de seu pai, outra de sua mãe ou de sua avó, de suas amigas, de sua comunidade, de seu estudo, das peregrinações etc. É muito bonito ver que estes são os fios que sustentam uma parte importante da nossa vida. Por isso, quando reduzimos a religião à luta política, estamos falando mais da roupa do que do corpo. Quando fazemos teologia para irmos de encontro aos opressores ou à dominação hierárquica patriarcal, estamos construindo couraças, mas não estamos nutrindo nosso corpo, nosso coração, nosso desejo de bem viver. Além disso, as coisas se tornam exteriores, e não do interior. O que pretendo propor o faço com muita humildade, e, realmente, é assim, porque vocês não se imaginam com as dúvidas que tenho, que me cruzam a cabeça, o corpo e os pensamentos. Mas vo-



çês podem perceber esse meu estado pelo lento caminho que faço para desenvolver o que desejo propor. É como abrir pequenos caminhos em um denso bosque sem ter a luz necessária para ver o próximo passo. Quero propor que façamos uma reconstrução dos sentidos da tradição cristã, porque também outras pessoas que nos oprimem se apropriam dessa tradição, e nós só sabemos tomar a atitude de defesa. Façamos o esforço, ainda que sejam esforços tímidos, sensíveis, de dizer por onde é, de dizer em qual direção queremos que as coisas caminhem. Não queremos a história sem os sentidos que pretendemos construir juntas para nutrir as nossas vidas.

Perguntemos quais os sentidos que podemos construir entre nós e, depois, com as comunidades. Quando Mônica falou de seu trabalho com as comunidades campesinas e indígenas, não é ela quem lhe dá sentido, mas, sim, eles, os pequenos grupos, frágeis; são eles que constroem seus sentidos. Trata-se de um passo diferente ao que demos até a gora, uma vez que nas CDD não é com um passo que se abandona o debate político, porque ele nos faz ficar mais atentas. Porém encontramos-nos também em um processo de construção individual. O debate político não pode situar-se sem que corresponda a uma convicção. Eu não tenho o valor de identificar-me como CDD se só o faço para combater aqueles que atacam nossas propostas. Trata-se de um processo que, a partir da eficácia do momento, não nos serve, porque aí só quero alçar minha bandeira; porém ela cai se não contar com o suporte de minhas convicções.

Acredito que corremos o grande risco de não sustentar nossas convicções. É interessante que algumas de nós tenhamos falado da nostalgia que sentem pelas comunidades por expressarem suas convicções em um contexto que não é o das batalhas políticas, mas que, no entanto, é vital. E, para mim, a grande perda, inclusive política, é não estudar nem refletir a partir de nossas convicções pessoais. Volto, portanto, à questão acerca de quem tem

autoridade para fazer teologia. Quem tem autoridade para dizer que ser humano queremos ser e que humanismo estamos construindo. A questão já não é que a igreja se converta ao feminismo e que o feminismo se converta à igreja. Já não se trata da conversão de um ao outro, mas, sim, de tocar o solo sagrado de minha própria vida, da vida de todas nós, de tocar o solo do que penso que é uma religião. Por esses motivos, meu passo seguinte será redescobrir o sentido da religião para nós e para aqueles que nos oprimem e se apropriam dessa tradição.





*A religião é a saída para a adesão
a uma responsabilidade coletiva.*

*Enxergo esta perspectiva de
forma muito clara na tradição
cristã, embora lhe tenhamos
usurpado a dimensão ética, ao
nos voltar tão somente para
aquela relacionada com os ritos
mágicos, que visam à cura e
à obtenção de favores e de
milagres, e que desse modo
glorifica e exalta o poder e
a majestade de um Deus que
se encontra acima e fora do
domínio humano e cujos atributos
infinitos o constituem um ser
em si mesmo todo-poderoso.*

Religião

O passo para a adesão a uma responsabilidade coletiva

“O que é uma religião?” Para responder a essa pergunta, tenho como referência o cristianismo. No entanto, o fato de lançar mão dessa contribuição não significa que eu negue ou conteste aqueles oriundos da doutrina de outras vertentes religiosas. Em outras palavras: o fato de recorrer ao cristianismo não significa que outras religiões - como o candomblé, o budismo, o hinduísmo e o islamismo - não possuam uma perspectiva própria, que, para seus adeptos, é tão legítima como é para nós a teologia cristã. É interessante, nesse contexto, considerar que aqueles que são adeptos dessas vertentes religiosas, principalmente seus líderes, estão implementando uma busca semelhante a nossa, qual seja, conferir novas significações a algumas concepções. Por exemplo, há mulheres no judaísmo e no islamismo que, neste momento, estão comprometidas com a luta de ressignificar alguns valores de suas crenças. E, no meu caso, se recorro ao cristianismo, é por não ter condições nem autoridade para tentar essa busca em outros territórios e responder a essa pergunta com subsídios neles descortinados. Portanto, se tenho algo a dizer, ele advém do cristianismo. E o que lhes proponho é refletir novamente sobre o que é uma religião, deixando de lado definições já consagradas como aquela que diz que sua razão de ser encontra-se impregnada na



etimologia da própria palavra, que se origina do verbo *reiligare*, que significa conectar diferentes planos do universo, como o humano e o divino, e, conseqüentemente, conectar todas as coisas.

Essa definição, como outras, continua existindo e é coetânea a outras como a que me inspirou, como também a outros estudiosos, e à qual dou ênfase: aquela que reconhece a prática religiosa como resultante de uma adesão com responsabilidade. A adesão constitui a estratégia que encaminha para uma responsabilidade coletiva. E vejo tal perspectiva impregnada de forma clara na tradição cristã, pois, embora a tenhamos despojado de sua dimensão ética e nos apegado tão somente a seus ritos, principalmente àqueles que visam à obtenção de milagres e de favores, justificam a majestade de um Deus, que se encontra acima e fora do domínio humano e cujos atributos infinitos o constituem um ser em si mesmo todo-poderoso.

Pretendo sair um pouco dessa significação, o que implica, em certo sentido, caminhar na contracorrente da nossa cultura, uma vez que o rosto oficial do cristianismo é o de um Deus Todo-Poderoso, e que, portanto, pode tudo. Tal concepção não só é apresentada pelas autoridades da igreja católica, como também é ponto de partida para a compreensão do cristianismo como fenômeno cultural, tal como atualmente é apresentado nas práticas religiosas televisivas. As igrejas de massa são um fenômeno latino-americano e atraem milhares de pessoas sofredoras. Elas apresentam em primeiro plano uma multidão que sofre de enfermidades horríveis e que vivencia situações desesperadoras.

Não estou louvando essas religiões, pois, se possuem tanta visibilidade, é porque vão ao encontro de alguma expectativa ou de algo intenso que nosso povo vivencia, não se tratando apenas de manipulação. A população vivencia algo que pode expressar sua necessidade absoluta e não correspondida de sentir-se amparada, compreendida e acolhida. É interessante observar, por exemplo, nos movimentos pentecostais que se manifestam em muitos



lugares, que os corpos dos enfermos são tocados e que as pessoas se abraçam. Além disso, seus adeptos trazem alguns objetos da igreja para casa - água benta, lenço, sombrinha - talvez porque, para eles, esses objetos expressam e recordam, em sua materialidade, a intensa vivência do fenômeno religioso.

Vejo nesses fenômenos algo mais do que simples alienação religiosa - concepção esta que não surgiu agora e que foi intensamente difundida através da expressão "a religião é o ópio do povo", o que aconteceu principalmente na década de 1990 e, mais intensamente, no ano de 1968. A ela foi acrescida a definição de que essa alienação tem lugar entre o um e o um mesmo. Tanto Marx como Feuerbach conceberam que a religião é o ópio do povo ou o sonho dos oprimidos enquanto possibilidade de realização de desejos irrealizáveis. Essa construção teórica, cuja intenção era esclarecer esse fenômeno, ocupou papel importante nas análises políticas dessa década, aproximando-se dele, também pela grande repercussão, a teologia da libertação, dada a sua pretensão de constituir uma saída ou o remédio para superar a alienação.

No entanto, a alienação não é um fenômeno superável, pois todas nós somos, de certa forma, alienadas de algo. Tudo depende do ponto de vista e da perspectiva a partir dos quais nos localizamos e fazemos a leitura de nossa própria história. No entanto, este argumento é sempre visto como uma vã tentativa de reduzir os amplos processos sociais e econômicos a uma perspectiva pessoal. Contesto-o, mas, ao mesmo tempo, reconheço nele aspectos consistentes, por se tratar de percepção inquestionável ver a alienação como aquilo que não é seu, ou, em outras palavras, como aquilo que não é inerente à sua maneira de ser.

Nós, feministas, há alguns, quando começamos a estudar o fenômeno do fundamentalismo, nos demos conta de que também o somos, uma vez que olhamos o mundo segundo o nosso ponto de vista, e que, com base em nossa percepção individual, reconhecemos que o mundo está alienado, porque diferente do que imaginávamos, e/ou



porque dele se distanciam as importantes teorias que o explicam.

Depois dessa passagem marcante pela problemática da alienação religiosa, o que ocorreu nas décadas de 1960, 1970 e 1980, voltamos a esse fenômeno sob o viés do feminismo e temerosas de nos identificar como religiosa, cristã ou católica, pois toda e qualquer afirmação de identidade passou a ser vista como algo negativo, e não como motivo de orgulho. Ao afirmarmos que não é boa a igreja que aí se encontra, com esse Papa e com os bispos que conhecemos, pretendemos, com essa afirmação, dizer que somos boas, muito melhores, e, assim procedendo, nossa atitude é aquela que me orientaram a não ter, qual seja, “jogar fora a criança junto com a bacia e a água do banho”.

Meu intuito com esses comentários é dizer que há algo mais no cristianismo, além do que dizem os homens ilustres e glorificados. Há algo que vem das entranhas da sabedoria humana e que nos conecta uns com os outros. Como a água está muito suja, corremos o risco de jogá-la fora juntamente com as outras coisas.

Não nos agrada a religião espetáculo, com efeitos mágicos, nem tampouco as concentrações de massa para benzer as pessoas com água benta. Nossa racionalidade feminista não suporta esse tipo de coisa - no entanto, é preciso deixar claro que é nossa racionalidade que não suporta, e não a realidade que aí se encontra. Esta, sim, suporta.

É também interessante notar que a crítica da alienação e da religião como espetáculo, muito forte no ano 2000, é algo da classe média, porque não sabemos conviver com a mescla da vida - e nisto eu confesso *mea culpa*. Não sabemos conviver com isto nem tampouco com o pecado. No bairro em que moro, as mulheres convivem bem com o pecado - nós, não, pois temos um viés moralista - e como gostamos da moral! Somos moralistas, e as pessoas pobres não são assim! Minha vizinha me disse: “Hoje vou visitar meu filho, que está na cadeia porque matou o companhei-



ro". Eu jamais diria isso, jamais contaria essa história. Já outra vizinha me disse que roubou o marido de outra vizinha sua. O que pretendo ilustrar narrando esses fatos é que essas pessoas são maiores que nós, que temos a pretensão de julgá-las a partir de nossa própria subjetividade. Necessito que alguém me diga: "Este é seu mundo".

Superadas de certa forma essas preocupações, as feministas passaram para a fase das reconstruções; todas nós as realizamos e continuamos a realizá-las. Reconstruímos os comportamentos sociais, religiosos e os conteúdos patriarcais. Sem dúvida alguma, trata-se de tarefa importante, que continuaremos a realizar, como ocorre e ocorreu com outros processos. No entanto, atualmente, mais que em outros tempos, me pergunto: "E eu, o que sou em tudo isso? E eu, que comida como? Que coisas me nutrem? Em que creio? Qual é a minha comunidade de referência? Por onde vou? Para onde quero ir e com quem?"

Encontramo-nos em um momento muito crítico, principalmente porque temos muitas dificuldades para dizer realmente o que cremos a partir da perspectiva da tradição cristã. Podemos, sem dúvida, fazer algumas afirmações genéricas, como, por exemplo, que gostamos muito que Jesus tenha feito isto ou aquilo. Porém meu desejo, minha vontade, é que tenhamos algo mais substancial, desde que seja isso realmente o que queremos e que achamos importante; e se isso, efetivamente, nos faz viver.

Diálogo com as/os participantes

⊗ Luz

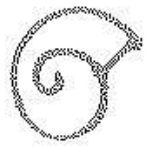
Uma das coisas que você disse e que me mobilizou é que não podemos ter sentidos eternos. E eu vejo que as CDD, como instituição e como pessoa, vivenciaram de forma diferenciada os processos de desconstrução dos planos individual e coletivo.



Quando ouço você, lembro-me do momento em que estávamos empenhadas na tarefa de desconstruir a transcendência, o que gerava em nós um ruído profundo e potente: Deus, em sua fragilidade. Apresentava-se, pois, a necessidade de desconstruí-lo com o rosto de homem. Depois de fazer essas reflexões, no decorrer do processo, sobre o Deus das mulheres, percebi que continuo tendo em mim esse Deus masculino e onipresente. Por isso, compreendo que vinha desconstruindo esse Deus, mas, atualmente, creio em um Deus que é parte de um mistério maior, sobretudo no que se refere à vida e à morte. Não posso me imaginar uma pessoa religiosa fora dos âmbitos da vida e da morte, no sentido da vida e da transcendência; não posso imaginar-me uma mulher crente sem pôr nele o nome homem e mulher, ou seja, sem a transcendência da vida. Movemo-nos em dois mundos: no político, para oferecer uma resposta ao injusto, e, no mundo pessoal, como mulheres crentes. Recordo-me de seu livro *As águas de meu poço*, precisamente quando você falava dos poços da liberdade. Ao lê-lo, desataram-se vários processos nas pessoas para quem a vida já não tem um sentido fixo. E digo isso a mim e a outras companheiras que igualmente o leram, para buscar o bem-estar não só pessoal como também coletivo. E isso nos dá sentido hoje. Gostaria que você falasse um pouco mais da responsabilidade.

⑥ Paloma

Vem à minha mente Simone Weil, com seu ar, ao mesmo tempo, grave e gracioso. Eu via nela uma mulher mística e sugestiva, e não entendia como uma mulher socialista, uma judia, podia falar aquelas coisas na época da Segunda Guerra Mundial - uma época tão terrena, sem nenhum vestígio



de espiritualidade. E nas afirmações que você faz muitos aspectos de Simone Weil ressoam, como, por exemplo, a turbacão do sentido do sagrado. Há algo disso nas afirmações que você faz. A luta entre a gravidade e a graciosidade: a injustiça é a gravidade e a graça é tudo aquilo que nos eleva. Uma vez fui à exposiçãõ de um escultor que constrói objetos com pedras densas e com outras que possuem orifícios, aberturas. Seus objetos ilustram esse contraste presente também entre a gravidade e a graciosidade. Nossa pretensão é elevarmo-nos a essa verticalidade que nos ofertam o sono e a utopia.

⑥ **Silvia Regina**

Pensava em nossa reflexãõ, e o que você fez foi retomar nosso caminho, sintetizando-o. A teologia laica não é de oposiçãõ nem tampouco seu objetivo é buscar brechas na teologia tradicional. Alguns podem ver a mudançã pela qual passamos e podem ver como estamos mais tranquilas. E, no que se refere aos projetos pessoais, tenho a mesma percepçãõ. Tenho essa percepçãõ no que se refere tanto ao processo individual quanto aos processos coletivos. Observo também muitas jovens presentes neste seminário, e me pergunto se é necessário que realizem todo o processo ou que comecem assumindo-o no lugar onde já se encontra, transformando-se, assim, numa herançã o trabalho até aqui realizado. Outra pergunta que formulo diz respeito ao valor político da teologia que fazemos e qual é este valor. Parece-me que, na realidade que você expõs, existe outro lado. O mundo se encontra mais aberto para receber e dialogar com algumas propostas que temos feito. Volto à teologia laica, porque talvez seja este o momento. Portanto, proponho que reflitamos sobre o valor político e sua contribuiçãõ para o fazer da teologia neste momento.



⑥ **Sandra**

Aprendi a ser católica nas CDD, porém me sinto questionada por ser consequente com esse discurso. Se existe alienação em todos os lados, nós, ao nos situarmos em um lugar minoritário, em meio a essa igreja-espetáculo, não podemos demovê-la, mas, sim, refletirmos sobre esse fenômeno de forma crítica e divulgar essa reflexão. De todo modo, sinto-me frustrada porque, se por um lado é pacífica nossa posição, por outro o meio que enseja o fenômeno da igreja-espetáculo é agressivo e destruidor. Verifico, portanto, ser muito difícil trabalhar de forma crítica em uma sociedade tão alienada como a nossa, como também superar as dificuldades de modo a alcançarmos o meio termo, opondo a esse discurso agressivo o da humildade.

⑥ **Tirsa**

Minha reflexão caminha na perspectiva apontada por você, precisamente quando você diz que outros julgarão a minha alienação, e não a deles. Desse modo, você lança um questionamento muito pertinente, embora não exista espaço para discutir nossas convicções. Você nos ensina a ver, como afirma Edgar Morin, e a ter um olhar mais complexo, apesar de nossas convicções. Pergunto-me como construir ou dar forma a essa teologia laica a partir desse olhar e como construir algo com aquilo que ele encontra.

⑥ **Regina**

Estive pensando na construção de algo para fora e para dentro de mim mesma. No que diz respeito ao fora, ao mundo externo, somos minoritárias e não dispomos de elementos concretos para construir uma compreensão sobre o cristianismo ou acerca da nossa capacidade de construir vínculos. Por outro



lado, não há um pensamento hegemônico em relação à busca e a essa construção. Nossas vidas são regidas pelo acaso e ele é cada vez mais forte e tem sua beleza. Porém, por um lado nos perguntamos como se dá essa relação entre o acaso e o sentido e, por outro, questionamentos em qual comunidade religiosa, heterogênea e laica ocorre um equilíbrio e qual é a sua natureza. O mais forte, sem dúvida, é a busca de sentido vivenciada pela comunidade como a experiência de algo maior e que diz alguma coisa a respeito de mim mesma. No entanto, já não há mais lugar para uma experiência religiosa dessa natureza. Temos experiências que dizem respeito à amizade e às boas sensações, e essas cabem em nossas vidas. Alguém falou do mistério e da morte, e cabe à religião oferecer explicações sobre esses fenômenos; porém, para nós, isso seria apenas um consolo. Por que é tão difícil, por exemplo, entender que outras espécies não humanas vivem e morrem por acaso, mas, quando se trata de aceitarmos esses fatos em nós mesmas, nos consideramos especiais a ponto de não os aceitarmos com a mesma simplicidade?

6 André

Você falou de três coisas: da tradição, das convicções e do processo de desconstrução. Em primeiro lugar, a tradição. Não sei se é porque me encontro em conflito com minha comunidade que, para mim, ela não é tão importante. E não é porque estou em desacordo com a orientação de que somos resultado de muitas tradições. Trabalho com pessoas trans e me pergunto até que ponto as tradições são mais importantes para o povo. As pessoas sensíveis recolhem as coisas da tradição, e o fazem de forma responsável e produzindo teologia de modo também responsável. Marcela, uma teóloga com quem



trabalho, fala da “desfiliação” e da “desfamiliarização”, significando com esses termos o ato de apartar-se de uma família patriarcal. Em segundo lugar, as convicções são experiências profundamente corporais e anteriores a qualquer explicação racional ou volitiva. E trata-se de experiência muito original o modo como articulamos quais são essas convicções e por que elas existem. É impossível explicar por que o aborto se converte em tema importante para mim, que sou um homem. Há que lembrar e articular quais são essas convicções. Todavia, para mim elas são anteriores, porque corporais. Em terceiro lugar, o orientador do meu doutorado afirmou que desconstruímos e construímos e que não entende o que estamos construindo, dado que se trata de construções muito provisórias. Trabalhamos com o provisório, mas não publicamos o provisório, porque, quando decidimos fazê-lo, já estamos pensando outra coisa. Portanto, coloca-se para mim a pergunta: como fazer teologia com essa provisoriedade e com todos os desafios que foram apresentados?

⑥ Mónica

Faço uma reflexão em voz alta, pelo fato de se estar vivenciando, hoje, no Equador, o processo de constituição das CDD. E uma das primeiras questões que formulamos foi nesses termos: por que as CDD são católicas? Formulo essa questão ao verificar que todos os membros dessa instituição vêm de uma trajetória feminista, e que, em decorrência do processo de desmobilização do movimento das mulheres, deram lugar ao surgimento desse espaço distinto. Pergunto sobre aquilo que o faz distinto, se é o nome ou a construção do sentido: Quando abandonamos o tapete da tradição católica, vemos como esse solo inseguro pôde ser construído a par-



tir da mirada de novos sentidos, que podem servir tanto para a construção de uma organização como para o fato de ela ser voltada para as mulheres. E, quando você nos desafiou com perguntas sobre que sentido têm para nós as lutas que travamos e qual o sentido da transcendência em que acreditamos, constatamos que, ante a necessidade da ressignificação, faz falta a sinceridade profunda para que não se permaneça apenas nos discursos. Que nossos corpos e nossas mentes tenham o mais alto grau de bem-estar e que nós, como mulheres, possamos dar o exemplo de viver essa experiência da qual podemos dar mostras. As outras mulheres veem o que somos, e não só o que fazemos, e isso gera medo, porque a nós compete mobilizar uma série de coisas. Estamos empenhadas nesse processo de desconstrução e de construção coletiva. E, para o educador, é muito importante o que estamos vivendo aqui, porque reafirma fatos e atitudes com as quais queremos compartilhar.

⑥ **Ivone**

Foram muito interessantes todos os comentários. Não tenho a pretensão de responder a todos porque não há nada para responder. Estamos construindo juntas um discurso. No entanto, quero retomar algumas coisas à minha maneira. Uma delas diz respeito ao caminho que tomam minhas convicções. É interessante notar que algumas de nós falamos de “minha” relação com a transcendência ou de ter um Deus, meu Deus. É nesse contexto que me fiz a pergunta que quero devolver-lhes: quando falamos de transcendência o que entendemos e o que queremos dizer com essa palavra. Creio que teríamos, primeiro, de esquecer tudo o que chamamos de transcendência religiosa, e, segundo, queria convidá-las a retomar o sentido da palavra “transcendência”.

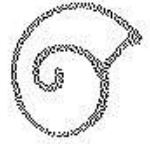
Transcendência

A proximidade do outro que me interpela

“O que é transcender?” O ato de transcender pode ocorrer ou para cima ou para baixo ou para os lados. O ato de transcender implica, em primeiro lugar, transcender a mim mesma - esta é a primeira experiência que posso ter da transcendência, qual seja, aquilo que vai mais além de mim. No entanto, tudo se situa além de mim e, conseqüentemente, tudo me transcende. Paloma referiu que gostava de constatar que todos são seu corpo. Todavia, dessa ideia da transcendência resulta que tudo nesta terra é transcendência e, ao mesmo tempo, imanência.

Na tradição cristã, o outro, a outra, aquilo que não sou eu me transcende e exige de mim ou me faz perguntas a partir de sua própria vida. Na tradição cristã, as coisas que aprendemos e as diferentes gerações nos têm legado o outro e a outra. E, mais além de mim, Deus - não o Deus Pai, um ser em si mesmo todo-poderoso, mas um Deus que chama a minha responsabilidade, pois me convoca de diferentes maneiras. Embora eu não sinta nada por ele e, até, sinta medo de tocá-lo. Um cachorro ferido na rua me transcende e, ao mesmo tempo, me convoca a oferecer-lhe ou não uma resposta.

Esta tradição cristã desapareceu ou se reduziu a uma bela retórica. Temos falado apenas da transcendência vertical, aquela que localiza essa condição em um ser



todo-poderoso, que podemos chamar de Deus, se quisermos. No entanto, essa maneira de entender a transcendência não é muito cristã. A outra se refere à tradição da transcendência ética - a horizontal, que não consideramos tão importante, embora tenhamos vivências dela todos os dias. Os outros e as outras estão todo o tempo aí, com seus rostos divinos que amamos ou com rostos que nos despertam horror ou, ainda, indiferença. Eles nos interpelam, nos aborrecem, ou seja, despertam em nós os mais variados sentimentos de aproximação ou de rejeição.

Sabemos que não podemos amar todas as pessoas, mas, sim, algumas, e, por este motivo, localizamos a transcendência no amor ao próximo. Refiro-me a essa transcendência como algo cristão, e ela se encontra presente na cultura de diferentes maneiras. Encontra-se presente na literatura, na poesia, no cinema, no teatro, na televisão, nos periódicos etc. Por exemplo, há no Nordeste brasileiro a tradição dos cantores populares. O cantor, em primeiro lugar, tem de elaborar seus versos e, para tanto, é preciso que conheça a Bíblia, pois uma das funções que atribuí a seu trabalho é moralizar o povo. Eu fico com a boca aberta quando os escuto, e, amiúde, o faço. Não gosto de suas rimas, mas acho interessante que seus versos sempre falem do dever de amar os pobres, os enfermos, os famintos e as crianças que sofrem. Eles declamam: "Como dizia o profeta...", embora não o nomeiem e sequer saibam qual é o profeta. Falam dos ricos que nos impõem impostos que temos de pagar. Esta é a tradição religiosa, não do interior das igrejas, pois nem todos esses cantores a frequentam.

Tampouco não se trata de uma moralidade pequeno-burguesa, porque essas imposições se fazem presentes em todos os movimentos religiosos, inclusive no Brasil. Por exemplo, os "Cangaceiros" eram um grupo de justiceiros que, no século passado, no Nordeste brasileiro, roubavam dos ricos para dar aos pobres. Eram muito de-



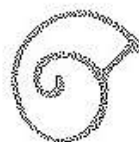
votos da Virgem Maria e chegaram a proclamar que matavam em seu nome. Os “Sicários”, na Colômbia, também são devotos da Virgem. Eles não têm a autenticidade da tradição teológica da Igreja, embora tenham aquela que lhes é própria.

Não tenho a convicção de que é Deus que de cima promove a mudança das coisas, mas, sim, que a proximidade do outro ou da outra me interpela. Um Deus aqui me auxilia a mudar. A proximidade é transcendência horizontal; não estou falando de Deus nem vou ao meu quarto ver qual é a sua vontade. Isso é um engano. Não me oponho às meditações, pelo contrário; no entanto discordo de que alguém de cima venha me dizer o que fazer. Esta não é a experiência do mistério diante do qual nos sentimos pequenas. Minha convicção é esta e, às vezes, a comunico para as pessoas do meu bairro. E as mulheres costumadamente dizem, apontando para o céu: “Você não sabe, mas Ele sabe!”.

Sua relação com a transcendência se dá a partir de outro lugar. Tenho de localizar de novo o sentido dessa palavra. Quando nos referimos, por exemplo, à busca da transcendência, isso não significa que se tenha efetivamente procurado-a, uma vez que ela nos rodeia todo o tempo. Às vezes nos apaixonamos e, às vezes, não a consideramos transcendência. O esquema hierárquico patriarcal é tão forte que vale mais dizer que Deus sabe do que ver o que eu tenho feito para complicar a vida das pessoas.

Política e estrutura

Além da transcendência, temos também de retomar o sentido da palavra “política”, pois, desde a teologia da libertação e dos primeiros anos da teologia feminista, falamos de política de maneira mais ampla, qual seja, como transformação de estruturas como coisas grandes que podem ser vistas.



Acredito que hoje temos um pensamento crítico em relação a essa noção de estrutura. Trata-se de redes de relações, não somente como as traçamos nas décadas de 1980 e 1990, mas apreendendo-a como uma pirâmide em cujo topo se situam os ricos e, em sua base, os pobres, sustentando os demais. Reduzir a questão das estruturas ao modelo da pirâmide não dá conta da realidade. Poder-se-ia dizer, de maneira muito simples, como os cristãos que militam nos movimentos de esquerda da América Latina se sentiram apoiados por um pensamento religioso cristão que lhes dizia: "Continuemos fazendo a revolução social por ser esta a vontade Deus". E a cara política da teologia da libertação foi a legitimação dos movimentos sociais, e muitos deles têm sido implementados por teólogos e teólogas da libertação e, inclusive, por alguns bispos.

Essa participação ocorria porque o contexto político e econômico naquele momento permitia. Até mesmo incentivava a participação de algumas lideranças da igreja, e a cara da igreja, naquele momento, era de compromisso político. Atualmente, ela possui uma cara plural, não só conservadora, porque há pessoas que continuam comprometidas com políticas e com questões sociais. A cara política do Vaticano é de direita, mas qual a cara política do episcopado da Nicarágua? É conservadora. Qual é a cara política do episcopado brasileiro? É também conservadora. Qual é a cara política da teologia feminista? Eu não sei, teria de ver, porém no Brasil temos uma cara política pura. As CDD a têm, mas não são a cara da teologia feminista, uma vez que essa entidade não congrega as teólogas feministas. Todavia, sou tentada a dizer que não há uma cara politicamente definida na teologia feminista. Não há uma cara política, mas, sim, individuais. Por exemplo, a teologia de Nancy Cardoso tem um valor político, mas não como nas décadas de 1980 e 1990. Esse contexto desapareceu e nós já estamos em outro momento histórico.

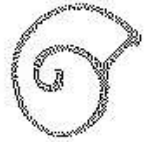


A necessidade dos processos individuais

O que ora realizo com vocês é a construção de uma metodologia, cujo processo é lento. Não estou oferecendo-lhes respostas de uma vez. São excelentes as questões que foram formuladas pela Sandra, foram ótimas, mas temos de nos acostumar com a constatação de que, se não passam por processos pessoais, os processos coletivos não dão frutos. O que pretendo dizer com essa afirmação é que, por exemplo, se não sinto na pele os sofrimentos vivenciados pelas mulheres dentro de uma fábrica, dentro da igreja, não tenho autoridade para dar sequer um passo adiante. Você diz: “Aprendi a ser católica com as CDD”, porém – e, aí, me corrija se minha interpretação não for correta – aprendeu a importância da reação das CDD contra uma teologia opressora das mulheres, porém não aprendeu que, dentro da tradição cristã, há elementos que poderiam ajudar você, como pessoa, a ser uma combatente mais forte das causas que você abraça. Sinto que os movimentos se perdem por falta de conhecimento.

Não podemos reduzir a tradição ao esquema autoritário que a igreja nos tem dado. Em vez de apenas criticar a igreja hierárquica, que, sem dúvida, merece ser criticada, o que critico é a tradição desses senhores. Mas formulo para mim mesma a pergunta: “Posso fazer outra coisa, uma vez que o cristianismo pode vir a desaparecer?” Não tenho nenhuma fé de que isso não aconteça. Mas uma pergunta mais radical persiste: “Por que o cristianismo?”.

Pretendo retomar algumas temáticas que são para mim deveras pertinentes nos dias de hoje. Podemos fazê-lo em grupo, e, embora seja algo um pouco elitista o que vou dizer, é necessário fazê-lo individualmente e, novamente, ruminá-lo individualmente. Apesar de todo o esforço que temos feito no passado, porque nos haviam dito que o eu não tem importância, voltamos, agora, a reconhecer sua importância. Porém este atributo não elimina a importância do outro, e isso torna a tarefa difícilíssima.



Não se trata de promover uma idolatria do eu, mas, sim, de amar o eu, que tem necessariamente seus limites. Penso que, mais que acaso ou segurança, nossa vida é uma sucessão de encontros e de necessidades que se cruzam. Ou seja, não descrevo a vida somente como acasos - sem dúvida, eles ocorrem -, mas tenho o desejo de não falar só deles, pois cada uma de nós busca satisfazer sua necessidade cotidiana e a de sua família.

Quando eu era jovem, era muito católica, terrivelmente católica, e tinha muito medo de Deus. Mas fui encontrando coisas e agora sou atea do Deus em que eu cria e de muitos outros deuses. Minha pergunta é: isso se deu por acaso? Não foram os múltiplos encontros de minha vida? Não sei explicar como eu que era tão santa e católica me tornei uma iconoclasta. Sem dúvida, foram encontros com gente de carne e osso aqueles que me causaram impactos e situações que em minha carne eu não podia aceitar. Então me convenci de que este esquema da verticalidade não serve, como se acima de tudo houvesse um Deus que sabe tudo e possui um plano. Ninguém sabe nada, sei somente que dou um passo e outro, que posso ter grandes sonhos e as utopias mais variadas, mas isso não quer dizer que elas vão realizar-se. Inclusive posso lutar com outros que as têm, porém a única coisa certa é o passo que dou. O que irá acontecer comigo amanhã, não sei. Tenho planos e compromissos em minha agenda, porém os imprevistos são partes de minha vida.

Penso que há coisas que nunca poderei mudar. Isso é determinismo? Não, é que as coisas se dão dessa forma. Há heranças de meus ancestrais presentes em mim que não posso mudá-las. Há escolhas que outros fizeram por mim que não posso mudar. Escutei de um escritor português que conheceu Gilberto Gil o seguinte: "Eu quis ter um filho deste homem". Eu retruquei: "Eu também, porém não posso". Esta é a parte da finitude da vida. Podemos criar as utopias sociais e políticas. José Saramago dizia que sim, poder-se-ia, mas teria de colocar essa pa-



lavra no dicionário entre parênteses, e isso porque, dizia ele, é muito fácil construirmos utopias para que outros as vivenciem. E ele dizia também que sua utopia estava em seus próprios pés. Era o que ele acreditava que poderia caminhar, embora seu sonho fosse maior que eles - os pés - e apenas a ele se destinasse. Penso que cada geração pode pensar sua utopia e sua “topia”, como fazemos nós agora.

☪ Coca

Isso que você me diz me faz retroceder a anos atrás. Quando alguém me dizia “é assim que eu sinto”, eu o criticava por ser autorreferente. Tivemos de fazer um exercício para deixar de ver assim, o que exigiu vivenciar um processo de construção, que nos obriga a repensar a partir deste lugar ao qual você fez referências. Nesse sentido, estou de acordo com o que você diz, porém, na prática, tenho de fazer um exercício para recuperar-me. Quando alguém se acha convencida de algo e não o diz - é o exercício que estou realizando.



A pretensão à universalidade não é mais que isso, ou seja, uma pretensão. No seio daqueles a que chamamos católicos há uma pluralidade imensa, a partir de nossos corpos, de nossa sexualidade, de nossa afetividade, de nosso direito de pensar nossos corpos de maneira diferente. E isto produziu uma ruptura na hegemonia católica.

A importância de chamar-se católicas

Um questionamento à pretensão de universalidade

Quero voltar à questão da religião como responsabilidade. A pergunta formulada por Mónica se relaciona com a seguinte questão: por que o fato de as CDD serem católicas as tornam um espaço distinto. Como vocês sabem, as CDD tiveram sua origem nos Estados Unidos, em 1973. É importante ter presente que, nesse momento, havia nos Estados Unidos um desenvolvimento no âmbito do feminismo bastante importante. E aqueles que mais confrontavam o feminismo eram os grupos da igreja. Então, um grupo de mulheres feministas, que eram católicas, criaram esse movimento pelo direito das mulheres não só de tomarem decisões sobre seus corpos como também de compartilharem o poder no interior da igreja. Essas foram as razões que influenciaram o surgimento das Catholics for a Free Choice (CFFC). Essas primeiras mulheres não eram teólogas, mas feministas de cultura católica, como Frances Kissling, que foi presidenta da CFFC durante muitos anos. O primeiro impulso não foi pelas comunidades pobres nem pela mudança da leitura bíblica dos textos, mas, sim, por um embate político diante dos senhores da igreja que criaram problemas. Depois a instituição viveu uma evolução a ponto de na América Latina apresentar outro rosto. Começam a ser introduzidas em seu interior questões teológicas, distintas da teologia cristã



tradicional. Por exemplo, nesse momento no Equador, a história da instituição é bem singular, pois ela tem origem com um grupo de mulheres norte-americanas que começaram a discutir questões teológicas. Houve um tempo em que procedíamos à desconstrução da teologia, quando se discutiu muito a legalização do aborto. Prosseguiu-se nessa discussão, mas outras foram introduzidas, entre as quais a homossexualidade e a homofobia.

Uma questão que continua relevante é a luta por demonstrar que a palavra “católica” necessariamente não tem o mesmo significado para todos. Não existe o pressuposto de que todos pensam igual. Portanto, a pretensão à universalidade não é mais que isso - uma pretensão. Entre aqueles que chamamos de católicos existe uma pluralidade imensa, a partir dos nossos próprios corpos, de nossa sexualidade, de nossa afetividade e de nosso direito de pensar nossos corpos de maneira diferente. E isto produziu uma quebra na hegemonia católica.

Muita gente não reconhece as CDD como uma instituição católica e as concebe como marginais que lançam mão do adjetivo “católica” para se legitimarem. Poder-se-ia usar a denominação “cristã”, mas se reconhece que ela não possui a mesma força, embora abarque outras igrejas.

Diálogo com as/os participantes

☉ Zeca

Creio que é interessante recuperar a trajetória histórica da instituição, e, para tanto, é importante saber por que, nos Estados Unidos, as mulheres eram feministas e se tornaram teólogas. Na América Latina, passamos pela teologia da libertação, e esse foi o caminho que nos levou ao feminismo e às CDD. Sempre dizemos que as CDD - Brasil não existem por causa da igreja, mas, sim, por causa das mulheres. E isso faz diferença em nossa agenda. A relação com

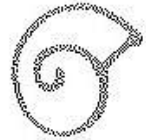


os bispos e com a hierarquia se deu a partir de uma aproximação da luta contra a ditadura. E isto é muito distinto do que se passava nos Estados Unidos. Não sei se as CDD vão transformar-se, porém, do ponto de vista político, é interessante que, constituindo-se num grupo de tradição católica, afirmemos que nos expressamos de outro modo, com uma transcendência horizontal e o reconhecimento de que não há uma lei de Deus ditada pelos homens para os corpos femininos. E que temos o direito de decidir sobre o que se passa com nós. Em todos esses anos, a autoridade cresceu por inclusão, muitas pessoas que lutam conosco não são católicas. Abraçam a luta e creem que a religião não pode dominar os corpos. Somam-se a nós porque veem que a religião tem um poder e uma força muito grandes e que, entretanto, tem muita ingerência nos assuntos de governo. Quando os juízes discutiram a questão dos fetos anencefálicos, por exemplo, me impressionou como muitos começaram a fazer discursos de natureza religiosa antes de examinar a questão jurídica. Falamos do laicismo do Estado, embora ele não seja laico porque, culturalmente, nos falta muito para pensar o Governo e o Estado distintos de nossas eleições pessoais em termos religiosos, por exemplo.

Graciela

O Uruguai é um exemplo disso. Considera-se o país mais laico da América Latina, com a divisão entre a igreja e Estado, e isso há muitíssimo tempo. Mas, sem dúvida, quando o Parlamento aprovou a lei sobre os direitos sexuais e reprodutivos, o presidente, naquele momento, que não é católico, simplesmente porque é médico se deu o luxo de vetá-la, por entender que, do ponto de vista médico, é inaceitável a legalização do aborto. E tudo voltou atrás. Então,

não se dá importância ao religioso em muitos aspectos, porém, quando é necessário ir contra algo como a legalização do aborto, os interesses se unem.



☉ **Ivone**

A Nicarágua é outro exemplo. Os sandinistas posicionavam-se contrariamente às propostas de Obando Bravo, mas, na hora em que não é mais cardeal e preside uma universidade, exerceu uma pressão muito forte, e o Vaticano também. E o direito ao aborto legal, que havia sido conquistado havia trinta anos, foi vetado. Este é outro exemplo da aliança dos poderes. Não que se façam tantas distinções entre igreja e Estado. Ambos andam juntos quando os interesses são os mesmos. O mais interessante é que o Papa Bento XVI enviou uma saudação ao povo nicaraguense por defender o direito à vida.

☉ **Mônica**

Muito obrigada, pois muitas questões ficaram esclarecidas. No Equador, fazemos essas discussões e temos nos aprofundado nelas, pois o que procuramos é sermos consequentes com a fé.

A dimensão comunitária da religião

A busca de outras formas de celebrar

Quando falo em retomar a reflexão sobre a religião como responsabilidade, não estou excluindo outros aspectos que ela possui, entre os quais a dimensão comunitária na qual nos sentimos por ela acolhidos, que envolve festa, compartilhamento das alegrias e das tristezas, consolo mútuo e as dimensões da morte - como viver com os mortos - e do combate. Para ilustrar a dimensão da religião que convive com a morte, quero contar-lhes a história de uma amiga que é professora de filosofia e que não cultivava nenhuma crença ou religião. Seu pai era cantor, não praticava nenhuma religião e trabalhava em São Paulo quando morreu. Ela e sua família igualmente não eram adeptas de nenhuma vertente religiosa, mas queriam, naquele momento, prestar ao morto algum tipo de homenagem - e resolveram celebrar uma missa. Ela me comunicou esse desejo e argumentou que, como o pai, nem a família nem ela haviam praticado ou praticavam qualquer religião, mas sentiam o desejo de reunir as pessoas que o queriam e manifestar a ele afeto e gratidão - mesmo sabendo que, para algumas dessas pessoas, a celebração de uma missa não fazia nenhum sentido. Mas, mesmo assim, queriam prestar ao morto essa homenagem.

Fomos, portanto, à missa, que teve um aspecto interessante: a presença de uma velha amiga do pai, uma can-



tora negra que usou nessa ocasião um elegante vestido de festa que a deixava belíssima. Ela cantou a "Ave-Maria" de Gounod. E, como o pai de minha amiga cantava em um bairro italiano, ao terminar a missa, todos nos dirigimos a uma pizzaria - e lá comemos pizza e cantamos. É interessante notar que, se a homenagem ao pai se reduzisse à ida à pizzaria, por certo não haveria lugar para sentimentos de afeto e a gratidão, sem os quais a reverência feita pela família teria sido insuficiente. Mas a missa na igreja, com todo o ritual que lhe é próprio, conferiu um tom diferente a esse último encontro.

Diálogo com as/os participantes

⑥ Pepita

Quando Bel (Isabel Baltar da Rocha) morreu, uma pessoa tão querida, havia no enterro muitas feministas e nenhuma sabia o que fazer. Então, uma das pessoas que estavam ali se aproximou do féretro e nos convidou a rezar um Pai-Nosso e perguntou, a nós católicas, se podíamos rezar. Naquela situação ninguém se atrevia a ter uma iniciativa. Aquilo me causou grande impacto. O mesmo aconteceu quando minha mãe morreu. Eu estava em casa e senti algo que me pôs em sintonia, em contato, com minha mãe, minhas irmãs e meus irmãos que a estavam velando, longe, na Espanha, do outro lado do Oceano. Encolhi-me, então, em um canto, no chão, ao lado do sofá.

⑥ Ivone

É isto o que a gente não quer perder. Todos vivemos correndo e, nesse mundo, a religião ainda tem algumas funções, entre elas a de dizer adeus aos mortos. Há pouco tempo morreu o irmão de uma amiga, que era um senhor com certo retardo psíquico.



Estávamos em torno do morto e alguém perguntou: "O que fazemos?" Sua irmã me pediu que fizesse algo. Não era uma pessoa da igreja. Eu tive a ideia que relato porque vi que ali havia muitas crianças e percebi que uma delas tinha algo embaixo do braço. Então as convidei a dizer algo sobre o tio que morreu, para agradecer a sua vida. As crianças começaram a falar. Uma delas disse que iria sentir muito falta, porque ele os levava ao futebol e, depois, lhes dava sorvete. Outra disse que, em seu aniversário, ele lhe dera um ramo de flores. Lembraram que o tio se aborrecia muito quando não entendia o que elas tentavam dizer-lhe. Outra criança disse que ela e o tio torciam pelo mesmo time de futebol, o São Paulo - pegou a bandeira que tinha sob o braço e estendeu-a sobre o corpo do tio. Depois de nos darmos as mãos, eu os convidei a rezar um Pai-Nosso. E assim dissemos adeus ao tio e fechamos o caixão. Sentimos falta, nesses momentos, de coisas significativas.

☉ Regina

Também se pode fazer algo diferente. E isso nos concede a religião. A força é a necessidade de pertença - é o que Paloma manifestou quando disse que se sentia parte do corpo místico. Fazia tempo que não escutava esta expressão, que quer dizer o mesmo que sentido de pertença.

☉ Ivone

No enterro de Isabel se poderia ter cantado "*Gracias a la vida*". Religião se manifesta de muitas maneiras. Inclusive a política pode transformar-se em religião, como acontecia, por exemplo, quando o Partido Comunista Francês se reunia e rezava a "quinta missa". No Clube São Paulo há fiéis e torcida porque funciona como uma religião. Os sociólo-



gos mostram a proximidade do sentimento religioso com o de pertença. Falamos, portanto, de um sentimento de comunidade ao qual podemos dar sentido. Quando alguém morre e nos encontramos em uma comunidade podemos deixar de cantar "Meu Jesus amado, estarei em teus braços". O esquema teórico da comunidade poderia ser o de uma comunidade de torcida.

☞ **Liliana**

Necessitamos ir fechando os ciclos e ir celebrando seus ritos. Essas celebrações são muito importantes, mas nos custa realizá-las fora da instituição eclesial. Quando uma etapa se encerra, os símbolos ajudam a resignificar a vida de quem não mais se encontra entre nós. Não só nos momentos da morte, mas, também, por exemplo, por ocasião do batismo dos filhos ou dos netos, os ritos são muito importantes. Por isso não renunciamos a eles, mas, sim, lhes conferimos outros sentidos.

☞ **Clara**

Na América Latina, temos tradições que trabalham muito com os ancestrais. Em Cuba, a população acredita que os ancestrais continuam vivendo com a família, cuidando dela, e a família, por sua vez, lhes oferece, entre outras coisas, a comida de que gostavam. Tentam torná-los presentes, numa espécie de ressurreição, de modo que revivam o que fazia e o que significou para a família.

☞ **Ivone**

Quando delegamos a instituições a tarefa de realizarem nossas festas familiares e reviverem nossas memórias, perdemos muito. Isso porque a instituição não é capaz de fazê-lo. Isso só acontece no mundo doméstico da amizade. Aqueles que outorgam senti-



do são os familiares e os amigos. Temos de resgatar e aprender em meio aos pobres. A perspectiva do outro e sua transcendência na pessoa do morto nos convocam a torná-lo memória e a dar-lhe adeus.

☉ **Myriam**

Essa necessidade aparece somente no momento da morte. Uma amiga queria celebrar a relação de casamento com o companheiro e me pediu que eu celebrasse seu matrimônio. Sugerí-lhe que o fizesse com seu companheiro, mas ela desejava um ritual diferente. Começamos a construí-lo e eu pedi a uma amiga astróloga que me ajudasse na preparação, o que foi muito bom. Temos necessidade de rituais.

☉ **Judy**

Está aparecendo algo interessante neste bate-papo. Muitas de nós conhecemos o significado do ato de celebrar e se trata de uma responsabilidade anunciar que há outras maneiras de realizá-lo. Isto é importante, porque as pessoas que se aproximam sabem dessa nossa condição - e por que não fazê-lo mais amiúde?

☉ **Regina**

Uma pessoa que veio do Nordeste e que me ajudava em casa disse-me um dia que desejava casar-se na igreja - e casou-se em uma igreja pentecostal. O importante, para ela, era casar-se na igreja, não importando qual. Uma questão que se vincula a essa é que criticamos o casamento formal, mas às vezes o rito vale mais que o conteúdo. Não importa se é um Pai-Nosso ou o "Hino do São Paulo Futebol Clube".

☉ **Zeca**

Quando morreu uma grande amiga brasileira, sua filha me disse que os parentes queriam celebrar uma



missa de sétimo dia. Assustei-me com essa atitude por me parecer um pouco agressiva, uma vez que minha amiga era avessa a qualquer tipo de religião. Perguntei, então, a sua filha por que não fazer uma celebração feminista? Ela me respondeu que alguns familiares eram muito religiosos. Fui à procura, então, de um padre amigo meu, porque queria garantir que assistir a essa missa seria uma vivência mais suportável. No entanto, nenhum dos parentes aos quais a filha se havia referido, compareceu, o que me fez compreender que era a própria filha quem desejava que fosse celebrada uma missa para sua mãe. A meu ver, em vez disso, poder-se-ia ter convidado os amigos e as amigas para juntos celebrarmos sua vida, mas, para a filha, naquele momento, a única forma de celebração da vida de sua mãe era a realização de uma missa, o que constituiu mais um dado para que eu chegasse a perceber a necessidade de rituais.

Igualmente em um contexto de discussão teológica sobre o que é religião, uma socióloga francesa, cuja ambição acadêmica é elaborar um conceito sobre religião capaz de abranger todas as formas - institucionais ou não - de manifestação desse sentimento, escreveu um livro cujo título é *A religião por memória*, no qual, além de afirmar que a religião é memória, tenta construir um conceito abrangente de religião. Não só essa socióloga, como também outras sociólogas e sociólogos da religião têm-se deparado com essa dificuldade, o que mostra quão complexo e heterogêneo é o universo religioso.

⊗ Julián

Essa discussão contribui para que surgisse aos meus olhos a força do simbólico. Minhas concepções teológicas são muito racionalistas, a ponto de eu propor que a emoção e o rito não cabem mais no mundo



sacramental. Durante seis anos vivi em uma paróquia da população maia, e eles me devolveram a força do sagrado e do simbólico. Coube-me, muitas vezes, fazer celebrações no momento da morte ou do casamento ou do batismo, momento em que as mulheres me falavam “eu posso levantar o pão e posso levantar o vinho e levantar minha mão para fazer a oração”. Nesses momentos eu podia ver em mim a força que aquelas pessoas possuíam dentro de si. E, às vezes, eu sou proibido de realizar algum ritual. Muitas vezes sou convidado por pessoas - artistas, intelectuais - que não são crentes, porém necessitam realizar algum rito. Alguns deles há mais de trinta anos não vão à igreja, porém necessitam dos ritos. Convidam-me também judeus e islâmicos e, às vezes, algum rabino, e, nessas ocasiões, fazemos uma celebração de acordo com a família e a cultura de cada um. Na vida dos pobres sempre há lugar para rituais. Também no México às vezes são praticados rituais, porque alguns intelectuais, inclusive antropólogos, querem realizar algum rito, e me pedem, por exemplo, “faça algo por papai, que morreu”.

⑥ **Teresa**

Tivemos sorte: Frei Julián benzeu minha neta Rafaela. Ele a benzeu no rito do batismo, em uma cerimônia realizada em minha casa e com minha família. É uma dádiva da vida que ela tenha sido benzida por um homem tão solidário com as mulheres.

⑥ **Liliana**

Ando me perguntando sobre a autoridade. Vem da mão das experiências que se vivencia e do que se está realizando. A autoridade relaciona-se com a vivência, não se tratando apenas de um discurso, pois se reconhece quando as palavras brotam de dentro

das pessoas. Os que as ouvem sabem que se trata de outro tipo de autoridade, e, como católicas que somos, podemos fincar as raízes da defesa dos direitos sexuais e reprodutivos. Depois de tudo que temos compartilhado, torna-se claro aquilo que enuncio quando afirmo que a religião tem muitas funções e que é preciso retomá-la com responsabilidade.





Religião não é só a crença patriarcal ou outro tipo de crença nos muitos deuses - ela é também a expressão das múltiplas necessidades humanas. Quando chamo por Deus, estou pedindo ajuda a partir de mim mesma.

Quando pronuncio a palavra "amor", por exemplo, isso vem de mim, mas, também, de meus ancestrais, do cosmo e da terra. Porém, no momento o que sinto e penso sobre ele vem a partir de mim mesma e, também, a partir de uma perspectiva mais além de mim mesma. E, nesse momento, me localizo na transcendência.

A Religião como resposta a múltiplas necessidades

Uma dimensão ética

Quando falamos da responsabilidade com a religião, no primeiro momento, apresenta-se como se fosse uma carga ou um peso. Todavia, para que identifiquemos a percepção à qual damos o nome de responsabilidade, nosso caminho se inicia com uma breve abordagem sobre a etimologia da palavra "religião", cujo sentido é "responder". Portanto, o sentido dessa palavra, que é oferecer uma resposta a algo, é múltiplo na medida em que não existem limites para a formulação de perguntas. E, no tocante à religião, trata-se de perguntas que faço não só a mim mesma, mas também aos outros. É nesse sentido que o cristianismo é também responsabilidade enquanto *responsum* - resposta -, pois é responder e replicar ao mesmo tempo. Esta resposta a que perguntas responde? Quem as formulou? A que perguntas pretendemos responder?

Por isso parto da ideia de que o cristianismo é responsabilidade social e, também, doméstica, isto é, das coisas pequenas e grandes de cada dia. E a sexualidade tampouco é um código que tenho de aplicar a todas as situações semelhantes a isto ou aquilo - trata-se de uma responsabilidade, porque tenho que oferecer uma resposta quando a pergunta é formulada. Quando digo que se trata de uma responsabilidade na medida em que a per-



gunta advém da perspectiva do outro, não estou falando do outro com letra maiúscula, do Deus metafísico que me chama e eu respondo. Trata-se da proximidade do outro que se acerca de mim e me pergunta e que me implica em uma resposta, constituindo-se, dessa forma, uma dimensão ética especial.

Por exemplo, quando me encaminho para um restaurante e, ao entrar, me deparo com crianças famintas que me pedem, não sinto mais vontade de comer, pois elas me endereçam uma pergunta. Também as meninas violentadas me endereçam uma pergunta e através delas me convocam a lhes dar uma resposta. Conceber a religião como responsabilidade é oferecer uma resposta aos que necessitam, aos que golpeiam nossas portas, e essa resposta oferecida pela religião é múltipla e variada. Poder ser a celebração, o rito, a oração, o conselho e, até mesmo, a participação em uma luta política. A religião nunca oferece uma única resposta - e, nesse ponto, toco em algo importante, uma vez que, quando falamos de religião, pensamos que necessariamente temos de falar do Deus Pai criador do céu e da terra. Mas, a meu ver, religião não é necessariamente um discurso sobre Deus. O que quero dizer também é que a palavra "Deus", atualmente, se constitui em uma das palavras mais democráticas, na medida em que podemos encontrá-la até mesmo na boca de um assassino que diz: "Graças a Deus que o matei", quando acaba de assassinar um homem. Quando estive na Colômbia, escutei o testemunho de uma mulher que ajudava aquelas que haviam sido violentadas, e ela contou que ouviu, certa vez, um assassino fazer exatamente essa afirmação: "Graças a Deus que o matei".

Quando um assassino mata alguém e diz "graças", está dizendo "que bom que vou ter uma recompensa". Uma amiga minha foi torturada na ditadura militar; quando o policial que a prendeu foi à sua casa e viu um crucifixo pendurado na parede, disse em voz alta: "Eu faço tudo por Ele". Habitualmente, quando falamos de trans-



condência, nos situamos na perspectiva de Deus, de um ser que não tem princípio nem fim, e que, a partir de nossa imaginação, se encontra mais ou menos localizado e delimitado. Como não tenho dentro de mim a imagem de Deus, utilizo a palavra “mistério”, “força”, “poder”, ou “o nada”, que também é algo, um branco total, mas algo. Assim procedendo, tento desvincular a palavra “Deus” da religião. Com a palavra “Deus” nenhuma religião se afirma, porque, quando se pronuncia a palavra “Deus”, chama-se por algo de seu. “Ai, meu Deus!” significa “Quem és? onde estás?”; é um chamado a si mesma, no mais profundo de seu ser.

Com esta nova chave, proponho que coloquem para si mesmas a seguinte pergunta: “O que experimento quando pronuncio a interjeição ‘Ai Deus!’”. Inúmeras vivências me levam a exclamá-la, como, por exemplo, quando estou contente e não caibo em mim de tanta alegria e reconhecimento que Deus está dentro de mim. E, quando algo muito triste comigo acontece, eu digo: “Não pode ser, eu não mereço isso”. Estou falando de um ser dentro de meu ser, que sou eu transcendendo a mim mesma. Com a exposição desse meu modo de conceber a Deus e a religião, não proponho um reducionismo, pois reconheço que o outro sempre me transcende -, no entanto esse modo de proceder me localiza nos suspiros por Deus, que é o mesmo que dizer: “Ai, minha mãe!” ou “¡Hijole!” (“Meu Deus!”). Suspiro por Deus como algo profundamente arraigado em minha carne, em meu corpo, como algo que se relaciona com o imediato e o mediato do meu desejo.

O suspiro por Deus é uma gratidão à vida - “Que bom!”. Quando digo “Que Mal!”, revelo uma insatisfação com a vida, que não é necessariamente a reprodução de uma transcendência metafísica a partir de mim. E o motivo pelo qual quero remeter-me a essa experiência é a necessidade de reconstruirmos significados. Não se tem de denominar tudo de religião, que não é, por sua vez, só crença patriarcal ou algum tipo de crença em muitos deuses, e, sim,

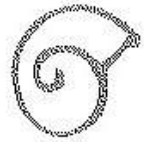


a expressão das múltiplas necessidades humanas. Quando clamo por Deus, estou pedindo ajuda a mim mesma. Quando pronuncio a palavra "amor", por exemplo, isso vem de mim, e, também, de minha ancestralidade no cosmo e na terra; no momento em que a sinto ou em que a penso, faço isso a partir e além de mim mesma. Aí localizo uma transcendência. Não se trata do peso da responsabilidade, mas, sim, de tomá-la como múltiplas respostas, inclusive como as necessidades de gozar e de sentir prazer - não há como negar essas respostas, porque a vida não é apenas um vale de lágrimas, mas, também, algo que pode ser mais dionisíaco do que trágico. Nós temos sublinhado suficientemente esta responsabilidade de gozar e de sentir prazer. Para mim, essa é parte da resposta e parte da pergunta que também faço, uma vez que peço às pessoas que me ajudem a gozar a vida, que me ajudem a alegrar-me com a vida, a despertar meus desejos de prazer. E volto outra vez para o peso ético, que é deveras difícil de ser assumido com responsabilidade, pois, como vocês já devem ter constatado inúmeras vezes, se perguntarem a muitas mulheres do meio popular ou da classe média o que lhes dá prazer, elas dirão que não sabem, e, se afirmarem que sabem, dirão: "Que meu filho encontre trabalho!". Obviamente este não é seu prazer, mas parte da má herança que recebemos da religião, que determina que usufruir a vida é servir ao outro e que só isso é bom.

Diálogo com as/os participantes

⑥ Paloma

Algo está rodando em minha cabeça, e não sei se vocês considerarão por demais místico. É que em todo momento me recordo das mulheres ciganas com as quais passei anos trabalhando - e os ciganos são um povo fundamentalmente hedonista. Suas celebrações se dão em torno da alegria, e, assim como



a vivenciam, igualmente procedem com as maiores dores. Sua religiosidade é também assim. Esse gozo de viver é a alteridade que vai mais além das pessoas, da relação com o mundo, com o cosmo e com a luz que a todos desperta. E, de nossa parte, nos voltamos para os ritos cristãos com o peso da responsabilidade. Há que deixar fluir: a religião deve ser a contemplação do fluir da vida, isto é, deste som da música celestial.

⑥ André

No contexto do que vínhamos conversando, pensei numa teologia a partir da sexualidade. Trabalhei com a religião como um fenômeno marcado pela fluidez e pela ambiguidade. Acredito que precisamos entender melhor como esse fenômeno ocorre, como ele se constrói e circula, porque essa esfera não se submete a normas. Precisamos entender, portanto, qual o mecanismo dessa religião que se inventa e reinventa, mas não de forma libertadora, e quais os elementos de um Estado laico e de uma teologia que levem em conta o que as pessoas querem.

Outra questão que me preocupa muito é que eu sei quais são as condições subjetivas e materiais para elaborar e praticar essa teologia. Às vezes teólogos e teólogas não dispõem das condições materiais para praticá-la e fazem qualquer outra coisa. Espera-se de nós, portanto, que, por não fazermos teologia ortodoxa, nos justifiquemos e expliquemos como elaborar uma teologia apologética, explicativa, porque, se não o fizermos, não somos teólogos. Quando fiz minha tese me diziam que não sabiam se era teologia ou antropologia.

⑥ Ivone

O mesmo disseram sobre a minha tese.



☉ **Luz**

Isso que você apresenta, que pode ser tudo ou nada, gostaria de aprofundar para saber quais seriam as respostas religiosas. Uma religiosa nos dizia: “Vocês têm de aprender a reconhecer em que momento Deus se revela na vida de vocês”. Porém, pergunto a mim mesma qual é o momento em que Deus não é algo metafísico e se manifesta e quais são essas manifestações. Refiro-me não tanto à reflexão, mas, principalmente, aos momentos ou situações em que nos exclamamos e perguntamos: *¡Hijole!* (“Meu Deus!”), isto é Deus em minha vida!? “Quais são essas manifestações? Será que tudo o que fazemos são manifestações?” Acredito que nem tudo. Mas as respostas que ofereço inquestionavelmente refletem minha perspectiva católica ou, melhor, cristã. Mas gostaria muito de saber exatamente quais são essas manifestações.

☉ **Liliana**

Para mim foi apaziguador o que acabo de ouvir de vocês, pois reconheci que, felizmente, não estou inteiramente perdida. É muito importante ver como essa construção possui conexão com a incidência política. No entanto, me pergunto como se chega à conexão com a incidência política e como traduzir essa conexão na confrontação política em um país como a Colômbia, onde se convive com o desejo e a pretensão de radicalmente se extirpar os direitos adquiridos. Quisera dar esse passo, fazer essa conexão, tal como vocês procedem, de modo a que possa trabalhar no plano político com certa autoridade.

Trabalho em grupo

Pergunta motivadora: onde nos localizamos na busca por respostas que chamamos religiosas

⊗ Pepita

Uma das questões que emergiram nas discussões do grupo diz respeito à legitimação da teologia por aquelas pessoas que a propõem, e não por alguém ou por uma autoridade exterior aos proponentes. Outra questão concerne ao fato de não se pretender lutar contra a hierarquia e as estruturas, mas, sim, pela implementação de projetos que incorporem sujeitos que se encontrem alienados. Reconheceu-se, além disso, ser necessário examinar a existência de condições materiais que subsidiem propostas que venham a ser elaboradas. André, por sua vez, expôs sua experiência pessoal, chamando atenção, principalmente, para a necessidade que tem de formular perguntas que lhe são transmitidas por outros, que, por sua vez, exigem respostas; no entanto, enfrenta séria dificuldade para assim proceder, uma vez que a instituição mediadora lhe corta as asas.

Comentou-se que, à época em que a teologia feminista vivenciava, em São Paulo, um momento significativamente dinâmico, Nancy e Haidí, na condição de teólogas feministas, eram professoras numa estrutura muito machista: o Instituto Teológico de



São Paulo (Itesp). Depois de abandonar essa instituição, as condições materiais lhes impediram de continuar elaborando propostas teológicas cuja legitimidade não era conferida por uma autoridade externa e cuja eficácia residia no exame das questões de forma clara, simples e direta. A perspectiva teológica abordada por elas não considera eficaz, por exemplo, a definição de Deus “como o criador do céu e da terra”, pois, na perspectiva de ambas - o que foi reiterado pelo grupo -, essa definição de Deus, pela complexidade que encerra, impede que o discurso seja eficaz. Reconheceu-se também que o mesmo acontece com a esquerda, que enfrenta a dificuldade de retratar uma realidade que possui significativa complexidade.

Além dessas, outra questão que emergiu das discussões diz respeito à transcendência do âmbito pessoal ou subjetivo em direção à alteridade, ou seja, ao outro, uma vez que a efetividade dessa condição enfrenta dificuldade semelhante àquela concernente à consecução da legitimidade da teologia a partir das próprias convicções daquelas que a propuseram.

⑥ André

Declarou ter-se inquietado com o fato de as estruturas constituírem um obstáculo para reflexão e proposição de uma teologia autônoma e eficaz, até mesmo porque a perspectiva da teologia da libertação era intervir nas macroestruturas. Referiu-se à necessidade que sente de obter melhor entendimento a respeito delas, porque, se por um lado não se acha suficientemente esclarecido a ponto de propor que se derrubem as estruturas que sustentam determinada realidade, principalmente se são opressoras, por outro reconhece que o caminho talvez seja modificá-las de alguma maneira.



☞ **Silvia Regina**

Não pretendo oferecer uma síntese das discussões que ocorreram no grupo, mas apenas referir-me a algumas ideias provocadas por André. Todavia, estou convencida de que, no momento atual, estamos em um beco sem saída, porque, pelo que você tem dito, este parece ser um momento propício para se consolidarem as propostas de construção de uma teologia feminista, de uma teologia negra e de uma teologia dos povos primitivos. Acredito que podemos entrar com mais força e oferecer, com humildade, uma resposta que se constitua numa visão de mundo, mas sem nenhuma pretensão de evangelizar qualquer pessoa, simplesmente convidando-a a rever posicionamentos e pontos de vista. Embora sejam propostas minoritárias, elas podem indicar um caminho para o ecofeminismo e para questões ligadas a identidade, às relações e a tudo o mais. É nesse contexto que se vai construindo uma teologia laica como uma metodologia que vamos consolidando aos poucos. Além disso, o que você pretende é mostrar a lógica que nos move e tudo o que dela faz parte - e é a tudo isso que chamamos teologia laica.

☞ **Ivone**

Procuro não utilizar muito a expressão "teologia laica" para não aborrecê-los, porque percebo que vocês não gostam muito dessa expressão. Martín, depois de afirmar que construímos uma teologia heterodoxa, começou a falar sobre a teologia heterodoxa. Há um movimento para buscar algo diferente, que, no entanto, não possui um nome. Por isso, comecei a falar de teologia laica.

☞ **Julián**

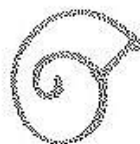
Este nome também provoca em mim ruídos, uma vez que sou padre. Quando hoje ouvi a explicação



sobre teologia laica, reconheci que a estou praticando. Ministro cursos de teologia feminista na América Latina, e muitas mulheres não o compreendem. Entendo que, nessa teologia, o nome é o que menos importa, e isso porque se pode utilizar o termo "laico" e se praticar uma teologia patriarcal ou clerical. O importante é o conteúdo da teologia que se está construindo, que não consiste em uma única, mas em várias. Procuo ter nesse momento um olhar amplo, o que me leva a enfrentar problemas sérios na instituição. No entanto, verifico que, se por um lado se fecham alguns espaços - entre outros, as universidades pontifícias, como é o caso da universidade do México, que pratica uma teologia ortodoxa -, por outro abrem-se novos espaços, nos quais florescem essas teologias, como as CDD, das quais participo há 17 ou 18 anos. Quanto ao nome, com certeza iremos encontrá-lo, porém o mais importante é que não se trata de uma única teologia, mas de várias.

⑥ Regina

No grupo constatamos que, na perspectiva das CDD, o trabalho político é o sentido daquilo que se faz. No entanto, acredito não ser a única que experimenta uma dissociação entre esse trabalho e uma visão de vida interior, de algo que se pode chamar de religião, e que vai além do trabalho político. Temos de realizar nosso trabalho e quase não há espaço para outras vivências que se relacionem com a experiência que nos vincula com a comunidade, que é algo mais do que a amizade. Paloma nos contou que só durante a Semana Santa vai à Igreja. Há outras que nunca vão, pois ser católica parece que se assemelha a carregar com vergonha as coisas que se relacionam com a instituição. Eu não sinto essa vergonha porque não



me reconheço vinculada à instituição. Sinto que se trata de uma opção política e, talvez por isso, não experimento uma dissociação. Sem dúvida, sinto falta de um alimento que nutra internamente as forças que me encaminham para a vida e para a realização do trabalho político, procedendo ou não uma profissão de fé.

☉ **Clara Lucía**

Tomou-se claro para nós que, se ocorre efetivamente um desgarre, é porque a confrontação com o trabalho político, para nós que nos afirmamos como católicas, representa, na prática, esse vazio ao qual nos referimos há pouco.

☉ **Kelly**

Pessoalmente - e suspeito que o mesmo aconteça com outras companheiras do grupo das CDD do Peru - verifico que só há pouco tempo ganhamos visibilidade pública. Quando começamos a nos reunir, verificávamos que muito poucas mulheres questionavam, como nós, a hierarquia. Questionávamos não só posicionamentos, pontos de vista, discursos, condutas e atitudes a partir da perspectiva teológica, como também questões relacionadas com as estruturas. Porém, tão logo nós das CDD iniciamos nosso trabalho, começamos a encontrar outras mulheres que também questionavam - e descobrimos que elas procediam da mesma maneira como nós. Essa descoberta ofereceu a todas um grande incentivo para seguirmos em frente. Paloma interpretou de forma belíssima a resposta a essa preocupação quando a chamou de peregrinação, pois nossa vida é um peregrinar, uma busca de respostas que não respondem a todas as perguntas. Faz parte da existência ter mais perguntas que respostas.



⑥ **Paloma**

Aquilo que nos caracteriza é ter mais perguntas que respostas. Eu não acredito que, com o tempo, tenhamos rompido com o desejo de ter segurança para sempre, por procurarmos insistentemente nos reconstituir e saber qual a raiz de nossa identidade. Entretanto, as respostas que obtemos nunca nos darão uma certeza inabalável, porque elas em si mesmas não são duráveis. Por este motivo, seremos heterodoxas para sempre.

⑥ **Clara Lucía**

Outro aspecto importante é que a tradição - aquilo que dela havia permanecido em nós, como praticantes ou não - é pouco consistente. Talvez o fato de ela se mesclar com a cultura ocidental contribua para que nos deparemos com ela em todos os níveis e manifestações da vida, como, por exemplo, na pintura, na literatura, no teatro e outras expressões culturais.

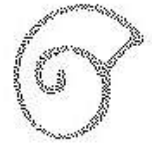


A verdadeira política se aproxima da raiz etimológica da palavra polis, que se relaciona com a vida interior e a vida exterior. Não se trata de uma roupa que visto para sair e da qual me dispo quando chego em casa. Como o amor, a polis é uma fé; é transcendência e imanência, enfim, é um amor maior.

Como funcionam as estruturas

Uma transformação das relações

Nas décadas de 1960 e 1980, quando falávamos de estrutura na América Latina, este termo parecia claro para muitas pessoas, a ponto de costumeiramente se perguntar se o trabalho que realizávamos levaria ou não a uma mudança de estrutura. Dou-me conta de que muitos trabalhos que realizávamos nos bairros populares - como alfabetização de adultos, saúde alternativa, apoio escolar às crianças, entre outros - não eram considerados pelas análises macroestruturais entre aqueles que levariam a uma mudança de estrutura. Este posicionamento, a meu ver, é próprio de uma visão de mundo masculina. Outro exemplo que apresento é que, muitas vezes, juntamente com Nancy Cardoso, no trabalho de assessoria que dávamos às mulheres camponesas, enfrentamos situações singulares. Uma delas ocorreu em um dos encontros no qual se havia inserido uma discussão sobre análises políticas da realidade que visam promover mudança das estruturas. Curiosa, perguntei ao grupo de mulheres que organizaram o encontro sobre o motivo que as levaram a inserir esse tema e como ele havia surgido. Elas responderam ter sido ele proposto por um candidato do Partido dos Trabalhadores que buscava, com essa discussão, obter o apoio das mulheres. O grupo de líderes contestou essa estratégia, com o argumento de que a inserção do tema deveria ter



sido antes discutida com todas as participantes do grupo. Comunicaram ao candidato a decisão, que a contestou com o argumento de que aquelas mulheres não sabiam que o trabalho que realizavam não se baseava em uma análise política das estruturas. E eu me perguntava o que efetivamente representava essa análise científica da realidade em face do valiosíssimo trabalho daquelas mulheres, cuja história algumas de vocês por certo conhecem, especialmente sua decisão de destruir as mudas de eucaliptos cujo plantio introduziria o regime da monocultura naquela região.

Imaginamos as estruturas como pilares muito fortes que tudo sustentam e como se fossem algo impessoal. Porém, na realidade, as estruturas são pessoas, são as direções que dão à sua paixão pelo lucro e pelo poder. As igrejas constroem estruturas com os significados e os sentidos que dão ao capitalismo, e isso bem antes do que ele é hoje, ou seja, já na insurgência dos primeiros movimentos de resistência contra as condições impostas pelos senhores feudais, que dominaram a Europa durante muitos séculos - aproximadamente dez. Mas, já em seu início, ocorreram revoltas que manifestavam o descontentamento com esse regime que submetia a grande maioria da população à condição de servo, com exceção dos proprietários e de seus representantes - únicos detentores de poder e de riqueza. O baixo clero era dependente do alto clero, que, por sua vez, usufruía as mesmas prerrogativas dos senhores feudais, as quais lhes eram por estes conferidas.

A luta contra o feudalismo foi levada adiante pelos grupos que, concomitantemente, semeavam os germes de um novo regime. Embora não fosse o que é hoje, o capitalismo, em muitos sentidos, já se apresentava como uma organização econômica, social, religiosa e cultural. Esse termo - "capitalismo" -, como se sabe, vem do latim, mais precisamente do termo *caput*, que significa "cabeça", que, em sentido amplo, dá lugar ao entendimento



“cada um tem sua própria cabeça”. E, se em seu início, a passagem do feudalismo para o capitalismo foi impulsionada por transformações que ocorreram somente no plano econômico; ao se associarem a estas mudanças em outros âmbitos, as estruturas do feudalismo se enfraqueceram e foram substituídas por aquelas que suportam o capitalismo. Outra situação que ilustra bem a mudança de estrutura é a abolição do tráfico de escravos na América Latina, que requereu a substituição da mão de obra escrava, que não recebia soldo, por outra que era paga por seu trabalho. Essa mudança no plano econômico, ao ser acompanhada de transformações que transcendem esse domínio, como as relações socioculturais e religiosas, dá lugar a uma efetiva mudança de estrutura.

Foi na década de 1960 - ou, talvez, um pouco antes - que se começou a usar a palavra “estrutura”. No século XIX Marx dela não lançou mão. E o significado amplo que essa palavra alcançou envolve relações interpessoais e crenças - não só religiosas, como também de outra natureza, como, por exemplo, aquela apregoada pelo nazismo e pelo fascismo, segundo a qual existem seres humanos que valem mais que outros. E dizer que valemos igual é, na perspectiva dessas ideologias, pura retórica.

É necessário notar que, mesmo detendo todo esse alcance, o significado da palavra “estrutura” é limitado e pode esconder a realidade das relações. Por exemplo, dizemos que um empresário fabrica um automóvel que custa, por exemplo, 4 mil dólares, mas ele o vende por 30 ou 40 mil dólares. Reconhecemos, nesse caso, que ele assim procede porque essa estratégia de que lança mão é parte da estrutura capitalista. Embora, obrigatoriamente, nem esse empresário nem outros necessitem proceder assim. Também eu poderia não fazer muitas coisas que faço. Aqueles que criam a estrutura somos nós, com as leis que impomos à economia, ao mercado, ao comércio. A estrutura não existe fora das nossas relações. Dizemos que a estrutura não é uma questão que diz respeito somente ao



indivíduo, porém, inquestionavelmente, lhe diz respeito, ou melhor, diz respeito aos indivíduos que querem transformar a maneira como se relacionam entre si. Quando eu digo “isto eu não faço” e “isto eu faço” e outros também dizem que isso não fazem e que isso fazem, conseqüentemente são produzidas mudanças. Por isso, gosto de dizer que, quando falo de estruturas, tenho que nomeá-las, dizer quais são, como se impõem, como funcionam, porque, caso contrário, me escondo, me torno invisível por trás dessas estruturas. As pessoas que se iniciam no feminino gostam de falar das estruturas patriarcais, como se elas fossem produzidas exclusivamente pelos homens - e tal convicção não procede. São os homens e as mulheres que as produzem - nós mulheres somos reprodutoras dessas estruturas, como o são os homens.

Há muitas coisas iguais e outras diferentes. Afirma-mos, por exemplo, que “a igreja não muda suas estruturas patriarcais”. No entanto, somos as primeiras que não transformamos essas estruturas e que, portanto, devemos falar de outra maneira. É necessário que nos atrevamos a ter postura, conduta, procedimentos, que julgamos não serem importantes para as estruturas patriarcais. Quando não desmascaramos essas relações tento me tornar invisível no processo e não assumir responsabilidade, comungando a falsa crença de que as estruturas são poderes superiores a nós. Concordo com a afirmação de Sílvia de que vivemos um momento privilegiado; no entanto, é importante observar que o que fazemos sai de forma desorganizada.

Outro aspecto importante a ser por nós levado em conta é concebermos o capitalismo como uma estrutura de pecado. Para nós, cristãos, é muito linda essa afirmação, pois gostamos de nos referir ao lucro ou à ganância como pecado estrutural, porém efetivamente não desejamos transformar essas estruturas, porque são elas que permitem a existência das instituições religiosas. Sem essas estruturas de pecado, as instituições religiosas não teriam como se justificar. Tomemos como ilustração disso o que



falam os discursos do Papa e os dos bispos. Eles necessitam dessas estruturas de poder para transmitir sua ideologia.

O mesmo acontece com a imensa quantidade de novas igrejas neopentecostais. Fui convidada à Suécia, por ocasião da celebração dos 400 anos da confissão luterana. Eu, na condição de teóloga, e mais cinco indígenas bolivianos, homens e católicos. Estávamos os seis juntos. A eles pediram que se apresentassem e, a mim, que falasse. No momento da grande celebração com o rei e com a rainha - que é brasileira -, estávamos ali e pensávamos estar em comunhão com o povo da Suécia, porque era o que estávamos festejando, porém um bispo veio a público e afirmou: "Infelizmente o corpo de Cristo está quebrado, pois nem todos podemos participar da ceia eucarística". Permitiu a entrada dos anglicanos e, não sei por que, os outros deveriam dirigir-se para o outro lado, para participar da imposição de mãos do bispo luterano. Pareceu-me puro espetáculo, pois não é que não se podia participar da ceia eucarística, mas, sim, que não se desejava que isso ocorresse. Imaginem o que seria da Inglaterra sem o anglicanismo ou da Suécia sem a igreja luterana. As religiões mantêm as políticas e as economias.

Uma mudança de crença e uma mudança política

As coisas andam juntas: as estruturas da religião sustentam as estruturas políticas, econômicas, as eleições e até as ações do diabo. Então, uma mudança nas estruturas da religião significa uma mudança na compreensão de nossas crenças. E essa mudança incide na política desde o momento em que afirmo que o rosto de meu Deus é meu próximo, em que compartilho o pão com os que não têm, em que luto contra as injustiças e em que esse rosto de meu Deus implica uma mudança de crença e uma mudança política. Ou como lembrava Graciela no início de nosso trabalho: afirmar que nosso Deus é um crucificado, um in-



justificado, um condenado por fazer o bem, e retirar disso consequências práticas e políticas, produz mudanças. Não é o mesmo que afirmar Deus todo-poderoso. No momento em que faço somente um trabalho político, este pode incidir em minha crença religiosa, e esta mudança pode ser positiva e negativa. Assim como aconteceu na Europa, com as perseguições religiosas ocorridas no Iraque e em Israel. Neste último país há um grupo de judeus que se dizem laicos e, na medida em que não estão de acordo com as políticas do Estado, eles sofrem muitas pressões. Afirmar que o trabalho é político não quer dizer que ele seja necessariamente positivo, embora o pensemos sempre como positivo. Também a religião pode ser positiva e negativa. O critério é o que os nossos olhos veem. No entanto, é oportuno perguntar: o que nossos olhos veem? Veem os que não têm bens, nem hospitais, nem escolas, nem condições de melhorar sua vida? Esta é uma referência do cristianismo ético, embora não seja absoluta. Sua militância é de convicção humanista e, embora você não tenha a prática de ir à missa, tem uma prática maior marcada pela valorização da vida humana. Não é pela ganância ou pelo lucro que você leva adiante sua militância, mas, sim, porque você acredita que deve ser assim. É essa prática guarda uma dimensão que não chamo religiosa, porém é uma dimensão de fé no ser humano. É o que significa fé no ser humano? Vem à cabeça a letra dessa canção que me encanta: "Eu só peço a Deus que a dor (do outro) não me seja indiferente". É que não posso ser indiferente à dor. Não sei por que, talvez por uma fraqueza orgânica, não posso suportar ver as pessoas sofrendo. Porém o fato é que há pessoas que não suportam a dor e há outras que a suportam e fecham as portas. Rosângela disse que, se estava comendo e alguém pedia comida à sua porta, ela não podia continuar comendo! Que fraqueza biológica! Sei que vocês não podem suportar o sofrimento que muitas mulheres passam nas clínicas em consequência do aborto e do maltrato. Isso não se explica

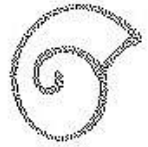


nem através da fé nem através da religião, mas talvez por uma fraqueza biológica por quereremos mudar as relações. Ou, melhor, acredito que muitas de nós tenhamos desenvolvido o sentimento de proximidade do outro, como algo quase instintivo.

O significado da política

Quando dizemos “faço isso por opção política” o que queremos dizer? A palavra “política” vem do termo grego *polis*, que significa “cidade”. Significa que meus interesses não são só meus interesses individuais, porque também estou interessada no destino da *polis*. O que fazemos não é só pela *polis*, como uma estrutura vazia com casinhas, mas, sim, pelos cidadãos e pelas cidadãs da cidade, e é isso que permite à cidade viver. Inclusive os rios e as árvores não só da cidade, mas também do lugar onde os humanos vivem, que pode ser o campo, que é, no entanto, o lugar da vida. E os que se interessam pela *polis* são pessoas de altíssimo valor, ou, talvez, para alguns outros, portadores de uma altíssima enfermidade. Interessar-me pela *polis* é uma convicção de fé; não posso comer sozinha meu pão e meu queijo nem tomar meu leite e fechar a porta sabendo que lá fora há gente com fome e com frio. Ou também posso não dormir ou dormir mal porque sei que outros não têm o que necessitam para viver.

De onde vem essa enfermidade? Eu não o sei. Esse compromisso não só o têm as pessoas religiosas: Marx, Feuerbach, Gandhi, Madre Teresa de Calcutá ou a Irmã Dorothy Stang, pois muitas mulheres camponesas e líderes anônimas não suportam essa realidade, porque é mais forte do que elas. E, por isso, às vezes, é uma saída dizer que é a vontade de Deus. Eu não creio em uma opção política sem essa preocupação, mas os políticos muitas vezes não fazem política pela comunidade, mas, sim, por interesse pessoal, individual, para eles mesmos.



Rubem Alves dizia que a vocação política é a mais alta e profunda vocação humana. Ela se traduz na nossa preocupação com o bem do outro, por convicção; porque acreditamos que o outro necessita da mesma dignidade que tenho; porque acreditamos que a terra não é um bem de alguns poucos, e porque acreditamos que não temos o direito de destruir bosques, mares, rios ou o ar. A verdadeira política se aproxima mais da raiz etimológica da palavra *polis*, relaciona-se com a vida interior e exterior. Não se trata de uma roupa que visto e da qual me dispo quando chego em casa. Como o amor à *polis* é uma fé, é transcendência e imanência, trata-se de um amor maior. Portanto, não há dissociação, porque está no interior de mim mesma e no interior do outro de outra forma, e, portanto, é também exterior a nós.

Durante séculos a igreja católica e, mais tarde, as igrejas protestantes permitiram aos fiéis, que não são padres, fazerem a política de fora, e disse aos padres que eles se ocupassem da espiritualidade. Até agora é assim. Quando aqui, no Brasil, alguns líderes do Partido dos Trabalhadores saíram das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) como candidatos, a resposta que alguns teólogos bispos deram foi que “a política retira nossos líderes”. A igreja privatizou a prática da fé como domínio próprio e opôs a prática da fé à prática política. E, por isso, a hierarquia não nos permite entrar em seu domínio. É isso que nós queremos: sermos donas da compreensão e da explicação das crenças. Não queremos dissociar as convicções pessoais de amor à *polis* com a fé que anima nossas vidas. Fazer teologia é apropriar-se do que tem sido roubado, não voluntariamente, mas que, mesmo assim, se trata de um roubo pelo fato de compreender que existe uma elite religiosa que tem de comandar a espiritualidade, interpretar para nós, pobres mortais, os segredos de Deus, que só eles podem conhecer. Não estou pessoalmente contra nenhum padre, a não ser contra a estrutura de poder que nos têm sido imposta e que rouba a dignidade humana.

Cristianismo

Especificidade própria ou experiência humana específica?

Anteriormente, tentei tornar presente em nossa vida dois movimentos: o primeiro, relacionados com as convicções que têm de se desenvolver dentro de nós, e o segundo, o movimento da resposta, da responsabilidade diante de dezenas e centenas de desafios que a vida nos propõe e que nos convocam, e os desafios de nossa história de dentro e de fora. Chegamos, então, a um ponto sobre o qual pretendemos obter a maior clareza acerca do que é a religião, e temos enfrentado a dificuldade de defini-la. Vários cientistas dizem ser muito oferecer uma definição de religião que abranja tudo isso. Portanto, tentarei fazer algo, porém não como uma resposta fechada ou como um novo racionalismo ou dogmatismo em torno da religião.

Começo abordando alguns aspectos que me parecem importantes. Encontramo-nos em diferentes lutas sociais, políticas e religiosas, a favor da vida digna das pessoas e a favor da dignidade de minha própria vida, porque também nos incluímos. Tentarei situar-me em uma reflexão sobre a especificidade do cristianismo, embora eu pudesse falar sobre a especificidade do judaísmo, do islamismo ou das grandes tradições “monoteístas” e das tradições de múltiplas sabedorias presentes nas diferentes culturas. Falarei do cristianismo, porém o que apresentarei não se encon-



tra só nele, mas também em todas essas grandes sabedorias dos povos, que no cristianismo assumiu uma linguagem particular. O cristianismo tem sua linguagem própria e existe a necessidade de uma iniciação para entendê-la, da mesma maneira que se faz necessária uma iniciação para compreender a linguagem do budismo e do islamismo. Isso não significa que seja uma tradição única, mas, sim, diferentes maneiras de abordar algo que se relaciona com a experiência relacional, com as relações humanas e a vida em sociedade.

Mais além da lógica da reciprocidade

No cristianismo e em outras tradições de sabedoria há algo que nos convida a ir mais além da lógica da reciprocidade, que consiste em “devolvo a você ou dou a você o que você me dá”. “Eu agradeço a você quando você me dá”, “agradeço a você quando você me agradece”, “faço a você algo porque você tem direito e você me faz algo porque tenho direito”. Trata-se de uma versão a partir da sentença “olho por olho, dente por dente”. No entanto, há algo na experiência cristã que nos convida a ir mais além da lógica da reciprocidade. Insisto “nesse mais além da lógica da reciprocidade” porque nós, mulheres, não temos vivido a reciprocidade nem tampouco “o mais além da reciprocidade”. Temos vivido a submissão, a injustiça nas relações, o sacrifício de nossas vidas pelo outro e a diminuição do nosso ser feminino.

Ao enfrentarmos, agora, a lógica do mais além da reciprocidade, temos de ser mais claras a partir de nós mesmas. Outra coisa que está presente nessas sabedorias e no cristianismo e no judaísmo profético é ir mais além da lei. Isto é, um Estado pode ter boas leis que fazem justiça a todos os seus cidadãos, porém há uma lógica que é apresentada por esta sabedoria que nos diz que a lei é boa, mas tem de se ir além dela. É nesta perspectiva



que essas sabedorias apresentam uma maneira de ver a vida mais além da lei. A lei é importante, mas não é tudo. Porém, o que se passa quando vamos mais além da lei? Significa que as leis são sempre insuficientes e que a vida, com sua imensa criatividade, sempre nos convida não só a fazer leis, mas, também, a modificá-las de acordo com as mudanças vitais. É nessas sabedorias que também se faz presente o fato de se ir mais além dos costumes, porque a vida não pode somente ajustar-se aos costumes culturais, educacionais, familiares, que temos estabelecido como regras de convivência. Estas sabedorias dizem que os costumes encontram-se bem definidos, porém temos de ir mais além da reciprocidade, mas além da lei e dos costumes. A economia estabelece como fazer uma justa distribuição de bens, porém tem-se de ir mais além desta economia que deve estar presente em nossas relações. Mais além significa acolher a mobilidade da vida, as novidades que irrompem, a consciência que cresce. Assim mesmo, todas as sabedorias - ou, melhor, as éticas e, sobretudo, as políticas de nossos tempos - convidam a um amor entre iguais: "Ama a teu irmão, que é teu igual". Entre parênteses "sempre", porque se trata de uma igualdade na linha dos direitos, enquanto as sabedorias dizem que há que se ir mais além do amor entre iguais, pois não é suficiente. E parece algo tão demente, tão paranoico, tão louco o que essas sabedorias propõem, e o cristianismo também, que chegam até a dizer que devemos amar aos inimigos. Já não mais os iguais, mas, também, os inimigos. E, de novo, essas sabedorias e lógicas distintas, que nos parecem tão fora do senso comum, nos dizem que até se pode fazer o sacrifício de si mesmo, ou seja, podemos inclusive dar a vida, até isso. Há uma lógica de medidas que não são equivalentes. Por isso se deve perguntar qual a função dessas desmedidas na vida comum. E, finalmente - embora não seja finalmente -, essas sabedorias não possuem um conceito de Deus, a não ser que fossem mais além de nosso conceito limitado às nossas necessidades, e, mesmo



assim, nos convidam a não construir ídolos, inclusive a não tornar Deus um ídolo, e vão sempre mais além, até mesmo do conceito de Deus. Ou seja, que a busca de Deus vá mais além.

Este é, em parte, um traçado inicial para mostrar qual tem sido a função das religiões e das sabedorias nas culturas. Ou seja, estas sabedorias - e não só as religiões institucionalizadas e com regras estabelecidas - são a fonte primeira a partir da qual as religiões se estabeleceram, modificando-as para transformá-las muitas vezes em algo estático. Desse modo, a segunda versão dessas sabedorias têm sido as religiões, com ordens, preceitos, moral, leis etc. E tudo isso se encontra presente nos textos de todas as tradições, mesclados com muitas outras coisas. E é necessário acercar-se delas e entendê-las um pouco melhor, apropriarmo-nos delas para que nos ajudem e inspirem como sabedorias.

O limite como parte da condição humana

Nossa própria finitude nos impede, muitas vezes, de respeitar as condições de equilíbrio e justiça para cuja implementação corroboram as boas legislações econômicas, políticas e sociais. Isso porque a condição de seres finitos nos leva a ultrapassar os direitos dos outros e a negar até mesmo aqueles respaldados pelas legislações vigentes. Somos tentados algumas vezes a ir contra aqueles direitos de que nosso irmão desfruta e que lhe são, às vezes, inalienáveis, posicionando-nos contrários às legislações como aos princípios morais. E as grandes sabedorias esclarecem a instabilidade do ser humano resultante de sua condição de finitude. É o que acontece com o Evangelho quando prescreve: "Sempre existirão pobres entre vocês". Os marxistas contestam veementemente a aceitação dessa realidade, principalmente pela utilização que dela fazem as pessoas de direita, ao mostrarem que existe uma con-



dição de desigualdade que é inerente à sociedade humana, na medida em que é aceita pelo próprio Evangelho. E Marx acena para outra direção. Ele afirma que se porá um ponto final nesse estado de miséria reinante, ou seja, na exploração dos homens, e é nessa perspectiva que constrói sua utopia. Mas não é essa a mensagem veiculada pelas sabedorias. Elas reconhecem que, embora cheguemos a um Estado justo, cometemos injustiças; e que, embora tenhamos comida e bebida suficientes, tendemos sempre a nos apropriar daquilo que o outro tem. Essas sabedorias reconhecem também que, em decorrência dessa condição, a história humana é um processo contínuo, cabendo a cada geração traçar seu próprio caminho.

A paixão que sentimos de nos apropriarmos sempre de mais e mais objetos, de mais e mais bens, enfim, de agregarmos mais e mais riquezas a nossas existências é reconhecida pelas grandes sabedorias, motivo que as levaram a eleger tipos de vida muito especiais. Os representantes dessas sabedorias sabem que nossas conquistas estão marcadas pela "impermanência" - tal como a elas se referem os budistas -, pela mobilidade de todas as coisas e de todos os sentimentos. E o cristianismo reconhece não só a presença de algo semelhante no homem como também de que é esse algo que nos leva a ser, cada dia, convidados a renovar a aliança com nós mesmos.

Todavia, se por um lado as sabedorias possuem intuições realistas sobre a condição humana, por outro nós, como nossas construções políticas e econômicas, muitas vezes nos posicionamos de maneira diferente. E isso porque, ao mesmo tempo em que essas sabedorias acolhem a condição-limite do ser humano, nossas legislações e projetos políticos o convidam-nos a superá-las. As sabedorias acolhem a limitação do ser humano para recordar-lhe que essa condição é uma espécie de grandeza. Trata-se da originalidade do ser humano, de sua possibilidade de ser criativo e de sempre voltar a começar. Enquanto os projetos políticos, sociais e econômicos tentam deixar de

lado essa condição, na esperança de que esse fundo de finitude do ser humano seja por ele superado.

Também se poderia fazer uma análise do capitalismo a partir desta chave ou perspectiva. As grandes sabedorias, incluindo-se as contemporâneas, têm clareza de que a miséria não tem fim - e não me refiro aqui somente à miséria econômica, mas, também, à miséria como condição-limite do humano, pois nunca chega a um termo, na medida em que sempre estamos cometendo faltas em relação aos outros. Essa é a nossa condição; sendo assim, como podemos construir relações respeitadas com as pessoas?



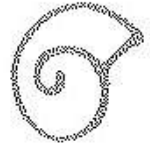
Uma ética da gratuidade que é loucura

Todas as sabedorias - e isso se encontra muito presente no budismo, no cristianismo, no judaísmo profético, no islamismo e em aspectos das culturas indígenas e das religiões africanas - vão construindo significados para anunciar que sempre somos convidados a ir mais além dos códigos culturais comuns. Na linguagem cristã, esse mais além se chama "a abundância de vida e amor". Trata-se da identificação de Deus com o amor, embora não saibamos muito bem o que seja isso, mas apenas que se trata de algo que não só se encontra aqui, mas, também, mais além, razão porque essas tradições afirmam que todos necessitamos de uma sabedoria extrema, que São Paulo chamou de "a loucura da cruz". Necessitamos de uma sabedoria extrema e de uma prática também extrema e de intentar vivê-las. Chamo atenção para a utilização do verbo "intentar", porque ele se sustenta em uma lógica diferente daquelas que suportam ou organizam um Estado justo, até mesmo porque estas contemplam as injustiças, dado que não somos isentos a precariedade de nossas instituições. Por outro lado, essas sabedorias e práticas extremas têm de existir e têm de ser visíveis, pois devem dar lugar



a testemunhos que afirmem: “Esta loucura eu a vejo ou eu a quero”. Porque necessito vê-la para sentir-me convidada a sair das regras estreitas das leis. Sou convidada a vê-la para dar-me conta dos limites das leis e de nossas condições e para querer vivê-la como um caminho sempre renovável.

Ao falar dos limites, não estou negando a beleza de nossa condição, que é, em primeiro lugar, vivente. Os filósofos-homens definem os seres humanos como mortais e as filósofas, como viventes. Claro que também somos mortais, porém, primeiro, somos viventes, e as sabedorias, diferentemente das filosofias racionais, sublinham essa última condição. As filosofias racionais assim procedem porque contemplam o ser humano a partir da morte, enquanto as sabedorias buscam explicá-lo a partir da perspectiva da vida. E é por isso que, quando alguns se dão conta dessa lógica ou sabedoria extrema, não podem dizer que elas vêm deles mesmos, mas, sim, de fora, ou seja, de Deus, não enquanto ser metafísico - inexistente no budismo -, mas como uma exigência do eu profundo, para alcançar a iluminação. Por isso essas sabedorias nos convocam e nos convidam a ir mais além do que a lei do talião “olho por olho, dente por dente”; de ir mais além do amor entre iguais e da reciprocidade, e começam a falar de uma ética da gratuidade, que é considerada, ao mesmo tempo, loucura, mas enquanto condição fundamental para o equilíbrio das forças sociais. A tradição cristã possui inúmeras formulações que parecem loucas, mas que - enfatizo - são essenciais para a sobrevivência e para a vida social. Quero dizer que os mandamentos que estabelecemos ou somente o sistema legal que nos impomos parecem insuficientes para que a vida em sociedade seja digna. Esta é a razão do caráter paradoxal dessa lógica meio louca, na medida em que nos convoca a tentar sempre de novo relações qualitativamente diferentes, inclusive com a elaboração de leis que contemplem os excluídos na rota da vida. Devem existir pobres que vêm



de muitos lugares e indivíduos que são diferentes de nós, tais como os animais, os bosques e os peixes, dos quais nos utilizamos sempre de maneira pouco respeitosa. Eu não pretendo com isso dizer que o cristianismo contempla tudo, mas a verdade é que nascemos no seio do cristianismo, embora muitas de nós façamos incursões por outros credos religiosos e outras sabedorias.

Creio que, por isso, faço teologia cristã, não que o cristianismo seja a excelência, o melhor de todos, mas, sim, por ser uma das muitas sabedorias. Por isso, retomei anteriormente o conceito de Deus e agora o faço na linha das sabedorias, que é diversa da perspectiva dogmática que temos aprendido sobre o Filho Único de Deus, que é a Segunda Pessoa da Santíssima Trindade. Tal construção tem de ser repensada a partir da perspectiva das sabedorias que nos convidam a retomar Jesus. Então volto a esta lógica paradoxal e quero recordar que ela aparentemente é impotente e aparentemente não serve para nada. Aparentemente todas as grandes sabedorias têm aplicação prática quase zero, ou seja, são praticamente ineficazes. Porém são vitais porque ampliam nossa compreensão sobre a vida, nos convocam a renovar esperanças e a nos acercarmos dos feridos nos caminhos deste mundo. E elas nos convocam por sua poesia, quiçá inútil para os comerciantes e os cientistas, a apostar novamente nesta vida frágil e passageira.

O Evangelho de Mateus

Uma lógica ilógica

Quero explorar uma lógica ilógica que encontro no Evangelho de Mateus e mostrar-lhes como, com base nesse paradoxo - na medida em se associa a essa lógica beleza, poesia e convicções -, se torna possível reconstruir a subjetividade. Ilustro essa possibilidade em Mateus porque a estrutura do seu Evangelho é muito clara no aspecto que pretendo ressaltar. Especialmente o capítulo 5, versículos de 1 a 12, ou seja, o texto sobre as bem-aventuranças. Parece absolutamente louco ou paradoxal seu conteúdo, mas a loucura e o paradoxo são sua chave. Do mesmo modo que a teologia da libertação elabora análises socioeconômicas e políticas, eu também as faço e não as pretendo deixar de lado, até mesmo porque, à luz do paradoxo que lhes mostro, é possível compreendê-las a partir de outro olhar, qual seja, o da inaplicabilidade dessas sabedorias. E me oriento a partir dessa perspectiva.

O texto de Mateus afirma: "Felizes os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus". À primeira vista, não entendemos essa exaltação, mas, mesmo assim, ela nos provoca algo, pois somos parte desta cultura. Se essa exaltação estivesse contida em um texto do Alcorão, talvez nenhuma perturbação nos causasse. Todavia, no texto de Mateus, ela nos desperta algo, e isso porque nos reconhecemos implicados em sua linguagem. E, quando lhes



digo que nada sentiríamos se o texto fizesse parte do Alcorão, não pretendo com isso dizer que esse livro sagrado não tenha alguma força. Inquestionavelmente a tem para aqueles que se localizam no seu círculo de interpretação e vivência.

Semelhante à exaltação acima citada, o texto de Mateus apresenta outras, como a que assim se expressa: "Felizes os aflitos, porque eles serão consolados". À primeira vista, parece uma loucura, um paradoxo, anunciar esse consolo de forma abrupta e como se fosse uma certeza incontestável - o que não é -, pois muitos e muitos aflitos nunca receberam, e continuam sem receber, apoio algum.

Já a exaltação de Mateus que proclama "felizes os mansos, porque possuirão a terra" dá lugar a que se pergunte "quem são os mansos?", pois o que se constata no Brasil, há anos e anos, é que, apesar da luta intensa que travam, os mansos não possuem nem possuirão a terra. É isso que bem demonstra o incansável esforço dos povos indígenas para verem respeitados os limites de seu território e dos "quilombolas" - redutos dos antigos escravos que se rebelaram contra o sistema colonial e que ainda hoje reivindicam a posse de suas terras.

Continuo lendo Mateus, que diz: "Felizes os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão saciados". Aparentemente outra insanidade! Afirmo "aparentemente", uma vez que o conteúdo deste texto, apesar de não comprovado na experiência, inspirou os profetas de Israel. É justamente nisso reside seu paradoxo: inspira grandes poetas, ao mesmo tempo em que promulga uma sentença que não se cumpre, pois por todo lado se vê que os que têm fome e sede de justiça nunca foram e continuam não sendo saciados. Outra bem-aventurança proclama: "Felizes os que têm compaixão, porque encontrarão misericórdia"; ela se contrapõe à própria história, que dá seu testemunho de que um grande número de pessoas que vivenciaram a compaixão foi condenado ao cárcere, e,



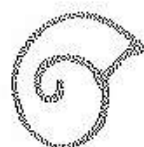
em vez de encontrar misericórdia, se deparou com a violência e com a morte.

Mas, apesar do contraponto verificado entre as bem-aventuranças anunciadas por Mateus e a realidade vivenciada, prossigam na leitura do texto, não pela verossimilhança - que aparentemente lhe falta -, mas pela associação que promove da beleza com a poesia nas bem-aventuranças que proclamam: “Felizes os puros de coração, porque eles verão a Deus”; “felizes os perseguidos pela Justiça, porque deles é o reino dos céus”.

Provavelmente vocês reconhecem que há uma lógica oculta, que, em latim, recebe o nome de *absconditus* - gosto deste termo cujo significado é “escondido”. Há, portanto, uma lógica escondida que move muitas coisas e nos mobiliza a entrar no círculo de significação dessa sabedoria. “Felizes os que têm sido insultados, perseguidos e caluniados - permaneçam alegres, porque sua recompensa no céu será grande”. Pergunto-me: felizes? onde e quando? No reino dos céus. Que terrível! - exclamo. E, ao mesmo tempo pergunto, onde fica o céu? De novo reconheço aí um segredo escondido.

O filósofo Jacques Derrida tem trabalhos sobre essas coisas escondidas no texto bíblico. Mas voltemos a reconhecê-las no texto de Mateus, que faz mais uma exaltação: “Felizes vocês, os perseguidos, porque ficarão alegres e contentes”. Delineia-se nessa afirmação algo que não atesto com base em minha experiência de finitude e na própria história. Esse algo insinua que, como as outras, essa exaltação é extraterrena, pois os processos da terra não ocorrem dessa maneira, ou, melhor, não é esta a lógica que opera no comecinho da terra. No entanto, isso não anula sua consistência quando Mateus se dirige a todos nós, e, no instante de sua comunicação, se revela sua condição de fonte de sabedoria.

Mateus, ainda no capítulo 5, depois de anunciar todas essas loucuras, se utiliza de outras referências como esta: “Vocês são o sal da terra e, se o sal perde seu sabor,



não há como salgar”. Mateus põe na boca de Jesus Cristo a afirmação de que o sal da terra somos nós. E identifica precisamente o momento em que Jesus enunciou esse ponto de vista: aquele em que disse: “Porque vocês são a luz do mundo [...]; e nenhuma pessoa acende uma lâmpada e a põe embaixo da mesa, mas, sim, em cima, para que brilhe”. Há nessas palavras uma convocação de exuberância surrealista. A lógica da proposta não fica pegada na realidade, mas, em vez disso, a transforma.

E continuamos o versículo 23, que diz: “Se fores levar tua oferenda ao altar e, nesse preciso momento, lembrares que teu irmão tem algo contra ti, deixa tua oferenda e vai reconciliar-te”. Há algo mais que se introduz nessa lógica que ordena que você se reconcilie com o irmão que se tornou seu inimigo. E no versículo 29 Mateus acrescenta: “Se teu olho direito te levar a pecar, arranca-o e joga-o fora, porque é melhor não ter olho do que permanecer no inferno”. Porém, o inferno ao qual Mateus se reporta não é aquele imaginado na Idade Média - o inferno é esta vida, pois podemos viver um desespero tal ou sentir uma angústia tão intensa a ponto de cometermos violência contra nós mesmos. Por isso ele aconselha: “Vocês têm escutado olho por olho e dente por dente, e eu vos digo: não resistam ao mal, se alguém te bofeteia na bochecha direita, ofereça-lhe a esquerda”. Ao depararmos com essa admoestação, pensamos que ela é uma expressão autêntica de insanidade. Que lógica! Essa admoestação não contempla o direito à legítima defesa. De acordo com Mateus, as leis civis vão dizer que, se alguém quiser assassinar você, você pode assassiná-lo; mas ele, evangelista, diz outra coisa: se alguém golpeia você, você não tem que responder com outro golpe.

Prossigo com Mateus: “Vocês têm escutado o que antes vos haviam dito: ‘ama teu próximo e odeia teu inimigo’. E eu lhes digo: amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, e, se assim não procederdes, vós não sois filhos do pai”. O texto afirma: “filhos do pai”, e eu lhes digo: filhos da fonte da vida, porque faz o sol nascer sobre



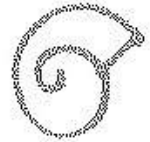
os bons e sobre os maus e faz a chuva cair sobre justos e injustos, porque, se amamos só os que nos amam que recompensa teremos? A lógica da reciprocidade não pode ser aquela observada pelos mandamentos da lei, pois “os cobradores de impostos fazem o mesmo”.

Ela tem de ir mais além! Não estou com isso querendo dizer que não é passível de crítica o conteúdo desses textos, mas, sim, enfatizar qual é a lógica que preside essas sabedorias que vêm do budismo e dos movimentos da não violência - e que também se encontra no interior no cristianismo, porém de forma mais débil.

Pretendo concluir os comentários sobre Evangelho de Mateus com o capítulo 6 versículo 1, que diz: “Não pratiqueis a justiça diante dos homens só para serdes eleitos”. Novamente ele protesta contra a hipocrisia, que, arraigada tão fortemente em nossos costumes, se disfarça como mais uma forma de ser. Mateus contraria esse posicionamento quando proclama: “Quando fizeres uma caridade, que tua mão esquerda não saiba o que fez a direita, de modo que tua caridade fique escondida para que teu pai, que, escondido, te vê, te recompense”.

Outra exaltação feita por Mateus tem o seguinte teor: “Não acumuleis riquezas na terra onde as larvas e a ferrugem corroem e de onde os ladrões roubam [...], porque o teu tesouro está aí, em teu coração”. Esta lógica não é mais que um devaneio, alucinação ou surto paranoico, pois totalmente incoerente com o senso comum. Por sua vez, nós, mulheres, perguntamos: “e onde nos situamos?”

Inquestionavelmente esses textos são como uma metáfora com vistas á busca incessante de justiça e de amor, sem modelos fixos nem imitações. Ao compartilhar com vocês esses textos de Mateus, tenho como objetivo mostrar que essas sabedorias têm uma lógica que apresento como a Lógica de Jesus ou do Movimento de Jesus. E aqui tomo de Jesus não apenas o nome e não só o homem, mas, sim, o homem e o nome - e, talvez, eu sublinhe mais o nome como aglutinador dessa lógica que não tem nome

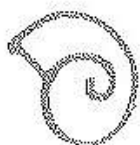


específico, mas que se expressa como uma quebra de hábitos comuns, como um mais além da reciprocidade e, por conseguinte, mais além da justiça comum.

Essa lógica lança uma luz que nos permite ir mais além do coração e, ao assim proceder, se é recompensado, mas não se vê a recompensa, pois há um segredo, há um olho que me vê e que eu não vejo, um olho terno que me vê e me recompensa em segredo. E essa não é a imagem daquele olho que vê em segredo: daquele olho horrível de Deus que ainda se faz presente em algumas igrejas, torturando as consciências. Este olho, em troca, é da minha intimidade, de minha vida secreta, e eu não posso revelá-lo sequer a mim mesma. Tenho que estar muito atenta para que minha mão esquerda não saiba o que faz a direita. É tão escondida de mim que não tenho nenhuma clareza sobre ela, porém sei que se trata praticamente de outra economia, que não é a da troca, mas, sim, assimétrica.

Trata-se de uma economia dos segredos do coração e dos segredos da convocação da praticidade zero. Trata-se também de uma lógica e de uma economia que convidam à renúncia do calculável, da mercadoria como troca e dos favores e que se opõem à lógica ordinária das leis. A lógica que opera no Evangelho de Mateus se situa mais além de todo cálculo. Embora sua praticidade seja quase zero, sua convocação é intensa. Esta lógica se aproxima da lógica do absurdo e é radicalmente contrária ao senso comum. Há outros textos que também revelam essa lógica que me convida a que eu devolva aos meus semelhantes, sobretudo aos pobres, o que roubei como lucro indevido e faz um convite a que me abra a uma relação de dádiva e doação.

A prática da justiça nesta lógica também compartilha o segredo: há que ser justa sem fazer-se notar, sem buscar reconhecimento pela justiça que se faz nem esperar agradecimento e glorificação. Tem-se de saber que, apesar disto, há dentro de mim uma recompensa que se encontra *in abscondito* - no escondido -, no escuro, ali



onde a luz comum não entra. O termo grego *enkrypto* significa "dentro da cripta" - no escuro da cripta de minha interioridade há uma recompensa. Como declaramos antes, há que deixar de pensar em Deus como alguém com uma existência independente, como um ser superior que louvamos, para perceber que este olhar *in abscondito* sobre a minha intimidade é Deus que sou eu e que não sou eu e que é o outro e mais que o outro e que intuo. Um Deus que não se encontra nem nos templos nem nas sinagogas, mas, sim, *enkrypto*, dentro, oculto, no útero, na cova de onde nasce a vida. Deus é uma palavra que indica a possibilidade de ir mais além e de guardar o segredo em relação a mim mesma. É o que experimento dentro de mim mesma e que os outros não veem.

Deus é o Deus que chamo dentro de mim, mais íntimo em mim que o eu exposto aos outros. Eu me chamo como Deus, Deus me chama como a mim, em segredo. Deus é como essa luz invisível ou essa obscuridade interior. Que me convoca a romper o círculo da violência e da mera reciprocidade. E aqui há algo para o feminismo, que é muito bonito e que eu aprendi na Colômbia: há que quebrar o círculo da violência, do "olho por olho, dente por dente". Deus é o encontro em uma festa, é lugar de alegria dos corpos, onde há baile e vinho, instantes, gotas de prazer. Deus é o outro que me aborrece e inclusive incomoda meu gozo no momento em que estou gozando, pois vem e me incomoda. Deus é a alegria de um dia cheio de sol, minha respiração, a festa, assim como é a morte que chega. Deus é a realidade boa que se renova em mim como o faz minha vida ao amanhecer de cada dia.

É esta lógica que parece se fazer presente nos Evangelhos e que, à primeira vista, parece ser uma lógica de elite, de ascetas, de pessoas bem pensantes, mas que não são os cidadãos comuns. Porém, acredito que a história nos tem mostrado que não é assim, que esta lógica não irrompeu necessariamente em meio aos ascetas ou a elite intelectual, mas, sim, em meio a uma multidão anônima



e não o fez em nome de uma intelectualidade ou de uma elite - encontra-se em muitos caminhos contradizendo a lei e o habitual dos comportamentos. Esta lógica está presente em meio a pessoas diversas e de mundos variados. Ela é provisória, não permanece toda a vida na mesma pessoa, tampouco dura todo o tempo em um mesmo grupo. Nenhum grupo pode ser representante eterno desta convocatória. Agora ela se encontra entre as feministas, amanhã entre outros. Trata-se de uma convocatória que vem, nasce, morre, está aqui e está fora.

Para concluir, digo que não há que tomar esses objetivos ao pé da letra. Há que reinterpretá-los tanto nesses textos como em outras sabedorias - não há uma convocatória para acomodar-se ao que é; pelo contrário, elas nos convidam a ir mais além do que pretensamente temos estabelecido como justiça; mais além que a justiça. Ir mais além é muito incômodo porque gostamos de alcançar estados de perfeição ou de justiça.

A pergunta que lhes proponho discutir é: como nos situarmos, segundo esta lógica, no feminismo, nas lutas das mulheres? Como se pode dizer ou entender que as mulheres golpeadas na face direita têm de oferecer a esquerda ou que, se alguém lhes retira os vestidos, elas têm de despir suas calças? O que significa isto?

Diálogo com as/os participantes

☉ Paloma

Isso não nos torna muito vulneráveis? Isso é difícil para as mulheres, e entendemos seu sentido porque temos sensibilidade.

☉ Ivone

Essa lógica não é isenta de perversão, nenhum lugar é isento de perversão - querer ir mais além da lei implica podermos pervertermo-nos ou perverter os



outros. Nenhuma pessoa está isenta da perversão que acompanha nossa finitude. Existe a tentação de voltarmos para a lógica da reciprocidade, da submissão, do agradecimento, e sempre correremos o risco de nos pervertermos. E, se de fato é difícil vivê-lo como mulheres comuns, ao mesmo tempo é inspirador o objetivo de resgatar o cristianismo a partir de outras vertentes e a partir de nós mesmas. Temos de nos desprender da reflexão a partir de fatos e comportamentos e devemos nos ajudar mutuamente para tanto. Como isso que vem a ser mais ou menos a lógica da desigualdade, uma relação na qual dou mais do que a mim mesma? Virgínia Woolf disse que “nada de absurdos nem de buscar dinheiro para ter autonomia”. Isto é o que me [...] do cristianismo, embora me sinta parte do corpo místico.

Pepita

Enquanto você fala, Ivone, sinto uma coisa tremenda, pois fico martelando muito sobre as questões que você aborda. Existe um rapaz que vive ao lado de minha casa que vejo acabado pelas drogas. Gostaria de fazer algo por ele, porém não posso fazer nada. Penso em lhe dar uma manta ou dinheiro, mas sei que ele compraria droga. A realidade me interpela: “O que posso fazer? Levá-lo para minha casa?” “O que me tranquiliza é fazer algo para mudar as estruturas, para transformar as condições que produzem situações como esta”. A poesia, a música, a arte, aquilo que nos leva a essas coisas sobre as quais você fala nos ajudam a nos tornarmos grandes, porque vejo a necessidade de empoderamento do ser humano. Você coloca as situações sob a perspectiva do cristianismo, das sabedorias e das heranças dos seres humanos, e sinto necessidade de crer que nós, seres humanos, temos capacidade de



sermos bons porque as religiões nos têm levado à desconfiança e ao medo. Parece que nos comemos uns aos outros, não porque viemos de tradições religiosas diferentes, mas, sim, porque viemos de uma humanidade decadente. A religião nos diz que devemos desconfiar da humanidade, e é a religião que se está deteriorando. Sinto angústia porque as sabedorias religiosas demandam os humanos, sem que nos deem legitimidade, empoderamento, porque os humanos somos bons. Então, como localizar a bondade humana na história? Vou contar algo que conto no livro sobre Angeles Mastreta, intitulado *Mulheres de olhos grandes*. A tia tem uma filha enferma e a leva ao hospital. Os médicos dizem que não há nada a fazer, e o pai sai do quarto para aguardar o desenlace fatal. A mãe, pelo contrário, se senta ao lado da filha e lhe conta sua história, a das avós, a das tias, e a filha melhora. Quem lhe deu essa força? Quem a curou?

⑥ **Paulina**

Há algo que me deu muito sentido: curso o quinto ano de sociologia e tomei conhecimento agora de que um companheiro da universidade foi levado por um carro policial, torturado dentro desse carro e o ameaçaram de violentar sua mãe. Fotografaram-no para dizer que o torturaram por razões justas. Quando falamos da lógica que inclui o amor ao inimigo, que sentido ela reconhece em fatos como esse que manifestam uma intensa violência?

⑥ **Clara Lucía**

Quando menciono o trágico, em outras palavras, quando reflito sobre a tragédia dos gregos, a dimensão trágica se torna muito presente. Eu gostaria que você aprofundasse isso, a partir do que pode surgir uma conexão com aquilo que disse Virginia Woolf,



pois chama a atenção que, pelas condições mesmas de sua vida, ela se tenha suicidado.

☉ **Paloma**

Temos que fazer peregrinação não nas tumbas dos santos, mas, sim, das mulheres audazes, questionadoras do ponto de vista da moral e que foram autônomas. Em outras palavras, questionaram a moral, mas ganharam autonomia. A hipocrisia não faz você ser autônoma, mas, sim, faz você morrer. É disso eu não gosto.

☉ **Coca**

Quero dizer algo para vocês, contar-lhes algo sobre mim. Algo que surgiu disso de que se está falando. Creio que não me sinto segura porque temos longas histórias. Acredito intuir que você propõe uma mudança de lógica, mas isso não se faz em quarenta minutos. Necessito de um processo que leva tempo. Na juventude, quando fiz a opção pelos pobres, eu a fiz consciente, e conto isso como uma profunda desilusão de minha própria vida, porque sacrifiquei etapas da juventude e de convívio com a família por causa dessa opção. Levei meus filhos, quando eram pequenos, aos bairros pobres para verem e entenderem que aquilo não era justo. Agora, penso quanto voluntarismo se alimentava a partir de uma ideia sobre Deus. Naquela etapa de minha vida eu pensava “fundamentalisticamente”, porém a vida começou a mostrar-me isso, e não me ocorria que meus filhos fossem morar em outra casa. Eles hoje não têm possibilidade de comprar uma casa nem de juntar dinheiro para isso. Cada uma de nós luta individual e coletivamente, buscando dar sentido ao que fazemos. Necessitamos manter e reforçar o projeto. Mas o primeiro não deu certo e, com base naquilo que aprendi na vida, acho que este também



não funciona. Tenho problemas com a palavra de Deus, e tenho que solucioná-los. Antes corri riscos os quais me impulsionaram a outros, e, nesta etapa de minha vida, quero correr meus próprios riscos. Quando me levaram ao cirurgião pela primeira vez, uma enfermeira ia ao meu lado e eu lhe dizia: "Tenho medo"; ela passou a mão em meu rosto e disse-me: "Tranquelize-se". Essa voz era de Deus no momento em que eu não encontrava sentido. Provar outra lógica - trata-se de um processo que leva tempo para experimentá-lo e para compartilhar coisas que são distintas.

☉ Luz

Gostaria que falássemos dos riscos de perversão dessa lógica. Quando discutíamos com os sacerdotes, falávamos da importância do perdão, numa situação de violação, por exemplo. Um dizia que o sentido é que se perdoe o agressor. Naquele momento isso gerou muito ruído, porque se tratava de submissão. Depois de um tempo, passei a entender que o perdão vai mais além. E eu pergunto se perdoar é reconciliar-me comigo mesma, para eu continuar caminhando, reconciliando-me com a vida. Este sentido da reconciliação com a vida ilumina. Quando ouço você falar, percebo que você vai traçando os caminhos para ir mais além, mas neles corremos o risco de nos pervertermos. Isso me parece fazer parte da aprendizagem.

☉ Ivone

Quero propor um caminho, quero examinar o resgate que podemos realizar da tradição cristã. Não quero defender, mas, sim, ver a lógica inerente a esse processo. E, talvez, não imediatamente pensar que nos serve para algo, inclusive para pensar um caminho feminista diferente. Damo-nos conta de



que a lógica do mundo patriarcal é de que exista igualdade entre mulheres e homens. É certo, porém o que existe é uma desigualdade real; então há coisas que vão mais além da lógica real e legal. Por este motivo, pretendemos ir mais além dessa lógica real. Só quero assinalar que estou tentando abrir outro caminho - tento abri-lo porque algumas de nós queremos seguir na tradição da fé cristã. Porém, eu me dou conta das contradições que temos e do desgaste do cristianismo patriarcal em nossas vidas e na sociedade.

☉ **Silvia Regina**

Não sei como expressar o que quero dizer, porque se trata de coisas muito fundas. Eu escutei profundamente Coca e Paloma, enfim, a todas, e sinto que as outras lógicas que propusemos também custaram um preço alto em nossas vidas. As consequências se fazem presentes inclusive em nosso corpo e em nossa saúde. Essas lógicas impuseram um custo e continuam impondo. Eu me sinto em comunhão com esse processo. Faço perguntas a mim mesma, e não quero render-me. Esta outra lógica se relaciona com aquilo que nos move e que nos sustenta. Desdizer tudo o que fiz não significa que estou arrependida. Aqui não há arrependimento, mas, sim, necessidade de buscar argumentos, porque, de repente, sinto que esses não são suficientes. Os níveis devem ser separados, e, no primeiro, dar lugar à estratégia, à independência, à autonomia. Ganhar dinheiro é importante, com isso concordo, porém se perdeu a dimensão daquilo que nos sustenta e que nos alimenta. Esta lógica de ir mais além é um caminho para ressignificar o que fizemos e o que estamos fazendo, que podem ser coisas muito pequenas, coisas da vida. Em primeiro lugar, não se deve ter medo, mas, sim, se sentir segura de que isso não significa voltar



atrás, mas, sim, aprofundar mais e pedir mais, entrar mais em comunhão, por ser este momento mais exigente, e as lógicas de que dispomos não serem suficientes para enfrentá-lo.

⑥ Mónica

Chorei muito ao ouvir esta primeira reflexão que fizemos, porque pensava que, na condição de militantes clandestinas de esquerda, entramos na teologia da libertação e atuamos, e as CEBs julgavam você, porque o reino estava próximo. Os corpos sofrem, e meu corpo, sem dúvida, sofreu. Continuo teimosamente acreditando nesta lógica que me enamora, ou seja, a possibilidade de esta deusa que me habita, e que sou eu, poder brindar algo mais para que sua vida se embeleze. Sem dúvida, me pergunto: “O que me garante que a deusa que me habita possa dialogar com esse deus e essa deusa no ser do outro?”; “Como é possível que ela habite seres capazes de fazer tanto mal?”; “Qual a referência real?”. Trabalho no Município de Quito em capacitação de policiais no que diz respeito aos direitos e à atenção das pessoas mais necessitadas, e trabalhamos com uma metodologia que leva em conta o sentir e o pensar, sempre a partir da experiência. Aconteceu algo entre mim e um companheiro policial - agora posso dizer isso, porque os vejo humanos e frágeis. Pediram-me que o excluísse da lista dos participantes, e eu perguntei por que. Disseram-me que ele havia matado alguém. Chorei muito, sou muito chorona, porque sentia que não havia feito nada, que a capacitação não servira de nada; no entanto, quis vê-lo e perguntar-lhe: “Por quê? Você me dizia coisas tão lindas, que queria paz em sua vida, que ia contribuir para sua cidadania”. Então “qual é a referência?”; “Quem é esse Deus secreto para cada um, e é, realmente, tão secreto e tão íntimo?”



Esta lógica de que jamais veremos o reino é muito dolorosa. Esta lógica anda de mãos dadas com o ser mulheres vivas, com força, pois necessitamos de ferramentas visíveis. Não se trata só de discursos, mas também de fatos concretos. Afirmar que tudo é provisório é real, porém fazemos aproximações sucessivas. Por exemplo, para tornar visível a violência contra as mulheres se teve de lutar muito. Chegamos a algo, porém sempre há algo mais pelo que lutar. Mario Benedetti diz que a vida dele é uma batalha e duelo.

⑥ **André**

Tem sido para nós um processo de confrontação sair de um lugar e intentar chegar a outro, porém estamos no caminho. Desde a discussão do tema da autoridade, ontem, ficou claro que fazemos e podemos fazer teologia. Uma das coisas que me incomodam um pouco é a palavra “lógica”, porque remete a um esquema. Não sei se estamos buscando outra lógica ou alguma coisa na lógica. Encontro uma relação com o que você diz sobre o tema da loucura, a partir de minha tradição luterana e com teólogos homens, que chamam os gays de “maricas”, “loucas”. No Brasil, na linguagem cotidiana se fala “louca”, “loucura”. Esta palavra está sempre presente e tem muito a ver com a experiência das pessoas *trans*, que se encontram fora dos esquemas lógicos e criam outro espaço epistemológico, que inclui essa loucura, essa ausência de sentido, pelo menos do sentido da lógica que temos aprendido. Isso é forte, místico, pessoal, íntimo, político, radical, porque as mulheres foram chamadas de loucas e me ajudam a pensar esse deslocamento. É muito importante o que Lutero dizia: “Você é livre, porém a liberdade é escravidão, porque somos justos e pecadores”. Falo de Lutero porque é minha tradição.



Tudo isso nos vai levando pouco a pouco e, embora me pareça difícil, me encanta querer resgatar o tema da loucura, e aí nos encontrarmos com Michel Foucault. E há muitas possibilidades, porque a loucura nos permite a suspeita.

⑥ **Ivone**

Porém Michel Foucault disse que a loucura tem uma lógica, e somos nós que dizemos que ela é ilógica, mas, sem dúvida, ela tem sua própria lógica.

⑥ **Graciela**

Penso, quando escuto esse tipo de coisas, que parece ser algo muito diferente do que vivemos, e, sem dúvida, quando você falava, eu reconhecia essa lógica de Mateus em algumas experiências contadas ontem à noite. Por exemplo, quando trabalhamos contra a violência, não o fazemos golpeando o agressor, e, de alguma maneira, o que fazemos responde a essa lógica. E gosto de retomar essas coisas que ainda estão presentes. Como você dizia, algum *flash* dessa lógica se faz presente. Você o dizia: está e não está, provisoriamente. Tampouco essa lógica está sempre em uma pessoa, porque esse mais além implica transcender nosso próprio ego e nossas pequenezas.

⑥ **Sandra Cristina**

Vou dizer que acredito e não acredito no que você apresentou. Não acredito nessa lógica porque já tentei vivê-la. Não se trata de nova proposta, pois era o que estava presente na congregação da qual saí. As bem-aventuranças vividas desta maneira eram o que ela nos impunha, tal como se encontra no texto. Justamente o que me provoca ruído e com o que não posso lidar é a falta de justiça - e isto me levou a não crer em Deus. Estou vivencian-



do uma profunda crise de fé, e isto não pude dizer antes, porém não posso acreditar em um Deus que me pede o impossível. Já não pretendo tentar este caminho que já quebrou meu corpo em outro momento. Essas bem-aventuranças soam utópicas e me levam mais além, porém no fundo matam, e prefiro o caminho de Virgínia Woolf, que me souo libertador. Creio que posso encontrar-me com outros nessa cripta e sair reconfortada. Resisto a tentar outro caminho.

6 Tirsa

Ontem, quando você falava, anotei o que você dizia sobre a necessidade de respostas, o que, a princípio, me chocou, porque, em pedagogia, se insiste mais na pergunta do que na resposta. E você disse que nós estávamos convidadas a dar respostas, e me senti obrigada a fazê-lo. Escrevi que a pergunta é uma oportunidade para escutar que algo diferente pode ser feito e para pensar como posso encontrar outra resposta - a religião inventa e reinventa você. Busquei o que escrevi quando escutava você, e era como uma pergunta para a qual agora não tenho resposta, mas sinto que a construiremos. O que você propõe, acredito, não é um convite à outra lógica, mas ao que existe e me apaixona. Esse aspecto me leva ao que estamos vivendo na Costa Rica, na universidade onde estou trabalhando: nos cursos não falamos de teses, mas de "loucura", e aprendemos que, se não nos "enlouquecermos", não poderemos mergulhar naquilo que fazemos. Sinto que esta lógica, entre outras coisas, nos convida a ver onde colocamos Deus - ou o que chamamos de Deus -, e nos devolve a nós mesmas e nos diz: "É você, Tirsa, é você". Então abro os olhos e sou Deus, e as outras também são Deus. É como se escutasse a exigência de sentir e atuar de modo diferente, porque, às ve-



zes, uma experiência que quase rompeu o meu corpo foi ver como as mulheres, com as preocupações e dores que temos como mulheres, fazemos o mesmo que o sistema patriarcal. Tal constatação - ver como repetimos isso - me dói mais que o próprio patriarcado -, porque nos situamos na lógica patriarcal, matando-nos umas às outras. E reconheço que o convite de nos vermos dentro e fora é fazer algo totalmente novo, e que não seja feio.

⑤ Zeca

Acredito, como disse Paloma, que temos de recuperar a utopia. A pergunta é como manter a utopia com lucidez, porque acredito que muito de nossa experiência, a partir do marxismo, tem sido pensar que a possibilidade de mudança é total, e que, em um determinado momento da história, ela se realizaria de forma integral. Outro comentário diz respeito ao perdão. Isso me lembrou uma amiga jornalista, uma mulher jovem que, com seu trabalho, já recebeu vários prêmios - ela se chama Eliane Brum. Quando veio à tona o tema da pedofilia, ela entrevistou pedófilos e os viu como seres humanos, como pessoas, com o que fazem de maldade. Ela não necessitou do Evangelho para proceder dessa forma. Como diz Ivone, o Evangelho pode ser uma das fontes de valores éticos, mas você não necessita de Deus para ter um comportamento ético; você pode tê-lo, seja religiosa ou não. O marxismo nos países socialistas foi o que foi o cristianismo na Inquisição - tortura, morte, falta de liberdade e tudo mais. O Evangelho também foi fonte de opressão na vida das mulheres. Nessa mesma linha, quero falar da experiência que foi um curso que fiz na universidade e que me encantou, e cujo tema era marxismo e religião, e me encantou pelo que fizemos no curso com vistas à recuperação do humanismo utópico do



marxismo. O humanismo marxista tem muitas vinculações e articulações com o Evangelho e, não por acaso, os teólogos da libertação eram marxistas. E o humanismo marxista o que é no fundo? A crítica da lógica capitalista e a proposta de outra lógica; a ideia de negar uma lógica da troca, segundo a qual tudo tem preço e todas as relações são por ele medidas, como se tudo se intermediasse pelo dinheiro. O mercado capitalista transforma todas as relações em troca. A proposta belíssima de Marx é a lógica da gratuidade e de que as pessoas valem por outros valores e não porque possuem o carro mais lindo; pela generosidade e pela capacidade de gratuidade nas relações. É fundamental reencontrá-lo como fonte de sabedoria, para viver e com-viver na comunidade humana. Encanta-me encontrar em várias partes do mundo propostas para uma vida menos leviana - pois vivemos correndo para ganhar dinheiro e consumir e dizer que não é necessário, que não temos necessidade de tantas coisas para viver, que podemos viver de forma menos leviana. Trata-se de ilhas que têm como horizontes não a troca de mercadorias, mas, sim, as pessoas pelo que valem em si mesmas.

⑥ Paloma

Quero desculpar-me, porque sou veemente e, provavelmente, pela minha veemência algumas de vocês sentiram-se agredidas. Para mim, ao contrário de Zeca, o Evangelho é o livro que tem um peso muito forte e o que maior influência exerce sobre minha vida - é aquele com o qual eu luto mais. Enfastiam-me aquelas sabedorias que são difíceis, e existem outras que dizem as coisas de forma clara e simples. Normalmente não só entendo como estou de acordo com o que Zeca comenta sobre a gratuidade. No entanto, ela fez uma afirmação com a qual não concordo muito: trata-se do convite a uma doação

sem medida, pois, de minha parte, digo: doe-se em pequenas doses, porque, se você der tudo, pode ser fatal. Repito: doe-se em pequenas doses, com limites, porque, senão, minha filha, você acaba sendo devorada pelos amigos e inimigos, e pela mãe que deu à luz você. E, quando a convidarem à renúncia do calculável, torne-se calculadora. O que me ensina Virgínia Woolf me faz sentir muito melhor. Talvez eu não devesse transmitir esta mensagem a ninguém: calcule, criança!



A tradição do Evangelho

Pensar o cristianismo a partir de outra chave

Quero relembrar algo: tudo o que fazemos através da religião podemos fazer sem ela. A pergunta é: “Por que o fazemos com a religião?” Em primeiro lugar, independentemente de nossas crenças, a religião é um ato social e cultural - estou me referindo às religiões. Repito: se a mim não interessa, não significa que o fenômeno tenha de ser excluído da cultura. Se há coisas na religião que abracei e que não me servem, não me servem, e ponto. Porém, se há coisas na religião que me servem, bem, me servem. Quero marcar que a diversidade de comportamentos em face da religião está marcada por nossa subjetividade e nossas histórias pessoais.

Posso acusar a religião de haver-me feito isto ou aquilo, porém minha decisão é mais forte que a religião, e tenho de perguntar a mim mesma por que me coloquei em situação de submeter-me à religião. Vocês entendem a pergunta? Ela não se colocou espontaneamente sobre mim, embora a tenha recebido como herança da minha família; mas, mesmo assim, eu tenho de me perguntar: “Por que eu tenho procurado a religião?” “Quais têm sido meus caminhos e minhas ilusões ao pensar que, com base na religião, realizaria meus sonhos?” Isto vale para todas as pessoas, especialmente para as mulheres, que não têm tido tanto poder nas instituições religiosas, às quais



agregamos obediência sobre obediência, sacrifício sobre sacrifício, martírio sobre martírio, acreditando que, desse modo, seríamos felizes. Minha individualidade - e desculpem-me se insisto - e as outras fontes de luta de minha vida não invalidam as tradições.

Posso não querer a religião, porém não é porque não a quero que deixa de existir esse momento: no futuro, não sei o que acontecerá. O cristianismo floresceu com muita força no norte da África, no século IV, no tempo de Santo Agostinho, e, depois, desapareceu quase completamente de lá. O cristianismo deixou de existir nesse continente até o século XIX, quando se iniciou a conquista visando tornar a África uma colônia. Não existia na China, o que bem revela a língua chinesa ao não conter em seu vocabulário termo ou expressão para nomear Deus. É necessário pensar com maior mobilidade. Sandra, você falou de seu sofrimento quando era freira, porém, para mim, a entrada no convento tem sido uma experiência libertadora, o que pode parecer uma tolice ou um absurdo, porém tem sido assim, ainda que, depois, eu formule a mim mesma perguntas mais críticas sobre minha eleição. E eu continuo freira, porém vivo de uma maneira que me serve. “É perfeito? Não!”. “Essa condição me faz sempre feliz? Tampouco!” “Existem aspectos interessantes como uma certa coerência com o que quero viver? Sim!” “Sou modelo para outras? Não!”.

Paloma: também Virginia Woolf me encanta, porém não posso pôr na mesma escala musical a nota dela e a dos textos do Evangelho. Não posso porque valem mais, porque possuem tons distintos ou porque o tom dos textos das sabedorias pode ser bom ou ruim. Não estou dizendo que seja sempre bom ou que tenha a mesma força de construção. Se não estivermos sempre lúcidas, cada um pode gerar uma força de perversão. Até mesmo o amor a uma pessoa pode gerar ódio: temos esta capacidade. Até mesmo o amor de uma mãe pode sufocar a vida de um filho. Isto vale para todas. Eu, também, como professo-



ra, se não estiver atenta, posso sufocar a criatividade de meus alunos. Posso pretender que pensem como eu penso. É necessário ver de que perspectiva ou plano estamos falando. Por exemplo, eu devo muito de meu caminho ao feminismo, a Virginia Woolf e a tantas outras feministas.

Eu devo muito às teólogas norte-americanas, holandesas e espanholas que me despertaram para os aspectos e condições da vida dos quais não me dava conta. E, ao dar-me conta, “por que cheguei a isso?”, “por que necessito disso?” Não porque seja de fundamental importância para a vida da humanidade, mas, sim, porque quero, e ponto. Faz parte de minha história guardar o que construíram para mim, antes, ou seja, as heranças que recebi de meus ancestrais. Aquelas pessoas que não voltam atrás em suas decisões porque não querem não significa que se tornarão melhores ou piores do que eu, que volto. Porém há uma memória comum que se pode construir voltando a alguns textos e memórias. E a uma memória que é lembrada hoje. Este é o trabalho da memória. Há um livro excelente do filósofo e hermenêuta Paul Ricoeur, que se chama *A memória, a história e o esquecimento*.

A força do simbólico

O que nos permite dar importância à memória? O que se encontra no Evangelho é uma memória, e não quero excluir os Upanishads, os textos sagrados muçulmanos e budistas, de Popol Vuh ou as tradições indígenas. “Posso viver sem eles? Posso!”. “Posso buscar a justiça e os direitos sem buscar a legitimidade deles? Posso!” Porém, servem para quem quer servir-se deles, servem para a comunidade que pensa ser interessante referir-se a eles. Como lhes disse, na primeira parte, tomei o que parece caminhar em sentido contrário à nossa lógica, quando afirmei: “Arranca teu olho”. Há um escritor de comédias chamado Aristófanes, que viveu antes de Cristo e que escreveu um livro



chamado *A guerra do sexo*, no qual conta que as mulheres dos soldados gregos estavam muito cansadas porque eles não ficavam em casa. Terminava uma guerra, já começava outra; então uma mulher sábia as aconselhou: "Arranquem o sexo da relação e vejam o que vai acontecer!" (o que deve ser entendido simbolicamente, uma vez que é simbólico, pois se trata de uma metáfora). Uma disse a outra e decidiram não mais entregar o sexo. Simbolicamente arrancaram o sexo e, com isso, conseguiram dar termo às guerras. Isso significa que elas foram mais além das concessões. Insisto: não façamos uma leitura literal, senão simbólica, e, além disso, recordemos que a história das CDD começa também com a luta por uma interpretação diferente do cristianismo, e é por esse motivo que continuamos em conflito com a oficialidade hierárquica e seus adeptos e buscamos algo diferente.

Por um lado, estou de acordo com Paloma quando afirma que essas sabedorias são muito difíceis, porém me surpreende que pessoas mais simples as entendam perfeitamente. Uma amiga minha, monja beneditina, que tinha de escrever sobre a ressurreição e não sabia o que escrever porque tampouco entendia, estava no campo quando encontrou um camponês que conhecia e a ele perguntou: "Manuel, você acredita na ressurreição?", e ele lhe respondeu: "Claro que creio. Por quê? Você não crê?". Minha amiga respondeu: "Sim, creio, porém quero saber como você acredita". Manoel replicou: "Observe um grão de milho, que aqui existia; morreu como milho e ressuscitou como grão! Meu pai morreu e eu estou aqui, ressuscitado e vivo, e, quando eu morrer, estarão aqui meu filho e minha filha. Morremos e ressuscitamos. O grão ressuscitou!".

Há coisas que a gente mais simples entende e que eu não entendo. Escrevi um capítulo sobre a virgindade de Maria, a partir do que uma pobre trabalhadora me ensinou. Eu ia reunir-me com as mulheres operárias e, antes de começarmos com o tema da reunião, uma me disse: "Posso fazer uma pergunta a você? Eu não entendo

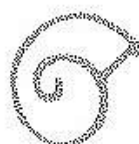


como Maria teve Jesus e continuou sendo virgem?” Outra trabalhadora me perguntou: “Ivone, posso explicar?” Em seguida, ofereceu a seguinte explicação: “Eu trabalho na máquina, sou casada e tenho cinco filhos, e vem o chefe da seção e me diz: ‘Juanita, saímos esta noite?’ E eu lhe digo que não. Quando fazemos uma reunião no sindicato, ele me diz: ‘Soube que houve reunião. O que aconteceu?’ Eu não lhe conto. E isso acontece muitas vezes. Você vê? Tenho cinco filhos e sou virgem. Virgem, do ponto de vista da justiça, porque não me entreguei. E não entreguei meus companheiros”. Trata-se de uma exegese que ela havia elaborado, e eu não. Ela tinha buscado alento e alimento no cristianismo. Trata-se de pensar de outra maneira, isto é, abordar os relatos como metáforas, e não como textos científicos. As metáforas nos fazem avançar porque pertencem a outro tipo de racionalidade.

Estou de acordo com Sandra quando afirma que as instituições têm manipulado e não considerado as metáforas das sabedorias, mas pretendido vivê-las ao pé da letra. Porém não podemos jogá-las no lixo nem reproduzi-las realizando uma interpretação ao pé da letra. Elas possuem uma função útil na sociedade? Sim, quando a explicamos na perspectiva de libertação das pessoas.

Uma tradição para além da instituição

Outra coisa que pretendo recordar é que a igreja católica viveu o episódio da inquisição, o Papa continua contra as mulheres e a igreja continua sendo um império com muito dinheiro e muita corrupção. Assim é a história dos homens, embora possua aspectos muito bonitos. Porém, para mim, a tradição do Evangelho é maior, porque, se não o fosse, não mais me mobilizaria a queimar meus neurônios para refletir sobre o cristianismo a partir de outra chave. Digo-lhes claramente que as pessoas que mais me inspiram não são os teólogos: inspiram-me a literatura, os



textos filosóficos e poéticos. Há algo que leio no Evangelho de Lucas que me diz algo similar ao que me dizem Mario Benedetti e Cecília Meireles ou os romances de Isabel Allende e José Saramago. Trata-se de um viver diferente, de um tratamento diferente que não conhecemos e que, por isso, necessitamos desse texto para aprender a viver. Vou a ele porque me interessa, porque é um pouco parte da minha história, à qual eu poderia dar às costas e dizer que é um volume esquecido da história de minha vida, coberto de pó, e que não quero voltar a abri-lo. Posso fazer tudo isso.

Quero aproveitar para comentar talvez, a partir de outras perspectivas, a intervenção de Pepita no início, quando recordava a situação do rapaz drogadito que a enchia de compaixão. Eu tampouco sei, porém tenho lido muitos filósofos, como Lévinas, e é interessante pensar que, em sua complexidade; estes textos são simplesmente contos que fazem pensar. Eu não poderia caminhar em plena Avenida Paulista, em São Paulo, e ver uma mulher dormindo ao relento e levá-la para o Palace Hotel e pagar para que cuidem dela. Claro que não. Como as fábulas de La Fontaine, que escreveu tantas entre as quais a do corvo, que é muito feio, e a raposa, que é muito inteligente. Ao corvo, que tinha um pedaço de queijo, a raposa disse: “Corvo, és tão belo e tua plumagem é tão bonita!” E o corvo muito contente falou: “Ahl, que belo sou!” E, em suas piruetas, deixou cair o queijo, que a raposa, imediatamente, apanhou e comeu. As fábulas ensinam algo e, também, os textos do Evangelho. Eles nos provocam a encontrar saída para os problemas. Paul Ricoeur — falando do amor ao próximo, da caridade — afirma que existem relações curtas e relações longas. Às vezes as relações curtas podem servir. Por exemplo, se eu começo a chorar na rua e você não me conhece, mas, mesmo assim, me pergunta o que está acontecendo comigo. Pode ser uma relação curta também, se sua vizinha, em algum momento, precisa de batatas e, estando fechados os supermer-



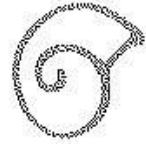
cados e armazéns, pergunta se voe pode dar ou emprestar algumas. Este é o tipo da relação curta. Há também as relações familiares que são curtas. As relações longas são as relações sociais como aquelas que se chamam “instituições de ajuda”.

Há casos nos quais você não pode fazer nada, porém o país, a nação, tem de prover esse tipo de instituição para auxiliar, entre outros, os drogaditos e os que saem dos cárceres. O que você pode fazer, Pepita, é fomentar a criação de instituições de ajuda ampla. As delegações das mulheres são relações longas. As que sofrem violência têm para quem recorrer, e tenho de lutar para que isso aconteça, contribuindo para que sejam implementadas políticas públicas que despendam cuidados amplos e atenção, por exemplo, para os velhinhos abandonados. Claro que não posso levar todos os pobres para minha casa. As relações amplas são todas necessárias. Supostamente, as sugestões que nos fazem alguns textos da sabedoria têm contradições. Para saná-las, realizam-se atualmente leituras bíblicas pós-coloniais, que fazem críticas e propõem correções.

Diálogo com as/os participantes

⑥ Coca

Com o intuito de ampliar, refiro-me aos comentários feitos por Pepita, que provocaram em mim dois tipos de ressonância. Um diz respeito à culpa, porque muitas vezes sentimo-nos culpadas em relação a algumas pessoas, mas temos de nos conscientizar de que não podemos resolver todos os problemas da humanidade. Outra coisa é que igualmente nem sempre podemos intervir, pois, muitas vezes, ao tentarmos praticar o bem saímos prejudicadas. Inquestionavelmente as ajudas institucionais são poucas e não respondem às necessidades, mas é preciso ter cuidado ao intervir.



⑥ **Pepita**

Não sei se vocês me compreenderam, mas não me sinto nem culpada nem responsável. Sinto que, diante do sofrimento de meu próximo, necessito lutar contra as estruturas injustas.

⑥ **Ivone**

Temos que entender as estruturas como relações que podem ser boas ou más, pois facilmente se pensa que a palavra “estrutura” se materializa e ela é pensada como algo imóvel. As estruturas existem dentro e fora de nós e, por isso, não é impossível transformá-las.

⑥ **Pepita**

As estruturas são muito pesadas, pois se relacionam com a economia e a política, e tenho muita dificuldade em compreender seu alcance. Lembro-me que em minha formação, tanto na infância como na juventude, havia um lema que dizia: “Se queres que o mundo se transforme, transforma-te a ti primeiro”. Reconheço que isso é necessário, mas, por exemplo, existem questões econômicas objetivas que conduzem ao estabelecimento de relações econômicas. Aos bancos é permitido enriquecerem-se, acumularem riquezas, e, quando entram em crise, pedem ajuda. Modificar essa situação não depende de você, porque há uma estrutura que favorece a exploração e as relações econômicas. Então me pergunto sobre o que compete a mim.

⑥ **Ivone**

Esses donos de banco pretendem reproduzir na sociedade o que possuem dentro de si. A estrutura que criam é parte de sua vontade, embora a transcenda, ou seja, vai muito mais além. Por conseguinte, o que constroem é muito grande, bem maior do que sua subjetividade, apesar de tudo começar com ela.



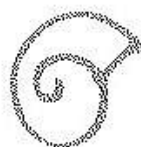
⑥ **Pepita**

Porém, quando morre o dono do banco, as estruturas, normas e leis que favorecem os banqueiros permanecem, pois, como se disse, elas vão bem mais além deles, motivo por que elas têm o nome de estruturas. São constituídas por pessoas, mas atendem a interesses que vão mais além da vontade delas.

⑥ **Ivone**

Dou-me conta de que as estruturas são bem complexas se buscarmos entendê-las a partir de uma única perspectiva. Mas o interessante é que há não só uma, mas várias perspectivas. Por isso, me encontro em um barco de incerteza em relação a condições ou aspectos como as estruturas, que vão mais além de nossas individualidades. Compreendo, no entanto, que essas condições e aspectos também habitam nossas individualidades e são tão grandes que nada posso fazer senão esperar que outras condições se organizem.

Quando falo de lógica, não falo de coisas fixas, mas, sim, de maneiras de pensar e habitar o mundo. Nesta sala, por exemplo, há pessoas com lógicas diferentes. Isso significa que não são as estruturas que são duras, fechadas e irremovíveis, porém as maneiras diferentes de pensar, de sentir e de atuar. E isto não tem a ver com a lógica aristotélica. Na linguagem popular, por exemplo, a gente diz comumente “isso não tem lógica”, comunicando, assim, que esta lógica é diferente daquela que se pretendia que houvesse. É o caso da lógica da loucura, como tão bem observou André. Nós, feministas, em muitos tempos e lugares temos sofrido violência que não necessariamente tem origem na igreja ou na religião. Veio-me à memória Patrícia Galvão. Um livro de sua autoria conta ter sido ela uma das primeiras



feministas brasileiras que lutou contra a ditadura militar. Ela pertencia ao Partido Comunista, quando ainda muito jovem - entre 22 e 23 anos - e muito bonita. O partido impôs-lhe a tarefa de seduzir um homem de direita com o objetivo de obter dele algumas informações. Ela se contrapôs, até mesmo porque nesse momento acabara de ter seu primeiro bebê. O partido não voltou atrás e lhe impôs essa tarefa como condição para sua permanência. Ela obedeceu. Nós, mulheres, temos dado o sangue e o corpo para serem golpeados. Não somente a religião desfere golpes, mas também os partidos libertários nos oprimem. Até mesmo a teologia da libertação nos oprime. As fontes de opressão são múltiplas.

⑦ **Pepita**

Supõe-se que as propostas religiosas contribuirão para a superação do mal, e, ao mesmo tempo, elas pretendem constituir-se nessa própria superação, pois se reconhece que suas doutrinas e conteúdo são morais. No entanto, elas convivem com a imoralidade. As instituições civis, em troca, não se propõem como morais.

⑧ **Ivone**

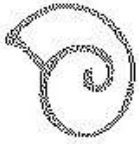
Discordo, porque elas se propõem moralizar como tantas outras. A moral do Partido Comunista também era muito rígida.

⑨ **Pepita**

Por que, então, os livros sobre religião têm maior peso?

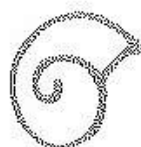
⑩ **Ivone**

Não é que tenham maior peso - trata-se de um peso diferente, porque tem um caráter reconhecido como sagrado. A Bíblia, por exemplo, saiu com a co-



lonização da Bélgica e foi até o Congo, e foi imposta e possui um peso que lhe foi dado por outros que utilizam esse livro.

Nunca alguém impôs o livro de Virgínia Woolf, mas a Bíblia, sim, porque se diz que se trata da “palavra de Deus”. Trata-se da palavra humana - a Bíblia é pura produção humana - e com essa afirmação não queremos retirar o seu valor. Quando se diz “Deus”, quando se pronuncia a palavra “Deus”, afirma-se um dos tipos de sede que temos. Coca me fez recordar isto e eu há algum tempo estou trabalho nisso. Eu afirmei às CDD que não se deve tomar a palavra “Deus” como substantivo, mas, sim, como verbo. O modo como falamos endeusar trata Deus como uma qualidade conjugável. Podem-se fazer muitas coisas para retirar desse livro sagrado o sentido da palavra de Deus como personagem, um personagem que inventamos e que ditou sua palavra. Faço outra leitura da tradição cristã, que vale de forma diferente, assim como Virgínia Woolf pode ser lida de diferentes maneiras. Trata-se de um movimento; este livro que nos foi legado como a palavra de Deus pode ser transformado na palavra humana na perspectiva de muitas culturas. Como o Eclesiastes (Coélet) que afirma: “Não há nada de novo sobre a terra”. Há muitas coisas das sabedorias que estão aí e que dizem que é a palavra de Deus, não a nossa. Mas não se deve dizer que é “a palavra de Deus”, mas, sim, a palavra de Mateus: “Há coisas bonitas? Sim!”, “Deve-se rechaçar tudo? Não!”. Isto é pós-moderno. Trata-se de uma dinâmica que pretendemos que entre em outra lógica, porém voltamos à lógica que nos tem formado e, logo, voltamos novamente; são o estudo, a reflexão, a meditação e a conversação que nos têm ajudado a ver diferente e a adquirir novas maneiras de nos aproximarmos do texto.



⑥ Regina

Retomando o que dizia Pepita, quando é a religião que faz mal às mulheres, o escândalo é maior. E por que é maior? Porque se origina mais além do espaço onde, aos nossos olhos, deveria emergir um compromisso ético. No mestrado fiz uma dissertação que consistia na análise das relações entre homens e mulheres nas Organizações Não Governamentais (ONGs). Debrucei-me sobre duas: uma era laica e outra confessional. Na confessional a dominação das mulheres pelos homens tinha um peso maior, porque era mais difícil compreender o discurso religioso da igualdade e, por vezes, aceitar a desigualdade entre os gêneros.

⑥ Ivone

Estou totalmente de acordo. Este caráter que se tem dado ao livro, à palavra divina e à instituição igreja de pertencer à esfera divina inclui o inconsciente coletivo e passamos a dar maior importância à condenação que vem da igreja. Porém, se nos esforçarmos para entrar em outra chave, a luta será distinta.

⑥ Zeca

Pergunto: Quando terminar este trabalho e eu voltar para casa, certamente me farão perguntas sobre o conteúdo da teologia laica. O que lhes digo? Se perguntarem sobre teologia laica o que lhes respondo, já que me encontro propensa a abandonar essa lógica? Poder-se-ia pensar nas fontes dessa teologia, ou seja, nas sabedorias ou no próprio Evangelho? Ou se deve refletir somente sobre a sabedoria da gente e a vida? Caso recusemos a centralidade do Evangelho como fonte e busquemos outra chave, outros parâmetros, o que fica do Evangelho e de seu envolvimento na luta ou do marxismo ou ainda da teo-



logia da libertação ou das CEBs ou de outras fontes de sabedoria como Virgínia Woolf? E no feminismo que elementos seus podem ser objeto de reflexão na perspectiva de uma teologia?

⑥ **Paloma**

Acerca da possibilidade de se deixar de lado o Evangelho e se proceder a uma leitura mais inclusiva, pergunto se conhecemos outra fonte ou saber que, mais do que o Evangelho, se encontre presente em nossas vidas. Não partimos do pressuposto de que ele seja mais central, mas, sim, de que, pelo que o conhecemos, ele atravessou nossas vidas. E talvez o marxismo tenha também atravessado, porém, a nós que pertencemos às CDD, ele não nos atravessou.

⑥ **Zeca**

Se a proposta for de uma teologia laica que tenha outra interpretação do Evangelho, então trata-se de um intento a mais. A teologia da libertação propôs: vamos tomar o Evangelho e interpretá-lo de outra maneira. Também as teologias feministas o fizeram na perspectiva da vida das mulheres, propondo que se deveria tomar o Evangelho e interpretá-lo desse ponto de vista. Não se trata de uma proposta, mas, sim, de uma pergunta: uma teologia laica tem como fonte muitas sabedorias ou tem como centro o cristianismo que interpretará de outra maneira?

⑥ **Ivone**

Você me encontra em uma etapa que tem como objetivo sistematizar aquilo que, para nós, ainda não é claro e que iremos construir juntas. A única coisa que está clara é que, a partir da perspectiva feminista, em diferentes contextos da vida, não posso continuar lendo o Evangelho como algo metafísico, que se situa acima, como vimos no rito do primeiro



dia. Quero deixar de lado esta tradição e mesclá-la com as coisas da vida, por exemplo, quebrando o crucifixo ou rasgando as páginas do Evangelho, porque são partes de um itinerário de nossa cultura. Sabemos que o cristianismo chegou com a colonização, matou, violentou, mas impôs sua cultura. Ele tem ajudado muita gente a pensar sobre a justiça e formar uma visão sobre e tem provocado o nascimento dos movimentos sociais de valor. Porém este Evangelho tem sido também dominado pela hierarquia, e a leitura que eles fazem desse texto aborrece muitas pessoas, inclusive as mulheres. Então o que faço? Propor outra coisa diferente da dogmática cristã. E nesta leitura entrarão Virginia Woolf, Dostoievski e os poemas de Benedetti? Sim, entrarão. Há um exemplo muito bonito de alguns monges beneditinos canadenses e um grupo de sufis que bailam. Eles fizeram um disco que mescla a tradição cristã com a islâmica. Aí se vê a possibilidade de diálogo e de encontro de muitos textos e tradições sem matar a originalidade de nenhum deles. O texto vai sendo lido e relido a partir da referência de meu contexto, porém não vou matá-lo, porque, se o fizer, mato parte de nossa história. Não temos o direito de fazê-lo, nem se poderia, embora o quiséssemos. Nenhuma pessoa pode decretar a morte do cristianismo.

☉ Zeca

Eu não me refiro a deixá-lo ou a matá-lo, mas, sim, inseri-lo entre outros.

☉ Paloma

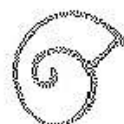
Não é excludente, simplesmente tem seu tempo: começamos por aqui, e não é casual, e isso acontece por algo, temos de começar do princípio, porque somos as CDD. Vocês me pediram para pensar com



vocês uma teologia que servisse para as mulheres e para os homens que estão abraçando a causa das mulheres, e, nesta teologia, quero que expressemos o que é importante para nós. Se o cristianismo continua importante para nós, ou seja, para as CDD, então temos que ler as fontes a partir de outra chave, ou seja, a partir das categorias e necessidades de nosso tempo. Vamos propor que nos leve para mais além e, por isso, que comecei com os textos de Mateus, e não com a doutrina da Encarnação nem do Sacrifício da Cruz. Nós, feministas, falamos muito disso. Não comecei com a teologia da Ressurreição nem tampouco com a da Trindade, porque também se pode lê-las a partir de outra chave, que não do Pai, do Filho e do Espírito Santo, que, como diz Sandra Schneiders, é “a história de dois homens e um pássaro”. Se pudermos começar por algo que não seja totalmente irritante, comecemos pelos textos do Evangelho que convidam a uma lógica diferente. Porque creio que o feminismo se insere nessa lógica, não dizemos que estamos com nossos direitos estabelecidos, mas vamos mais longe afirmando que não queremos reproduzir esta sociedade de violência. Mas como? Não sacando de uma faca e matando todos os homens que nos irritam, mas, sim, dizendo que vamos dar a outra bochecha. Porém qual bochecha? A outra bochecha se chama delegações de mulheres, o movimento da Lei Maria da Penha, o movimento das domésticas pela dignidade do trabalho; dando a outra bochecha, estamos enfrentando de outra maneira. Diz o Evangelho: “Se alguém te obriga a levar-lhe a carga, carrega-a o dobro mais longe” (Mt 5,41). Há que caminhar para conhecer melhor o contexto atual, para chegar a algo, porém não vamos chegar aonde queremos chegar, vamos chegar a algo que talvez seja diferente do que havíamos esperado. Posso dizer que pensamos em uma



direção “A”, porém outras pessoas dizem que melhor é a “B”, e outras dirão nem “A” nem “B”. Esta é a complexa realidade das comunidades humanas e cada uma é um impedimento para o desejo do outro. Viver em uma sociedade é uma intersecção contínua nos desejos e projetos do outro, e esta é a verdade no casal, na amizade, nas organizações. Vamos chegando, porém, não ao ponto final, mas sempre vamos chegando. Judy conhece muito bem a nova cosmologia e poderia ajudar-nos a perceber que a Via Láctea está em constante mutação. Aonde vai chegar, não se sabe, dizem que vamos explorar, não sabemos. Estas metáforas têm o objetivo de dizer que queremos uma sociedade boa, justa e verdadeira, sem opressão, sem roubo, sem mentira. Não vamos chegar lá, porque sou a primeira que não posso chegar, porque todos e todas necessitamos da mentira. Dizemos que não queremos a mentira, porém vivemos cheios de mentiras. “Qual é o homem que respeita profundamente a mulher?” Não vamos chegar lá. Estes são metadiscursos. Acreditamos que tudo vai ser perfeito. Se fosse assim, o universo morreria, porque ele vive pelas contradições existentes no próprio universo: nas estrelas que se chocam, nos meteoros. Não há que buscar a perfeição nem o final feliz da luta, porque a luta vale porque lutamos, como dizia Teresa de Ávila: “Não me move, meu Deus, para querer-te o céu que me tinhas prometido, nem me move o inferno tão temido, para deixar por isso de ofender-te. [...] Move-me, enfim, teu amor, e de tal maneira que, embora não houvesse céu, eu te amaria; que, embora não houvesse inferno, eu te temeria. Não me tens que dar porque eu te queira, pois, embora o que espero não esperava, o mesmo que te quero te quisera”.



O que quero fazer é devolver o cristianismo à humanidade. Ao amor do ser humano por si mesmo. Devolver às mulheres o direito de viver suas crenças a partir delas mesmas. Quando falamos de fé, falamos da dimensão pessoal e coletiva e, neste período de teologias intermediárias, haveria que começar a mudar alguns significados que incluímos.

Comunidades de mulheres

O direito de viver suas crenças a partir de si mesmas

Uma das coisas sobre as quais gostaria de refletir com vocês é que temos falado de comunidade de fé no cristianismo, porém sabemos que cada pessoa é diferente e que a fé é algo que se vive individualmente e também em comunidade. A fé aqui já não tem como objeto as verdades que foram há um tempo reveladas e que se têm convertido em leis, mas, sim, a dinâmica mesma de nossas vidas com as coisas que hoje podemos dizer que cremos até certo ponto. Crer em algo não é necessariamente ver aquilo em que cremos, mas, sim, introduzir isto que cremos na vida, como parte dela. Dizia-lhes, antes, que, nesta canção que diz que a dor não me seja indiferente, a dor tem um sentido pessoal e coletivo. A comunidade de fé não pode ser indiferente à dor das mulheres. Nos Estados Unidos, estavam sendo criadas comunidades chamadas "igrejas das mulheres", que se constituem numa forma de retomar momentos retratados pelo Evangelho e que se traduzem em crenças concretas.

Aquilo que cremos como mulheres significa mobilizar-nos cada vez mais para que as mulheres não sejam nem castigadas nem oprimidas nem apedrejadas. Há uma comunidade que não suporta as dores das mulheres e, da mesma maneira, há comunidades que se constituem

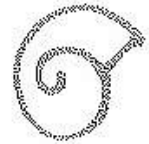


para alegrar-se. A igreja de mulheres possui uma teologia muito contextual e guarda sua dimensão política porque, nas igrejas, embora haja um público eminentemente feminino, as regras do jogo são ditadas pelo masculino. O personagem mais ético, amoroso, de maior sacrifício é um personagem masculino, centrado na pessoa de Jesus, que é interpretado por homens.

Estou abrindo a possibilidade de pensarmos, a partir do lugar no qual nos encontramos, como podemos constituir comunidades de mulheres que pensem de novo sua fé. Não é que os homens não possam participar, mas, sim, que a condução do processo se faça pelas mulheres. Como estamos acostumadas a que as regras do jogo sejam ditadas pelos homens, é melhor que nós demos as cartas do jogo, que possamos fazer celebrações diferentes inspiradas no que se passa em nossas culturas.

Celebrar em uma comunidade de mulheres significa construir sentidos e conteúdos que tenham valor e criar coisas que estamos desejando. Esta teologia que estamos tentando construir leva a ver o que já existe de feito na América Latina. Não somos convidadas a inventar tudo de novo. O que quer dizer é que estamos passando por uma etapa intermediária, que é distinta da primeira etapa do feminismo. Por exemplo, aqui ouvi uma de vocês dizer que a primeira etapa do feminismo resgatava o amor de Jesus pelas mulheres. Foi dito: “Encanta-me como Jesus defendeu a mulher adúltera”. Talvez esse passo teológico tenha significado reconhecer que éramos amadas por Jesus. Porém, esta foi uma etapa pobre, porque não se trata de que Jesus nos reconheça; poder-se-ia fazer o discurso inverso e dizer: “Olhem como Jesus reconheceu as discípulas”, e isso sem dúvida não o fazemos.

Queremos “empoderarmo-nos”, necessitamos desse “empoderamento”, da participação do mesmo poder e, por isso, às vezes - isso se encontra no livro *Compartilhar os pães e os peixes* —, tento dizer que Jesus de Nazaré possui uma história que pode ser paradigmática, com to-



dos os bordados que temos feito sobre sua história. Porém, quando dissermos quem é o Cristo, ou seja, que é a referência da salvação, o caminho para a salvação, de novo se poderia perguntar de que salvação estamos falando. E podemos contestar que não é a salvação de nossa alma ou depois da vida, mas, sim, que teria de reler-se esta figura de Jesus como Cristo e falar da dimensão crística, que é tomada na tradição cristã que me afirma a capacidade de ser ungida para a salvação. Cada uma de nós tem um sentido, pode ser salvadora para as outras, e Jesus participa a partir de sua história nessa salvação crística.

Quando uma amiga me convida a cear e compartilhamos algo que nos ajuda em determinada situação de angústia, gosto de dizer que nos salvamos uma a outra. Se um grupo busca a reforma agrária e a consegue, encarregou-se ele mesmo de sua salvação, não a prorrogando para um futuro posterior, mas, sim, realizando-a como uma dimensão da qual mulheres e homens participam, entregando-se uns aos outros. Resgato Cristo a partir do qual localizo uma única figura masculina e falo da comunidade ou dimensão crística. Na igreja de mulheres nada me impede de construir a memória de Jesus nem me impede tampouco de construir a memória das múltiplas salvações que vivemos ao longo do mês e do ano, o que significou para nós mostrar a dimensão de Jesus. O que pretendo fazer é devolver o cristianismo à humanidade - ao amor do ser humano por si mesmo. Devolver às mulheres o direito de viver suas crenças a partir delas mesmas. Quando falamos da fé, falamos das dimensões pessoal e coletiva, e, neste período de teologias intermediárias, teria de começarmos a mudar alguns significados para nos incluirmos. A dimensão crística é, portanto, uma dimensão inclusiva e democrática. Todos e todos podem ser parte dela. Trata-se de uma dimensão que não exclui Jesus, mas, sim, o inclui nisso do qual todos somos partes; os profetas e profetisas se incluem nessa dimensão ética. Significa doar-se com carinho e amor, compartilhar



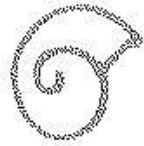
o pão; neste caso a dimensão ética abre-se para outras pessoas.

Poderiam perguntar-me por que assim proceder. Penso que, ao longo da história, particularmente depois da reforma protestante, houve uma distorção. As comunidades cristãs passaram a ser identificadas como a religião do rei; se o rei era protestante, todos deveriam sê-lo; se era católico, igualmente. Identificou-se a religião com a nação. A igreja reforçou seu poder, o dos pastores e do clero, e, a partir daí, se estabeleceu uma única explicação doutrinária da fé.

Agora começamos a perceber que a tradição não é algo fechado: acreditar não mais se relaciona com o creio que saiu do Concílio de Niceia e que repetimos sem entender. O creio pode ser dito em um tempo de uma maneira e, noutro tempo, de forma diferente. Vivemos um contexto de mutação extraordinário. A tradição não pode ser considerada como um bloco controlado por hierarquias e por reis, mas como algo vivo que acreditamos em cada momento, de acordo com distintas situações.

Hoje, mais do que no passado, teólogos, antropólogos e sociólogos estão de acordo com a concepção de que as tradições têm uma dinâmica que se atualiza diante de cada nova situação. Já não suportamos a teocracia que imperou e segue dominando. As comunidades que chamamos "igrejas de mulheres" são bastante diferentes das CEBs, porque, embora possuam um grau de autonomia, reproduzem os mesmos conteúdos que são as verdades da igreja. Não mudaremos o significado das CEBs, porém podemos criar, a título experimental, comunidades entre nós, se assim o quisermos. Podemos, em nosso entorno, criar comunidade que repense sentidos que nascem de nós.

Se formos uma comunidade com outras pessoas, podemos dizer que nós começamos uma comunidade com a finalidade de nutrirmos a vida, o diálogo, o estudo, enfim, começamos a afinar conteúdos que nos ajudam em nossas lutas. Não é porque alguém é teólogo que ditará o que se



tem de pensar. Posso transmitir-lhes minha produção teológica e passar-lhes esses textos; isso pode ajudar ou não; no entanto, o decisivo é que ele se construa entre nós. Uma comunidade acredita que há algo mais a fazer, viver e propor aos outros. Minha proposta é quase uma volta ao que imaginávamos das primeiras comunidades. Tem-se de começar com cinco ou seis, não mais de dez, e examinar se há possibilidade ou não de fazer algo. Se morarmos no campo, é preciso pensar o que podemos fazer. Alguém me perguntou se nessas comunidades todas as pessoas devem crer em Jesus. Respondi que não, mas, sim, devem acreditar umas nas outras e naquilo que podem fazer, e devem estar abertas para uma certa tradição, mas não crentes no sentido tradicional.

⑥ **Graciela**

Quero fazer um comentário. De alguma maneira, essa visão de comunidade é o que estamos vivendo em Montevideu no Caleidoscópio, que se trata de um pequeno grupo de mulheres de origem cristã. Algumas são religiosas, outras não creem não só na igreja mas inclusive em Deus. Nesse grupo temos uma tarefa comum. Cada uma tem seu compromisso, mas não como uma tarefa comum do grupo. Não o digo como norma, mas, sim, como experiência. Acredito que seja bom o fato de não se ter uma tarefa comum, porque a atividade nos consome energia. Embora os grupos realizem atividades em comum, podem ter um momento reservado para a reflexão: podemos estudar, refletir e conversar sobre as práticas que uma tem e que são muito diferentes.

⑥ **Ivone**

Acredito que isso que Graciela nos diz transmite a ideia de que a diversidade é sempre bem-vinda. Não há um modelo de comunidade, elas não necessitam ser iguais. Cada uma tem de inventar à sua maneira.

Trabalho em grupos

Pergunta motivadora:

qual é a ressonância em nós diante dessas reflexões da teologia laica?

Grupo: Luz, Martín, Mónica e Yury

⊙ Luz

Em síntese, as ideias dizem respeito a processos diferentes das CDD. Há algumas pessoas que estão se iniciando nessas leituras e que começam a entender o que temos vivido. Como consequência das reflexões que temos feito, podemos beber da teologia e da teologia feminista, e, mais que isso, nos deparamos com o desafio de continuar refletindo sobre essa teologia laica, assim como procedemos com outras fontes de sabedoria. Embora a religião para nós que somos católicas seja um referencial. Necessitamos de outras sabedorias que não são contempladas por nossa religião e que podem oferecer respostas tanto para as necessidades coletivas como individuais impostas pela realidade atual.



⑥ Liliana

A teologia laica não apresenta nenhuma novidade, pois há muitas experiências no que concerne à maneira de viver que vão além do que propõem os textos bíblicos - ou seja, no sentido de radicalizar ou transcender as propostas cristã e religiosa, por ser mais amplo o universo de experiências ao qual recorre. É necessário, no entanto, refletir sobre se queremos ou não nomear como teologia laica a confluência das novas teologias, ou, dizendo de outra forma, faz-se necessário pensar qual seria a contribuição da teologia laica, no contexto em que se vive, e quais as articulações que se tornariam viáveis com sua contribuição. O grupo questionou se a teologia laica seria uma aposta na teologia humanista ou no humanismo teológico. Por outro lado, existe sentido em buscar uma nova utopia - já que vivemos a queda de muitas delas - que não se limitasse ao discurso e que nos fizesse vibrar, mobilizando-nos até mesmo para a perspectiva das mudanças de estruturas. E, no que concerne às sabedorias, como as ancestrais, as experiências mostram que elas vivenciaram esse tipo de teologia, e que as de muitos povos concordam entre si - ou seja, têm um ponto de vista comum - no que concerne à importância da voz humana interior. Esse é um ponto fundamental em meio a um mundo onde muitas vozes querem silenciar essa voz que sai de dentro das entranhas das pessoas. E ela está presente não só na tradição indígena religiosa, pois, como esta, a teologia laica não é só um ciclo, mas diferentes ciclos de mulheres nos quais as vozes não são as mesmas, pois nelas sobrevivem aspectos mais ancestrais - arquétipos.



Grupo: Myriam, Coca, Sandra, Graciela e Lucky

☉ Myriam

Em princípio, para falar da teologia laica temos necessariamente de falar do cristianismo e ressignificar essa tradição, e nos parece que sua proposta não é ficarmos só com o cristianismo, pois você nos deu pistas que apontam também para ressignificação de aspectos inerentes à nossa cultura cristã. Por isso, no começo deste seminário, tentamos reconhecer o que havia ficado em nós da experiência com o cristianismo. Você também ofereceu pistas que apontaram para a importância da ressignificação desse momento - uma conjuntura diversa daquela em que teve lugar o surgimento da teologia feminista e que possui aspectos que desconhecemos, aos quais não sabemos como dar sentido. Reconhecemos também a importância de suas provocações, que refletiram sobre nossa prática e que nos pareceram mais pertinentes do que nos debruçarmos tão somente sobre as articulações da teologia laica. Finalmente, como afirmou Coca, alcançou-se o objetivo proposto, pois surgiu a oportunidade de cada um se localizar no lugar preciso de nossa fé, localizando algumas na teologia laica e outras, não.

Grupo: Silvia Regina, Sandra, Tirsa e Clara

☉ Silvia Regina

Pareceu que o que você tinha falado era parte da experiência que temos vivido; não havia nada totalmente novo, mas resgatar a herança é importante porque a maioria de nós é parte dessa tradição cristã. Falamos da comunidade da igreja de mulheres, o que é muito bom, e houve alguém que reconheceu que teríamos de trabalhar esses pequenos espaços.



Foi dito também que, apesar de trabalharmos nesses dias aspectos que dizem respeito à prática do movimento, a reflexão que fazemos nos faz ver as coisas de forma diferente como a vemos no dia a dia, o que dá lugar à ressignificação. Alguém acrescentou que seguiremos procedendo da mesma forma como procedíamos, porém com outros olhos e com outra perspectiva ética - e essa experiência é muito mais que um nome, daí a sua importância. Refletiu-se também sobre a quebra do crucifixo e concluímos que há rupturas que devem ser feitas. Sem dúvida foi importante aquele rompimento, principalmente por se tratar de algo que, ao mesmo tempo em que ocupou muito espaço na reflexão teológica, não permitiu que se visse o que se encontra por trás. A reflexão sobre a quebra do crucifixo permitiu lembrar aquele com que presentearam Ivone e que consiste em uma cruz formada por duas vassouras na qual se encontra crucificada uma mulher. Essa imagem permite que saíamos do crucifixo convencional e vejamos as histórias que se encontram por trás. Sua quebra e, em consequência, o rompimento de sua estrutura, contribui para que intuíssemos coisas definitivamente diferentes e buscássemos outras que não signifiquem uma continuação.

Grupo: Paloma, Regina, Kelly e Clara Lucía

⑥ Paloma

Fundamentalmente abordamos dois temas: um sobre a nossa adesão a esse processo de reflexão que, no momento, chamamos de teologia laica, que nos pareceu consistente tal como a fórmula Ivone. Pareceu-nos interessante, não por se constituir uma novidade, mas sim por oferecer, a nós que participamos das CDD, a oportunidade de darmos um salto



qualitativo. Sempre falamos do aborto e dos direitos reprodutivos e, diante das pessoas, parecemos suspeitas, como se estivéssemos mascarando nossa identidade, não explicando bem as coisas que fazemos, e, desse modo, não comprometendo-nos com a realidade. Damos essa impressão, que não deixa de ser correta, porque, efetivamente, não especificamos o momento em que nos situamos. A perspectiva apontada por Ivone nos dá a oportunidade de nos situarmos nesse processo como seres humanos, e não como ativistas. Por outro lado, esse nosso novo posicionamento dá aos outros a oportunidade de aderir ao movimento, se lhes parece bom. No entanto, não é verdade que não nos sirvam nem a teologia da libertação nem a teologia feminista. Gostamos da direção para as quais apontam ambas e seguiremos visando-as. Sobre a comunidade das mulheres, examinamos se esse tipo de iniciativa seria conveniente, e acreditamos que precisamos avançar um pouco mais, porque, se por um lado podem ser convenientes não somente a reflexão como também a vivência, por outro parecem dificilmente concretizáveis. Até mesmo porque não ficou claro o que ele significa exatamente. Seria uma tertúlia? Um seminário? Esse projeto se manteria no tempo? Observamos, também, que, quando surgiram as CEBs, se tratava de algo que convocava, e, agora, pensamos quais são as coisas que realmente convocam um grupo de mulheres a ponto de ser chamado de igreja das mulheres. Paloma afirmou que nos Estados Unidos funciona mais a experiência de as mulheres se juntarem. Pepita, por sua vez, nos contou a experiência de sua irmã na Espanha, que se reúne com mulheres viúvas. Não imaginamos como chamá-las. Outro aspecto relevante é que nas CDD temos nos centrado muito na argumentação teológica na defesa dos direitos reprodutivos, e em outros



aspectos que são importantes na vida. E surgiu o interesse por algo que manifestasse como a dignidade da vida não corresponde somente aos seres humanos. Apareceu a referência sobre uma pessoa que reflete sobre esse tipo de ética e surgiu o nome de Peter Singer, que chama nossa atenção para os cuidados que devem ser dispensados ao Planeta. Vimos como seria importante integrar essa preocupação à nossa proposta ética, ampliando, assim, a estreita margem - que não é tão pequena - que liga a ética aos direitos reprodutivos. Quero enfatizar um aspecto que foi mencionado em mais dois grupos: há uma sabedoria que é importante e que vem de outras tradições, e me parece que neste seminário se apresentou como um desejo e que permanece posto sobre a mesa - ele diz respeito à importância da sabedoria que vem de muitos lugares e nos impõe a necessidade de voltar ao humano, para assim podermos participar do discurso ético que surge nos mais diferentes momentos e situações. A necessidade de uma ética que nos chame a todos, como formula o teólogo Hans Küng, que seguramente todas conhecemos. É se trata de uma proposta interessante.

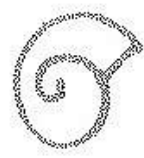
Grupo: Pepita, Rosangela, André, Rosa, Teresa e Aidé

⑥ **Pepita**

Ocorreu um processo interessante no grupo: cada uma das participantes compartilhou a experiência que lhe havia sido sugerida. Uma participante afirmou que a teologia é uma armadilha; outra abordou a dimensão política da teologia laica; uma outra, ainda, destacou a importância do processo individual no qual nos situamos, e uma outra enfatizou que estávamos produzindo teologias diferentes, mas faltavam espaços e condições materiais para desenvolvê-las. De fato, ob-



servamos como a expressão “teologia laica” aparece, em um primeiro momento, como uma contradição, porém, tal como formulou Ivone, confere autonomia às pessoas que participam de seu processo de produção. Sempre há e haverá um ponto de partida, pergunta com ênfase o sujeito, remetendo-se à clássica parte dos princípios abstratos. A teologia da libertação, por sua vez, em vez de princípios abstratos, parte da situação dos pobres, a partir da perspectiva que concebe o empobrecimento como injustiça. A teologia feminista concebe que a teologia da libertação não avança, permanece curta, porque não incorpora as mulheres e suas experiências, além de retomar o modelo sujeito-objeto da tradição do conhecimento. Então nos perguntamos: a teologia laica responde a que pergunta e qual é o sujeito que contempla? No entanto, reconhecemos nela uma eficácia - a mesma que enxergamos na teologia da libertação, em sua produção teórica e em sua prática pastoral, na medida em que convocou o diálogo com outros setores e com os marxistas, ampliou seus horizontes e saiu dos núcleos cristãos. Por sua vez, a teologia feminista causou impactos nos ciclos feministas, mas, também, ampliou seu espaço. A teologia laica pôde assim se abrir para outros grupos e comunidades militantes do laicismo, reconhecendo que a ausência de laicismo cerceia os direitos. Acreditamos ser necessário ampliar o círculo, incluindo as pessoas que estão defendendo direitos. Vejamos que reflexão se pode realizar partindo das tradições e sabedorias não apenas cristãs, mas que possam provocar ressonâncias e gerar alianças, convocar outros setores, como o ecologista, para se introduzirem em um mundo mais amplo; lutar e trabalhar com valores que são do cristianismo e que são coerentes com outros tipos de tradição. E assim colaborar para um mundo mais laico. Assim procedendo, a teologia laica terá sentido.

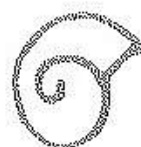


☉ Ivone
Quer comentar o que disseram os outros grupos?

☉ Liliana
É interessante o que Pepita dizia sobre como promover uma articulação com o Estado laico, pois, sem dúvida, é um passo a mais, porém, não é a panaceia, embora neste momento constitua uma resposta para muitíssimas situações. Esta é uma observação que me propus a fazer. Outra se refere às novidades: eu não quis dizer que não houve novidades; foram muitas, no entanto, são coisas que, em muitos espaços, se propõe sejam reintroduzidas na prática. É preciso examinar como funcionam ou como não funcionam e, também, como estamos resignificando, a partir de um olhar mais amplo que pode no conduzir ao encontro com os não crentes, dado que existem muitas vivências não religiosas. Na realidade, eu me sinto um pouco confusa ao escutá-las, ou seja, sem saber muito bem por onde as coisas estão caminhando, e sinto vontade de voltar ao início, à conversação que tive com Regina - e com a Pepita e com Yury - antes de aceitar participar deste seminário. Esta conversação ressoou com muita força em mim e muito do que Regina dizia eu sentia que vivia o mesmo. O fundo da questão é que não queríamos deixar de ser católicas, ou melhor, cristãs, e, por isso, a problemática para as CDD é que elas se encontram profundamente enraizadas em uma perspectiva feminista e têm o reconhecimento dos movimentos feministas e de muitos movimentos sociais e políticos e uma audiência significativa na imprensa local e internacional, embora às vezes sentissem um vazio. Porém o vazio não é institucional, mas, sim, pessoal, que se expressava através de uma necessidade de comunidades de sentido. Com isso não quero dizer que as outras sa-



bedoria não sejam válidas, porém o ponto ou a pequena flor, que tínhamos em comum, embora debilitada, era o cristianismo. Não quero dizer que não existam outras sabedorias, porém é esta que temos em comum, e o objetivo não era, em primeiro lugar, localizar o cristianismo como resposta à raiva que temos da instituição igreja, mas, sim, como algo que tem valor para nós. Eu o entendi assim. Temos falado da teologia laica, mas poderíamos usar qualquer nome, porém o que estava debaixo dessa expressão era essa tentativa. Sinto que cada uma chegou com uma expectativa em relação a isso que seria a teologia laica e cada uma chegou com suas necessidades pessoais. Eu lhes falei da tentativa de buscar uma linguagem teológica de certa maneira comum, uma linguagem comum das coisas que, em nossa vida, são caras e importantes, uma linguagem que tem sido nossa, mas que, agora, não quer reconhecer-se sob a dogmática ou o magistério da Igreja ou as ordens paroquiais. E, às vezes, lhes propus como poderíamos redescobrir coisas de nossa tradição que nos falam ao coração. Porém, eu me dou conta de que, talvez, isto não corresponda à necessidade de todas. Em segundo lugar, algumas pessoas estão concebendo esse resgate do cristianismo com o objetivo de apagar a dimensão política, e isto não é assim porque já estamos lutando na política e em muitas frentes. A meu ver, a proposta é a seguinte: como podemos nos nutrir mutuamente e renovar os sentidos de nossas buscas também políticas? Então, não se trata de se prender à denominação “teologia laica” nem saber, por exemplo, que tem ela de especial. Eu não tinha esta intenção; continuo sendo uma teóloga feminista e, como tal, me abro a outras teologias, mas continuo sendo teóloga feminista. Teologia laica não é uma quarta ou quinta etapa de minha busca, mas, sim, que tínhamos de pôr



algum título para começar. E estou convencida - e inclusive para a juventude que aqui se encontra - de que, para levar adiante uma militância, é necessário ter paixão, e, para alimentar este sentimento, são necessários nutrientes. Faz-se necessária uma linguagem mais ou menos comum, que é a dignidade das mulheres, há de se saber por onde vamos buscar uma linguagem mais ou menos comum em teologia. Por isso minha sugestão foi que nos dirigissemos um pouco para dentro de nós mesmas. Creio que o grupo de Pepita começou a dizer que a teologia é uma armadilha. Tudo pode ser uma armadilha e temos que viver nelas. Eu penso que há que se continuar trabalhando na defesa dos direitos reprodutivos, porém é necessário fazer algo para desenvolver e aprofundar isto que são as nossas convicções. Se não tenho convicções cristãs, não sei como podemos nos situar como CDD. Podemos fazer parte de uma organização não governamental pelo direito de decidir, podemos lutar contra a igreja católica ou contra outras igrejas, e isso poder ser até mais coerente. É como se houvesse um jogo e me dissessem que aquilo que o sustenta, ou parte dele, se chama catolicismo cristão. Agora, se me dizem que não é isto que sustenta, então não se justifica buscar na tradição cristã elementos que possam ajudar-nos. Pode ser que não sintamos a necessidade do cristianismo, nem pretendo reforçar isto, porém, se me pedem que minha contribuição seja pelo cristianismo, eu tenho que formulá-lo por aí. Acredito que, se não nos serve o cristianismo, é mais coerente dizer graças à vida e seguirmos adiante. É verdade que buscamos em muitas sabedorias, porém há algo que privilegiamos, temos de ser honestas. Não tenho nenhum problema de ser cristã pelo direito de decidir; sou uma mulher que luta pelo direito de decidir. Porém, se me dizem que querem ser cris-



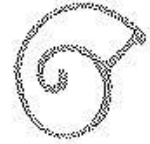
tãs pelo direito de decidir, então muda-se de figura. Então, digo que tem de se fazer uma apropriação do cristianismo a partir de nós, porém há que apropriar-se desta tradição e valorizar as outras. Termino com um exemplo. Eu falei da importância de muitas sabedoras e como tocam o mesmo solo que é o cristianismo. Aquelas que elaboram estudos comparativos percebem que há coisas muito comuns a todas as religiões e que são muito impactantes. Porém, se permanecemos só em um supermercado, e levo em conta apenas uma parte dele, então não sabemos de nada e é melhor permanecermos simplesmente como laicas e não lutar a partir de uma tradição religiosa. Só compartilho com vocês minha reação para que obtenhamos maior clareza do que queremos para evitar equívocos e expectativa impossíveis. Ter claro se estas lutas valem a partir de uma perspectiva cristã diferente ou se queremos abraçá-las, com essa base, agregando novos sabores. Eu participo tanto de lutas que não têm, necessariamente, a tonalidade cristã, como converso com pessoas que não têm o selo cristão, porém, se quisermos que tenham, temos de nos apropriar disso. Acredito que meus pontos de vista, neste momento de conclusão dos trabalhos, não sugeriram nenhuma euforia, mas me parece importante esclarecer esses aspectos relacionados com a direção do trabalho, porque só assim será possível continuar buscando-a.

Diálogo com as/os participantes



Julián

Um aspecto fundamental para aqueles que participam das CDD é o fato de várias organizações não governamentais se engajarem na mesma luta, mas a partir de outra perspectiva Perguntam-me se a



apropriação do cristianismo pelas CDD é mera estratégia política, a partir de determinada perspectiva, o que seria desonesto, uma vez que só na perspectiva do cristianismo faz sentido esse movimento pelo direito de decidir pelo específico.

⑥ **Luz**

Posso falar apenas sobre o processo que acontece no México, mas não de todos os processos. A reflexão que você provocou remete-nos à possibilidade de termos permanecido paralisadas ao não prosseguir produzindo sentido. No México, há um excesso de ativismo na luta política, embora a questão da identidade se nutra de outros sentidos e de outras sabedorias, mas é minha coluna de identidade católica que temos reivindicado. Estamos em várias frentes e movemo-nos em muitas delas, e queremos inovar, mas não sei como dizer isso em meu país nesses tempos de violência, com o assassinato de mulheres. E a gente fica melancólica, uma vez que os esforços despendidos não alcançaram a finalidade desejada na luta cristã. E, quando você pedia para ser mais humilde e pensar que a mudança social não vai ser de tal forma e que a perspectiva do bem-estar absoluto não será atingida, não vemos mais sentido. Acredito que devemos colocar as CDD de volta ao que deveriam ser e, talvez, ao mesmo tempo em que avançamos no que concerne aos direitos reprodutivos, ficamos para trás no que diz respeito à produção teológica.

⑥ **Regina**

Quero dizer como vejo o processo. Acredito que a adesão à denominação “católicas” trata-se de uma estratégia política. Nunca escondemos essa utilização, pois ela é feita por causa da força que essa entidade ganha ao se autodenominar “católicas”. Se fôssemos um grupo de mulheres pelo direito de



decidir, não promoveríamos, entre outros, o impacto que causamos nos meios de comunicação. Sem dúvida essa utilização tem algo de estratégico e as CDD assim procedem por uma causa justa; e, se formos além e reconhecermos também nesse uso uma forma de manipulação, ele, inquestionavelmente, é bem menor do que aquele que faz a igreja com seu discurso sobre Deus. Durante o tempo que tenho trabalhado na rede das CDD, reconheço que avançamos nos argumentos dos quais nos servimos, inclusive teológicos, com o intuito de evidenciar a dissidência dos argumentos da tradição, mas, muitas vezes, em reuniões da rede, tenho ouvido a admoestação de que trabalhamos pouco no plano teológico - ou seja, lhe damos pouca atenção -, e isso nos faz falta. Eu, pessoalmente, reconheço isso em tudo o que você falou, Ivone; há algo nas CDD que faz falta, porém o trabalho é tão exigente e tem uma dimensão política tão forte que dificilmente temos oportunidade de pensar no que nos nutre. Porém, gosto da proposta de ir mais além do Evangelho. Refletimos muito sobre as questões relacionadas com os direitos reprodutivos e não temos tempo de pensar em outras questões tão ou mais importantes. Afirmei no grupo que, em comparação com a loucura, o fazer teologia tem como princípio intuições, e o fato de ser o texto do Evangelho aquilo com que se trabalha corrobora uma possibilidade comum a todas, que têm as mesmas experiências pastorais e as mesmas histórias. Por exemplo, conheço há muito tempo Myriam, Cola e Zeca, pois nossas histórias se cruzaram nas experiências com a igreja. Porém, ao entrar nas CDD me custou a reivindicação de uma única igreja, porque sempre tive maior afinidade com o ecumênico, e me deu trabalho entender o papel político que tinha nos chamarmos "católicas". Eu não concebo a adesão ao catolicismo como algo ruim. Ela não requer, por



exemplo, que comecemos a falar como católicas praticantes - e isso não implica, para mim, nenhum conflito. No entanto, me faz falta um espaço com possibilidades de me nutrir, e, no grupo com Paloma, referimos tratar-se de um sentimento, embora, se para ela isso constitua um salto qualitativo, para mim não deixa de ser um salto qualitativo, mas se trata de algo novo, não porque nunca se houvesse falado das bem-aventuranças, mas por ser novo pensá-las no contexto em que foram colocadas.

⑥ Myriam

Não sei se o que vou dizer é algo que só eu penso, mas, na verdade, é o que senti no grupo. Acredito que estou de acordo que o objetivo de nossa participação no seminário é fazer uma reflexão sobre o lugar da palavra teologia no cristianismo, embora ele se alimente de muitas outras fontes. O fato de nossos trabalhos terem se iniciado com o questionamento sobre o que resultou dentro de nós de nossa experiência com o cristianismo e o fato de ele também se encontrar presente na cultura em que vivemos de maneira muito forte e marcante me levaram a questionar por que, em todos esses anos, como católicas, temos dado ênfase à recusa de tudo isso - essa primeira pergunta ou questionamento ampliou meu olhar e eu pude ver outro sentido que me conduziu nesse processo. Não é pelo fato de que tenhamos trabalhado a partir da perspectiva do Evangelho que não devemos aprofundar o exame dessa tradição. Para algumas como nós que passamos pela teologia da libertação e pela teologia feminista, neste momento a conjuntura atual coloca a exigência de lutar pela dignidade das mulheres, o que, por sua vez, coloca a necessidade de produzir outra teologia. Nós, mulheres, talvez estejamos sendo convocadas a ressignificar esses novos elementos, o



que exige uma sistematização - e essa é uma tarefa difícil de realizar. Coca retomou o processo que havia apresentado e ponderou que não é que não deixamos nada amarrado, mas, sim, pelo contrário, deixamos algo solto. Porém, penso que sua reação relaciona-se com algum grupo ou pessoas que dizem “não”, que dizem que há outras tradições e outras coisas. Esses grupos que estão tão desgastados na prática em decorrência desse funcionamento podem compartilhar suas experiências, e também há pessoas que estão dialogando com esses processos e nem por esse motivo sairão das CDD, porque se assim procederem serão falsas.

⑥ **Pepita**

As palavras quando saem da boca geram algo criativo nas mentes das pessoas. Em muitas lutas nossas sua proposta tem criado expectativa e desejo de pensá-la. Em nenhum momento desejo desvincular-me da tradição cristã, porque isso seria impossível. Nem tampouco desprezo essa tradição, mas, sim, desejo ampliar os círculos com esse espírito. Acredito que sua reação foi desproporcional àquilo que o grupo havia proposto. Acredito que, quando faço uma afirmação mais além do que quis dizer, pronuncio algo que não quis dizer. As palavras dão dinâmicas e produzem novas ideias, coisas novas.

⑥ **Paloma**

Vou ser breve, porque as ideias vão se aclarando e o tema se ajustando. Tenho colocado algumas questões que, como participante das CDD, me parecem fundamentais. Estas questões são: esclarecermos as convicções e nos apropriarmos da tradição. O que nunca fizemos nas CDD. Parece-me importante realizar essas duas tarefas, pois, enquanto as realizarmos, falaremos de ecologia e assim por diante.



⑥ **Liliana**

Penso que é interessante o que você disse no princípio, porque esse é o objetivo deste seminário e, por isso, Ivone relutava em colocar conteúdos. Quando eu conheci as CDD, me interessava saber como as católicas faziam a defesa dos direitos sexuais e reprodutivos a partir do catolicismo, e isso me parecia “super” transgressor. E me decepcionei, ao constatar que o catolicismo era o mais débil, o que menos encontrei. Quando passei a fazer parte da equipe, me encomendaram a tarefa de fortalecer esse meu posicionamento, e eu estou encontrando fatos que tem a ver com as histórias pessoais de cada uma e que, talvez por isso, não se tem desenvolvido uma aposta mais clara e mais contundente. A luta com a hierarquia é tediosa e infértil. Não nego que seja fundamental como estratégia, porém esta confrontação política com a hierarquia não contribui com nada para as mulheres de fé. Já sabemos que há que fazer essa contraposição estrategicamente, porém nada mudará. Uma coisa que me parece ser chave é que a teologia é uma questão política, mas como unir ou entrelaçar a política com a teologia é a pergunta que me tenho feito nesses dois anos como membro da equipe das CDD. É muito valiosa a aposta política das CDD e há disposição de se fortalecerem os argumentos teológicos. Uma posição somente política não interessa a muitas mulheres de fé, que desejam a participação política. Outro sentido que seria mais atraente para as pessoas da igreja e que fortaleceriam o teológico seria a construção da autoridade de outra maneira.

⑥ **Sandra**

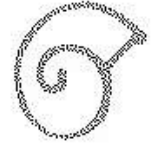
Eu tenho a mesma sensação que Pepita, pois considero muito válido o questionamento, sobretudo quando vem de pessoas próximas às CDD. O ponto



de vista da oposição é que sempre estamos interpe-
lando, e me parece interessante que o façam pes-
soas próximas que estejam na mesma luta que nós.
Nós vamos sendo provocadas, refletimos a nossa
prática e os próprios conceitos de sermos católicas.
Nestas buscas, cada uma tem experiência singular
e, portanto diferente, que nos enriquece e quali-
fica nossa causa política como CDD. Percebo que o
sentimento das reflexões do grupo se baseou muito
na provocação do título do seminário: “Como tece-
mos teologia laica com teologia feminista?” Quando
pensamos em realizar este seminário, nosso intuito
era que dele participassem apenas as mulheres das
CDD. Em seguida, pensamos como nos oxigenamos
com múltiplas teologias, e talvez tenha nos faltado
tempo para escutar outras propostas e apostas que
são das CDD e que têm muito para contribuir. Sentir
um pouco sua raça me fez perguntar-me se o que
queríamos era ir por um caminho que nos fizesse
avançar um pouquinho. Somos ambiciosas e queri-
amos escalar mais. O caminho permaneceu muito
aberto. Temos muitos enredos positivos, vamos te-
cendo com muito sentido e nos preocupam os adje-
tivos com os quais qualificamos a teologia, porém
o que importa é o que transforma. Mais além do
adjetivo, vamos nos enredando positivamente. Sua
proposta de converter Deus em um verbo é muito
importante se lhe dermos sentido. Muito obrigada.
No entanto, permanece em mim a sensação de que
sua reação foi um pouco agressiva: não sei qual foi a
palavra forte que seguramente nos interpela, porém
foi desproporcional diante do sentimento do grupo.

⑥ **Ivone**

Eu me dou conta e não vou justificar-me pelo can-
saço, porque o fiz. Creio que minha reação foi des-
proporcional e reconheço que talvez não houvesse



entendido muito bem algumas colocações feitas por vocês. Por isso, retomei a conversa com Regina, porque alguns grupos estavam dizendo que não era por aí, pelo cristianismo. Se não é, que não seja, porém não busquemos a teologia cristã. Entendi mal, perdoe-me, me sinto mal de haver feito isso. Perdoe-me a reação intempestiva, porém há um aprendizado em tudo isso.

6 Yury

Continuo na perspectiva abordada por Sandra. Vejo duas coisas: uma diz respeito ao que tem a ver com a rede ou o processo das CDD. Eu penso que aquilo que aqui se evidenciou é que se têm colocado desafios ou algo que deve ser trabalhado nas CDD. E se trata de algo que se dá já como feito. Há um ruído na maneira como nas CDD se lida com a questão teológica articulada com a questão política. Acredito que se constitui num desafio para a rede e para cada grupo com relação à rede. Penso tratar-se de um desafio muito grande, principalmente neste momento em que muitas pessoas estão entrando na rede e ela vem-se expandindo por outros países. Estou ouvindo esse ruído na forma como as pessoas que vivem esse processo na rede lidam com isso. Percebo que, para mim, é uma questão de sentido; e penso que realmente fez ruído a expectativa do seminário. A chamada não dizia "Teologia feminista" ou "Repensar a teologia feminista" ou, ainda, "Repensar nosso caminho teológico": a chamada era: "Feminismo" e "Teologia laica". Penso que, embora estivéssemos conversando sobre todas as exposições, havia uma expectativa muito grande, e viu-se que aquilo que apareceu no grupo foi sincero, fizemos tudo bonito, porém e a "teologia laica"? Houve algo que fez ruído e vejo que foi sincero: isso não significa que este processo não foi bom nem que deixou de trazer o novo. O que vejo é que temos ne-



cessidade de fazer uma discussão sobre isso que chamou a atenção e com o que estávamos em sintonia; com esse desafio que cada uma de nós vinha sentindo. Outra coisa que vejo são as diferentes necessidades pessoais que existem aqui e que se percebem como um choque entre o que eu quero e o que a outra quer que seja este seminário: são necessidades políticas e teológicas que foram vivenciadas aqui.

☉ **Lucky**

Para mim, não foi desproporcional a reação de Ivone; no Paraguai, vivenciamos isto. Quando entrei no grupo, me perguntava como as coisas aconteceriam, e não constatei nenhuma diferença em relação a outros espaços e organizações não governamentais das quais participei e participo. Nelas ocorre o mesmo. Nossa nutriente é muito feminista, e nada mais. Durante os trabalhos permaneci com certa inquietação, e me perguntava: sentíamos-nos católicas porque todas as participantes são batizadas ou por uma questão política? Gosto de pegar as ferramentas e retirar a venda dos olhos das mulheres com fundamentos teológicos, para defender minha posição. Quando me criticam, por exemplo, eu respondo com palavras de São Paulo. Encanta-me aquilo que concebo como teologia laica, pois gosto daquilo que nos mobiliza, que nos contraria, embora vivamos tão envolvidas com nossas questões que chegamos a esquecer aquilo que efetivamente nos move, a ponto de não sabermos responder aos questionamentos que nos fazem. Não necessito do Evangelho para minha luta, porém necessito entendê-lo, para que as pessoas que não o compreendem possam dimensionar isso. Posso falar-lhes de questões sobre Virgínia Woolf, porém me contestam, com a afirmação: “Meu sacerdote me disse tal coisa”. Em troca, se lhes digo o que fez Jesus, é diferente. Creio que é muito estratégico o



nome teologia laica, até mesmo porque as pessoas que são laicas podem fazer teologia, instalando-se no debate. Talvez não se trate de algo novo, mas há a possibilidade de que algo pode surgir. Há muitas teologias emergentes, com diferentes denominações, e acredito que, não de forma sistemática, é mostrar às pessoas que há outras formas de ver. Por isso se justifica o fato de as CDD tomarem decisões.

☉ André

Primeiro, para mim foi um fato importante quando encontrei Yury em um congresso e lhe disse que pretendia participar das CDD. Não sou católico nem sou mulher, porém me encontro na mesma luta, motivo por que me sinto orgulhoso por participar deste seminário. É claro para mim que existem os questionamentos que estamos formulando e sabemos também que recorreremos a um caminho onde as coisas não estão boas. Apesar do esforço que despendemos nessa luta, temos problemas e as respostas que foram construídas nesse caminho já não parecem suficientes, e precisamos encontrar outras. Para mim, está claro que temos perguntas, podemos lutar e discutir por causa do nome ou pelo caminho que tomamos, porém a pergunta que ficou clara para mim na provocação de Ivone é a relação entre teologia e política, não como conceito, mas, sim, como estratégia. Existe uma pausa entre ambas porque a teologia exige outras coisas que nos alimentam e requer que nos voltemos para a política. Eu estou aqui porque sou cristão: não sou teólogo nem estudioso da Bíblia, apesar de sempre trabalhar com ela. Uma das questões que Ivone colocou é que nossa autoridade em nossa tradição vem do mais profundo erotismo: é o que sinto em mim e fora de mim. Vivencio o desafio de viver essa experiência erótica das CDD com a tradição e de relacioná-la erótica-



mente com o que me move em direção a mim e para fora de mim. Esta reunião é o desafio que Ivone nos propôs e me mobiliza a pensar o que fazer na minha vida com o estudo da teologia. Para mim, tratar-se de uma experiência importantíssima está aqui e viver este momento com vocês, porque, apesar de não participar das CDD nem ser mulher, eu me faço perguntas. Obrigado, Ivone, e obrigado a todas.

⑥ **Rosa**

Compartilho seus pontos de vista, Lucky, pois gostei muito do que você disse. Em El Salvador as CDD são um grupo pequeno que está se fortalecendo. Nós nos nomeamos católicas pelo direito de decidir porque buscamos nos munir de argumentos que deem sustentação à teologia pelos direitos da mulher. Em El Salvador o aborto não é legalizado, em decorrência da presença na consciência do sentimento de culpa. As feministas defendem esse direito com argumentos como “o corpo é meu”, os quais não podem ser transmitidos nem às mulheres crentes nem àquelas que se encontram no topo da hierarquia. Quando transmitimos nossos pontos de vista a algumas mulheres que se aproximam de nós, elas se sentem agradecidas e tranquilas porque agora sabem que o que fizeram não é pecado. Uma delas disse a Julián, depois de escutá-lo, que aquela noite dormiria tranquila. E, às vezes, nos dizem que o aborto não é penalizado pela igreja católica. Na condição de única professora de teologia nas CDD, enfrento a situação indigna de que uma mulher possa ficar presa durante trinta anos porque praticou um aborto.

⑥ **Teresa**

Minha incursão nas CDD tem outras origens e gerou em mim muita expectativa neste seminário,



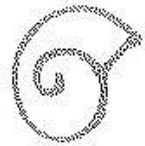
principalmente porque, depois, de tanto ter Ivone, pensar que ia tê-la presente em carne e osso me emocionou muitíssimo. Essa é uma das razões que tornou este seminário importante para mim. Encontramo-nos em um momento especial na Bolívia e, no contexto do movimento feminista, como católicas e não católicas, devemos fortalecer nossos argumentos. Ao me aproximar da produção bibliográfica das CDD, me encontrei com algo diferente do que pensava, e, por essa razão, já quando no início de 1996 apareceu Graciela Pujol na Bolívia e ela falou comigo, de imediato me pareceu que poderia apostar nesse espaço. Porém, nesse momento em que adentro no mundo das CDD identifiquei referências suas em outros países como também de outras teólogas feministas e intelectuais, como Marcela Lagarde, cuja produção me pareceu muito densa; fui me sentindo cativada. Outro aspecto que me marcou foi a indignação pessoal que sentia pela condição das mulheres fora e dentro da igreja - e a um amigo maravilhoso, que era sacerdote, falava de minha rebeldia e indignação. Porém, no fundo de meu coração, sabia, desde o início, que não alcançara a condição de católica autêntica e sentia-me um pouco impostora por não possuir a formação densa de outras companheiras. Como algumas delas, eu era católica por causa da família da qual herdei o legado tradicional e, até agora, não havia encontrado no seio da igreja algo que nos fizesse sair por aí desfraldando a bandeira do catolicismo. Sinto um pouco de vergonha quando vejo isto, embora talvez esta seja a terceira via na qual podemos caminhar comodamente sem sentir que somos funcionárias das CDD ou que a utilizamos para ganhar espaço. Necessito urgentemente desta terceira via para apropriar-me da tradição, embora concebesse essa via até há pouco como algo muito



vago, porque concretamente nunca havia pensado nessa possibilidade. Necessito fiar-me na proposta apresentada pela Ivone, e, embora não saiba quais os resultados que este seminário produzirá, reconhecimento como mais honesto e verdadeiro, para mim, sentir-me uma católica autêntica, embora com dúvidas e incertezas.

☉ **Aidé**

Em princípio quero agradecer a contribuição e o incentivo que nos foram dados, que são importantes e necessários na perspectiva das CDD. Encontramo-nos em diferentes processos, nos diversos grupos e países, e temos ouvido muitas coisas interessantes sobre como nos reconhecemos no interior dos grupos. No México, por exemplo, reivindicamos nossa condição de católicas, e tudo o que tem a ver com o catolicismo com base em uma interpretação à luz das CDD. Agora que se formula a denominação laica, que me pareceu motivadora, acredito ser necessário este exercício de discussão e reflexão em cujo contexto nos damos conta de que nada é novo, mas, sim, parte do que já vínhamos trabalhando. No México, o que realizamos são campanhas na perspectiva da tradição católica, o que, portanto, embora não seja novo, o fazemos numa perspectiva renovadora. Como realizamos agora uma apropriação diferente, continuaremos oferecendo às mulheres e a nós mesmas a possibilidade de reivindicar, com base nessa apropriação, uma identidade cristã que contenha elementos que nos permitam alcançar e vivenciar uma situação mais libertadora do cristianismo. Para mim, têm sido importantes estes momentos e dias de reflexão, que não se concluí nem tampouco constitui tarefa de uma única pessoa, mas, sim, dos diversos grupos das CDD, e, portanto, uma tarefa coletiva.



6 Kelly

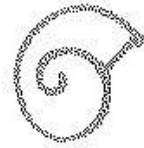
A história das CDD passa por histórias pessoais e coletivas. Algumas companheiras saíram das comunidades católicas e outras do feminismo e essas duas vertentes vão-se entrelaçando. Quando começamos a nos reunir no Peru, chegamos ao consenso de que a definição de quem do grupo é católico e de quem não é católico não é oferecida por uma única pessoa ou autoridade, mas, sim, por cada pessoa que se autorreconhece ou se sente católica - ou seja, é o que sai de si mesmo. Faz-se necessário desconstruir o discurso patriarcal que nos foi vendido. Deus não pode ser, por um lado, tão opressor, nem, por outro, permitir tantas injustiças. Esse não é o Deus no qual cremos nem pode dar lugar a esse funcionamento contínuo. Em outras palavras, tais concepções não condizem com a verdade, nós podemos construir nosso discurso, e, desse encontro, em vez de obter certeza, fazemos questionamentos e perguntas.

6 Zeca

Nas CDD somos totalmente democráticas, por isso não existe a última palavra. Em primeiro lugar quero dizer a você, Ivone, que não você não precisa se desculpar por ter dito o que saiu de seu coração. Temos este espaço para falar e ninguém vai nos dizer o que é politicamente correto. Esta postura tem contribuído para o esclarecimento de muitos aspectos e questões, inclusive de que era equivocada minha perspectiva de sistematização. Trata-se de vícios para aqueles que gostam do que eles gostam. Trata-se de uma maneira e há outras: que maravilha! A outra coisa é que gosto muito da forma como Regina expressou, na perspectiva das CDD, o ser católico ou não. Minha convicção pessoal é de que aquilo que me fez chamar-me "católica pelo direito de decidir" foi a necessidade presente na



vida de algumas mulheres. Mais importante do que se sou ou não católica é a vida das mulheres. São situações diferentes, mas gosto muito da discussão de Eco com Martini quando falam sobre a morte. Eco afirma que sua luta continuará em seus companheiros. Transcendo minha vida pessoal, individual, que um dia chegará ao fim, mas isso não importa porque há algo muito maior que eu, no qual ponho minha vida, e isso me transcende em alegria. Porém, existem outras questões que colocam outras necessidade e que vão buscar outros espaços. Elas não são melhores nem piores: são diferentes. Outra questão importante advém da compreensão de que as CDD não são uma organização não governamental igual a outra, mas, sim, distinta. Por esta mesma razão, afirmo que a teologia produzida pelas CDD terá conteúdo distinto, porque possuirá a marca e o selo das CDD. No Brasil, sempre perseguimos o objetivo de construir um espaço de reflexão teológica cuja aquisição, pelas CDD, tem-se mostrado difícil; porém, não por acaso, estamos realizando este seminário, o que parece significativo. Segundo minha maneira de ser, quero fazer teologia política, pois reconheço quão importante é negar a autoridade eclesialística como o único lugar legítimo para produção teológica. E não se obtém isso apenas falando, mas, sim, produzindo outra coisa. "Eu posso" - e essa afirmação promove uma incidência muito forte. Se, por um lado, tenho expectativa - e me encanta - de produzir uma teologia laica, apesar da dificuldade de esse processo chegar a um termo, por outro lado me causa incômodo o fato de as religiões se reconhecerem como o espaço da ética. Embora eu não concorde, encanta-me o fato de as pessoas que não são religiosas afirmarem não possuírem uma ética. Há pouco tempo foi publicado um livro, cujo título é *O espírito do ateísmo*, que coloca uma



questão muito instigante: por que uma pessoa atea não pode reivindicar uma espiritualidade. Hoje li-guei a TV e vi e ouvi quando Ricky Martin, que está no Brasil, afirmou o seguinte: "Tenho uma alma e necessito uma espiritualidade". E as feministas no Brasil dizem que têm necessidade e expectativa de que as CDD possam ser esse espaço. Tivemos este espaço para refletir e sairemos dele com interrogações e desafios, mas sem nenhuma sistematização.

6 Clara

Realmente quero agradecer por me haverem convidado, embora não seja católica, mas, sim, anglicana. Mas me sinto católica por vocês, com quem tenho compartilhado e tomado parte de tantos seminários. Quando vi o título: "Isso é o que tenho feito toda a vida" realmente as exorto a continuar com essas inquietações e a realizar um trabalho a partir de si mesmas. Dou-me conta da importância desse trabalho e, quando em meu pequeno espaço aproveito as aulas para aplicar as ferramentas feministas da desconstrução, me dou conta de que as pessoas podem abrir sua mente e pensar de forma diferente. E trata-se de pessoas que dirigem organizações e levam consigo esse pequeno grão de areia que alguém lhes pode colocar. Não se sintam lesados porque a teologia é isso: é ter os sentidos no caminho e na vida. Não terminamos, temo de continuar, trata-se de um momento importante porque nos damos conta de quanto nosso trabalho é necessário. A partir de nossa tradição estamos desenvolvendo uma produção teológica e, com outros elementos de nossa ótica feminista, podemos enriquecê-la e chegar a fazê-la de outra maneira, com maior frescor e com esse ar de liberdade e de abertura que nos ajuda a caminhar e dar continuidade a nosso trabalho de defesa das mulheres, ou seja, a prosseguir



nesse caminho que temos escolhido. E, sem dúvida, continuarei contribuindo.



Ivone

Agradecemos umas às outras e seguiremos adiante, dando os passos possíveis a partir dos questionamentos a que dão lugar nossos contextos e das perguntas das mulheres com as quais trabalhamos.



Regina

Quero agradecer muito a cada uma pelo encontro, pela intensidade, pela capacidade de cada uma; e à Ivone, que tem trabalhado muito, pelo seu compromisso e pela sistematização que teve de fazer para chegar até nós. Acredito que este encontro pode marcar um momento na história - muito obrigada, Ivone. A Luiz, agradeço pelo trabalho de conseguir as passagens para lugares muito diferentes. Agradeço também às pessoas que assessoram os trabalhos, e à Graciela, que aceitou a enorme tarefa de fazer a memória e a edição do livro que resultará deste seminário.



Sandra

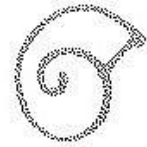
Uma das coisas que foram colocadas é que existe a necessidade de tecer esse tecido para onde é conduzido isto que é o produto de um projeto compartilhado, cuja finalidade é realizar dois seminários internacionais. O propósito deste seminário era produzir teologia, temática essa que nos enlaça com as companheiras das CDD, uma vez que nos alimentam com a sua prática. Pensando em aproveitar o depois sem institucionalizar, a primeira coisa é que cheguemos a nossos países para depurar todos esses nós através do compartilhamento com nossas companheiras. Socializar e, a partir daí, compartilhar e discutir. Tais reflexões podemos sistematizar em um espaço vir-



tual. Nós nos comprometemos a nos comunicar por *e-mail*, e uns mais que outros seguirão trabalhando. Manter o grupo e abrir o intercâmbio através de *e-mails*, para elaborações e discussões que avancem nessas temáticas e para pensarmos quão maravilhoso será nos encontrarmos mais adiante, com coisas mais elaboradas e com novas perguntas e novas respostas. Daqui a dois anos, poderemos voltar a nos encontrar todas, apesar de sabermos quão difícil é obtermos recursos para tanto, o que, no entanto, não nos impedirá de tentar. Uma das iniciativas será discutir com a rede latino-americana a possibilidade de este trabalho se converter em matéria-prima a ser encaminhada para todos por *e-mail*, cuja reflexão poderá ser publicada na revista *Conciencia*. Temos que nos esforçar para que esse material seja efetivamente encaminhado, e nós, coordenadoras, estamos dispostas a fazer isso.

Epílogo

Finalizado o Seminário Internacional de Católicas pelo Direito de Decidir realizado em Nazaré Paulista, São Paulo, deu-me vontade de dizer algumas outras coisas que moram em meu coração e em meu pensamento. Por isso resolvi escrever este epílogo. Tentarei explicitar de forma sintética algo do que em mim habita, embora saiba quão difícil é expressar algumas coisas que são, ao mesmo tempo, espinhos em nossa carne e nas flores que nos alegram a vista e a vida. Refiro-me aqui à experiência da vida cristã. A luta das CDD pela dignidade das mulheres é também minha luta. Algumas de vocês querem vivê-la sob o signo do cristianismo, como eu, embora nossas histórias, vivências, críticas e perspectivas sejam diferentes. Muitas de vocês a vivem de outra forma, como, por exemplo, sem a referência religiosa explícita. Foi por essa razão que comecei a pensar na possibilidade de elaborar uma teologia laica, isto é, uma teologia que nos faculte a liberdade de adentrar na tradição cristã sem que tenhamos de prestar contas às autoridades eclesiais a respeito de nossas interpretações e sem a violência de muitos conteúdos e práticas tradicionais. Sou filósofa e teóloga, porém não no sentido metafísico de escrutinar, apurar, as revelações divinas e de outros modos para expressá-las, traduzi-las, para o nosso povo. Este é o trabalho das classes sacerdotais dominantes, que se consideram depositárias dos segredos divinos. Mas sou filósofa e teóloga nos limites terrestres e me sinto



convidada a pensar a vida, reinterpretando a tradição ética bíblica, particularmente os Evangelhos, que falam do Movimento de Jesus. Creio na importância do olhar para o qual se endereçam esses textos, diferente daquele intrínseco à visão patriarcal. Creio no cristianismo como movimento de relações humanas nascido dos corpos humanos sofredores e que busca significar a vida em um tempo e em um espaço específicos. Hoje, já não creio no cristianismo como revelação divina superior, como revelação de um Deus metafísico com uma existência em si mesmo e que transcende a toda relação. Acredito que estamos envolvidas e entrecruzadas por mistérios ou por um não saber que invade a fragilidade de nossas vidas e nos convida a buscar sentidos. Aposto na divindade presente no humano como qualidade superior de vida, talvez manifestada historicamente por alguns e algumas, embora todas nós estejamos convidadas a viver essa possibilidade. Esse cristianismo reinventado por nós tem, creio eu, uma contribuição a dar no perturbado mundo em que vivemos. Porém o grande empenho para mim não é tornar compatíveis os desafios atuais - e, particularmente, o feminismo - com uma visão patriarcal religiosa metafísica que serviu em grande parte para expressar a dominação das igrejas sobre os povos, apesar dos muitos serviços prestados. Não se trata de buscar algumas brechas para justificar o que fazemos. O desafio é muito maior - trata-se de reinventar um cristianismo que possa ajudar-nos a dialogar, com autoridade, com as pessoas que abraçam essa "religião" e com a sociedade que nos interpela. E, nessa reinvenção, passado e presente se mesclam em nossa cotidianidade. Porém, para reinventar, é preciso crer que esse cristianismo tem sentido para nós, que é capaz de "fazer arder nosso coração", como diziam os discípulos de Emaús, e fazê-lo arder na perspectiva de uma convivência, em primeiro lugar, nutriente para nós e, através de nós, para outras pessoas. Busco um cristianismo que tenha autoridade para me sustentar e, igualmente, diferentes aspectos de nossas vidas. Para que isso seja pos-



sível é necessário resgatar e interpretar, a partir de outros parâmetros e referências, os valores humanistas presentes na tradição cristã - valores que ainda sejam capazes de se erguer como horizontes de significação para nós.

No entanto, esses horizontes não se identificam com as conquistas ou lutas imediatas, pois se trata de uma espécie de metáfora, ao mesmo tempo, transcendente e imanente que nos impulsiona a sempre ir adiante. É uma metáfora que não nos acomoda ao que está aí, mas, sim, nos convida a ir sempre mais além de nossa limitada justiça ou de nossa percepção individual tomada como única verdade. A vida está aqui e, ao mesmo tempo, se anuncia mais adiante como desafiante e diferente, empurrando-nos a repensá-la de novo a cada passo. O aprofundamento desse humanismo nos convida a ir mais além dos dogmatismos e fundamentalismos que nos caracteriza e que combatemos em nome dos direitos humanos plurais ou em nome dos feminismos.

Foi a essa linha que associei a denominação "teologia laica", um nome atual, pois, a todo momento, nos dias de hoje são feitas referências ao laicismo do Estado, que para mim significa, como afirmei anteriormente, sobretudo o direito de pensar uma ética cristã e nossas crenças, sem que essa reflexão passe, necessariamente, pela aprovação eclesial nem se refira, obrigatoriamente, a todas as tradições consagradas pela religião nos séculos passados. Podemos mudar o nome dessa teologia, mas não seu conteúdo. Este, necessariamente, se refere a algo que mescla o divino com o humano, ou, em outras palavras, que confere divindade ao humano, que nos faz ser Mulheres e Homens Deus para nós mesmos e para os outros, capazes de abrir-nos - nos limites de nossa finitude - ao amor necessitado ou exigido no momento. Mulheres e Homens Deus na vulnerabilidade de nossas vidas, na capacidade de nos deixarmos tocar, uns aos outros, pelas alegrias e sofrimentos, na capacidade de nos organizarmos para que as vidas sejam respeitadas.



É, no contexto estabelecido por esses limites, condições e referências, que é exigido de nós que demos prova de nossa fé e de nossa esperança. Em outros termos: é nesse contexto, que se exige de nós que saibamos por que, embora seja somente pelo amor às mulheres, continuamos chamando-nos cristãs ou católicas ou talvez outra coisa. É que saibamos em que tradição humanista se baseia esse amor, quando o afirmamos a partir da herança cristã. É urgente situarmo-nos nessa perspectiva e explicitar o seu conteúdo, embora tenhamos de recriá-lo diante das diferentes situações que a vida nos apresenta.

Por isso, durante o seminário falei da “igreja das mulheres”, não como uma novidade, mas, sim, como um exemplo que nos desafie a criar pequenos grupos de estudo, reflexão e celebração de nossas vidas. Essas coisas simples vão pouco a pouco, creio eu, conferindo um tom diferente à nossa vida e ao nosso pensamento: convidam-nos a sair do imediatismo e a criar laços qualitativos entre nós. Para mim, esse é um pequeno passo para “empoderarmo-nos” por dentro e, também, por fora.

Quando dizemos que amamos, sem dúvida, amamos a partir de nossos corpos os que estão fora, porém o amor também habita em nós. Amamos a nós mesmas amando os outros e as outras. O movimento é semelhante à sístole e a diástole do coração ou à inspiração e expiração próprias de nossa respiração.

Na realidade, o laicismo pelo qual estamos lutando termina por fazer com que muita e nós prescindamos de um Deus à imagem da tradição teísta. Para muitas de nós, Deus já não é um “Ser” independente que estrutura, como antes, as relações e os espaços políticos nem mesmo nossa ética social e individual. Já não é necessário crer em um Deus em si mesmo para sermos éticas ou para comportarmo-nos de forma adequada com nossos semelhantes. É, ainda mais, rechaçamos a obediência às autoridades religiosas ou éticas que falam a partir de um Deus metafísico. Tal discurso nos parece patriarcal, fora de moda e, até mesmo, repressor.



Cada uma constrói suas posições acerca de muitos assuntos, inclusive, dos direitos humanos e dos direitos das mulheres e do Planeta, na linha do diálogo e na busca de alguns pontos comuns. Chegamos até a prescindir dos textos que outrora chamávamos de “sagrados”. Nada de acolher, nem sequer poeticamente, a provocação de um texto proveniente de antigas sabedorias, atribuindo-lhe autoridade. A partir do feminismo e dos movimentos sociais contemporâneos, passamos por um exame crítico de todas as crenças e autoridades da nossa tradição.

Permanecemos, como vimos no início de nosso encontro, somente com algumas memórias pessoais que nos remetem a nossa infância ou a práticas religiosas ainda presentes em nossa cultura e das quais outrora participamos. Já não aguentamos nenhuma autoridade de qualquer tradição, nenhum argumento que possa, de certa forma, limitar ou, até mesmo, levantar dúvidas ao absoluto de nossa experiência individual e de nossa pretendida liberdade de eleição.

Há algo de positivo em tudo isso, sobretudo no que se refere à emancipação humana; porém também há muitos limites. Constatamos que, apesar dos avanços em nossa autonomia, o vazio de sentido nos acomete como uma enfermidade ou como uma ferida em nosso ego supostamente autônomo. Somente a justiça das leis parece cada vez mais insuficiente. Somente as conquistas do respeito e a liberdade individual parecem predestinadas à monotonia e a uma falta de sabor crescente.

É claro que essa não é a nossa experiência, porém é a de um bom número de pessoas. Minha tentativa de pensar uma teologia laica, especialmente a partir das mulheres, é a de retomar nossa já longa tradição feminista e fazer avançá-la, não na perspectiva de seguirmos os mesmos trilhos da tradição cristã patriarcal, mas modificando-a em nosso favor ou incluindo-nos em sua própria forma dogmática.

Tenho a pretensão de resgatar, a partir de nós mesmas, uma lógica presente nos Evangelhos, que intuí como



uma lógica vital e feminina. Uma lógica na qual as exigências da vida modificam nossa compreensão da organização econômica e social e podem modificar nossas leis e nossos caminhos. Quero abrir pistas para que percebamos que nossas lutas não são dirigidas por uma teoria a ser obedecida como imprescindível à coerência de um discurso, mas, sim, como uma coerência ao fluxo contínuo da vida dentro e fora de nós, coerência ao bom sentido e ao bem comum que possamos juntas apreender.

Por isso tomei como referência, a título de exemplo, alguns textos do Evangelho de Mateus, que rompem com a lógica da reciprocidade e das leis e a lógica das crenças dogmáticas. Esses textos que, na realidade, não tem realização histórica imediata ou, como afirmei, que tem, aparentemente, uma “eficácia zero” não indicam um ponto de chegada para as lutas humanas na história, porém têm uma importância capital para a construção de sentidos duradouros e renováveis. No fundo, quero encontrar nos velhos textos vestígios para uma lógica diferente da patriarcal e intuir, nesses textos, uma espécie de resgate do comportamento feminino, apesar de o texto ter sido escrito por um homem. Encontro possível a partir da busca de uma construção coletiva diversificada de nós mesmas, a partir de nossas diferenças e a partir dos diversos grupos que podemos constituir.

Penso que nos encontramos em outra etapa do feminismo e da teologia feminista e de outros desafios, que nos impõem outras necessidades. Tenho consciência de que as grandes religiões e as grandes utopias do passado já não nos movem como antes. Já não somos capazes de prover um sentido comum que nos congregue e ajude a viver mais além de certa legalidade. Penso, no entanto, que algumas tradições religiosas e de sabedoria, apesar de seus limites, contêm sentidos que podem ser reativados a partir de nossas histórias, hoje. Porém, para que isso aconteça, necessitamos crer, apostar nessa possibilidade e educarmo-nos nessa direção.



No fundo, essa é a minha aposta, porém não sei se será possível vivê-la em um momento em que ainda estamos derrubando ídolos e barreiras. Não sei se essa possibilidade terá a força suficiente para tocar nossos corações embriagados pelos imediatismos e pelos múltiplos combates da agitada vida moderna.

Quis apenas, com meus pobres instrumentos, executar de novo uma velha música que nos fala, de modo ambíguo e paradoxal, dos “felizes”, sem nos dar a receita da felicidade. Esta pode ser encontrada talvez nas estantes de autoajuda de muitas livrarias e em muitas instituições criadas em torno da espiritualidade *new age* e outras similares.

Quis reler e comentar com vocês alguns textos poéticos obscuros e ouvir de novo alguns relatos cristãos antigos para buscar sentidos comuns, não necessariamente eficazes em uma visão imediatista, porém construtores, talvez a longo prazo, dos tesouros do coração onde o pó e a ferrugem não entram.

Quis retomar a força inútil da poesia de alguns textos ou o aparente absurdo de algumas parábolas, como provocadoras de sentidos vitais da vida cotidiana. No fundo, intentei ser filósofa e teóloga com vocês de um modo diferente, isto é, apreendendo os sentidos de formas diversas e deixando-os falar em nós de muitos modos. Percebo que, apesar de ter frustrado algumas expectativas de vocês, para mim valeu à pena haver feito esse exercício de busca nesses dias em que duraram o nosso encontro. Foi pouco, mas o suficiente para provocar em nós a vontade de continuar a busca. Creio que, para finalizar esse epílogo, podemos cantar juntas “[...] a vida é bonita, é bonita e é bonita”. Ao final, não é por ela que fazemos tudo isso? Um abraço a cada uma e boa sorte em suas buscas e atividades.

Ivone Gebara

São Paulo, 29 de agosto de 2011.



As(os) participantes do Seminário Internacional - Tecendo Sentidos: Feminismos e buscas teológicas, Nazaré Paulista, SP - Brasil, Agosto de 2011.



O Rito de Abertura.

Participantes do seminário

☪ Ivone Gebara

Nasceu em São Paulo, em 1944, e atualmente reside em Camaragibe, na Região Metropolitana do Recife, no Nordeste do Brasil. É doutora em filosofia e ciências da religião e foi professora de filosofia e teologia no Instituto de Teologia de Recife, durante o bispado do Arcebispo de Recife e Olinda Dom Helder Camara; integrante da Associação de Teólogos do Terceiro Mundo; assessora grupos e é convidada, como docente, por universidades não só brasileiras como também de outros países. Entre 1995 e 1996 viveu em Bruxelas, por imposição da hierarquia do Vaticano, que lhe impôs dois anos de silêncio e sua mudança para Europa. É autora de numerosos livros e artigos, que, nos últimos anos, foram publicados em espanhol, entre eles: *Teología a ritmo de mujer*, Ed. Paulinas, 1995; *Intuiciones ecofeministas*, Doble clic, 1998 / Ed. Trotta, 2000; *El rostro oculto del mal*, Trotta, 2002; *La sede de sentido*, Doble clic, 2002; *Las aguas de mi pozo*, Doble clic, 2005; *Compartir los panes y los peces*, Doble clic, 2008; *La trama de la vida*, Doble clic, 2011.

Argentina

☪ Sandra Cristina Bitschin

Nasceu em São Carlos, Centro, Província de Santa Fé, em 1969. Foi religiosa da Congregação das Irmãs



de Nossa Senhora do Calvário, no período de 1989 a 2011. Encontra-se licenciada para realizar trabalho social; é defensora dos direitos humanos das mulheres em condição de violência; promove a capacitação em direitos sexuais, prevenção de infecções de transmissão sexual e da violência do gênero; integra as CDD - Argentina desde 2007; participa da campanha nacional pelo direito ao aborto legal; realiza intervenções urbanas, murais coletivos e *spots* e *stickers* vinculados a seu trabalho. Como trabalhadora social, transitou em diversos campos, como saúde, capacitação, jovens em risco social e prevenção da violência e terceira idade.

☉ **Coca Trillini**

Nasceu em Buenos Aires há sessenta anos, onde vive, trabalha, sonha e contribui com sua vida para construção de um mundo a ser vivido por todas e todos em La Matanza. É professora e se dedica ao aprofundamento das relações de gênero, dos direitos sexuais e reprodutivos e da espiritualidade. Integra a Rede Latino-americana das CDD desde sua criação, onde desempenhou diversas funções e, atualmente, é sócia honorária. Faz parte do Conselho Editorial do Coletivo Con-inspirando - Chile.

Bolívia

☉ **Teresa Lanza Monje**

Nasceu em La Paz, Bolívia; formou-se em direito pela Universidade Mayor de San Andrés, com especialização em perspectiva de gênero, ciências jurídicas e direitos sexuais e reprodutivos. É autora de vários artigos publicados nos meios de comunicação e revistas nacionais e internacionais sobre gênero, direitos sexuais e reprodutivos, aborto, violência sexual, laicismo e temas conexos. É diretora e editora da revista *Fe-mujer* e produtora e editora da



Conciencia Latinoamericana. É fundadora também e atual diretora das CDD - Bolívia, participante do Coletivo Gênero e Teologia e cofundadora da Campanha 28 de Setembro; autora e impulsionadora da Estratégia *¡El Cairo Va!* e de outros espaços nacionais e internacionais.

Brasil

- ⑥ **Myriam Aldana Vargas**
Nasceu na Colômbia, viveu na Nicarágua, onde nasceram seu filho e sua filha, e há vinte anos vive no Brasil; os últimos dez anos em Chapecó, Santa Catarina. Coordena o mestrado em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais em uma universidade dessa cidade. É membro consultiva das CDD - Brasil e representante do Estado de Santa Catarina no Comitê Político de Articulação de Mulheres Brasileiras - AMB.

- ⑥ **Josefa Buendía Gómez**
Chamada pelas amigas de Pepita, é espanhola, viveu na Colômbia e, atualmente, reside em São Paulo. Trabalhou durante vários anos no Centro Ecumênico de Serviços para a Evangelização e Educação Popular - Ceseep. Atualmente vinculada à CDD - Brasil, é docente universitária; licenciada em pedagogia e letras - português e espanhol -, com mestrado em sociologia e doutorado em literatura espanhola e hispano-americana.

- ⑥ **André S. Muszkopf**
É teólogo graduado pela Escola Superior de Teologia (Est), em São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil, instituição vinculada à Igreja Evangélica de Confissão Luterana. Cursa doutorado nessa mesma instituição, cujo tema versa sobre HIV/Aids. É militante do Movimento LGBT. Atuou no Centro Ecumênico de



Estudos Bíblicos em HIV/Aids na Est. Vincula-se a grupos cristãos LGBT do Brasil e de outros países da América Latina, Estados Unidos e Europa. Atualmente trabalha com políticas sociais na Prefeitura Municipal de São Leopoldo e também como professor em mestrado profissional em HIV/Aids na Est. Especializou-se em teologia gay e queer e temas relacionados com o feminismo, gênero, diversidade sexual, religião e teologia.

☉ **Yury Puello Orozco**

Nasceu em Cartagena, Colômbia, e atualmente reside em São Paulo. Está vinculada às CDD - Brasil e integra a equipe de coordenação da Rede Latino-americana de Católicas pelo Direito de Decidir. Estudou teologia e filosofia e é mestra e doutora em ciências da religião.

☉ **Maria José Rosado Nunes (Zeca)**

É doutora em sociologia pela Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, Paris, e professora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. É fundadora e diretora-geral das CDD - Brasil; integra o Grupo de Cem Especialistas Globais das Nações Unidas (2011). Tem recebido prêmios de menção honrosa - Gender, Issues - pelo livro *Feminist Intercultural Theology Latina: Explorations for a Just World* (Orbis Books, 2008). Em 2005, foi nomeada, juntamente com outras cinquenta e uma mulheres brasileiras, pela Associação Mil Mulheres pela Paz, para receber o Prêmio Nobel da Paz.

☉ **Regina Soares Jurkewicz**

Nasceu em São Paulo em 1955. É doutora em sociologia da religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP. Desde os vinte anos trabalha em pastorais e movimento sociais. Durante doze anos esteve vinculada ao Centro Ecumênico de



Serviços para Evangelização e Educação Popular - Ceseep, coordenando cursos latino-americanos em formação pastoral. Integra a equipe CDD - Brasil desde seu início e há muitos anos participa da coordenação da Rede Latino-americana das CDD. No período de 2005 a 2009, participou da coordenação da Campanha por uma Convenção pelos Direitos Sexuais e Reprodutivos. É casada e tem dois filhos.

- ☉ **Rosângela Talib**
Nasceu em Pedro de Toledo, São Paulo, em 1954. É psicóloga social com mestrado em ciências da religião. Integra a equipe de coordenação das CDD - Brasil desde 2000. É casada e tem dois filhos.

Chile

- ☉ **Judith Ress (Judy)**
É norte-americana, vive e trabalha na América Latina desde 1970 (El Salvador, Peru e Chile). Doutora em teologia ecofeminista, trabalha como jornalista, editora e educadora praticante em técnicas de saúde complementar. É membro-fundadora do *Con-spirando*, um coletivo de mulheres dedicado a publicar uma revista, e oferece oficinas sobre teologia, espiritualidade e ética ecofeminista. É presidente do Centro de Espiritualidade e Saúde Integral Tremoñue em Cajón del Maipo e autora de vários livros, incluindo *Lluvia para florecer: entrevistas sobre el ecofeminismo en América Latina* (Con-spirando, 2002) e acaba de publicar seu primeiro romance: *Blood Flowers*.
- ☉ **Paulina Tapia Retamal**
Nasceu em Illapel, em 1987. Com formação em sociologia, integra desde 2009 as CDD - Chile. É representante do Coletivo de Jovens pela Igualdade de



Gênero, em Santiago, e exerceu a função de pesquisadora no estudo “Violência das jovens em relação amorosa ou de casal”, coordenado pela Corporação pelo Desenvolvimento da Mulher. Atualmente é coordenadora da oficina “Não confunda amor com controle”, em diferentes estabelecimentos educacionais do país.

Colômbia

☉ Lilibana Caicedo Terán

Nasceu no povoado aborígene de Los Pastos, no sul-colombiano e no norte-equatoriano. É socióloga e estudiosa da Bíblia e candidata a docente em sociologia da cultura. Integra as CDD - Colômbia e é docente no Centro de Estudos Teológicos e das Religiões da Universidade de Rosário, em Bogotá. Nesses dois âmbitos, entrelaça algumas de suas paixões: sociologia, experiência de fé das mulheres, seus direitos e pesquisa.

☉ Clara Lucía Cuevas Reyes

Nasceu em Bogotá, em 1955; é mestra em história e docente em ciências sociais. É fundadora das CDD - Colômbia e participa de um trabalho coletivo de planejamento e execução de ações para transformação de práticas sociais que atentam contra a autonomia e a livre decisão das mulheres em todos os aspectos de suas vidas. É solteira e tem um filho.

☉ Sandra Mazo

Nasceu em Medellín, em 1978; é licenciada em linguística e literatura, mestra em estudos políticos e relações internacionais e coordenadora das CDD - Colômbia desde 2002. Defensora dos direitos humanos, ativista do movimento social de mulheres, pesquisadora e pedagoga.



Costa Rica

☉ Silvia Regina de Lima Silva

É brasileira e há dezesseis anos vive na Costa Rica. É casada e tem um filho. É teóloga e estudiosa da Bíblia. Trabalha no Departamento Ecumênico de Investigações (Dei) como investigadora e professora convidada da Universidade da Costa Rica. Acompanha grupos e comunidades no trabalho de leitura popular da Bíblia, teologias feminista, teologia negra, colonialismos e culturas. Participa de um grupo que trabalha com pessoas moradoras de rua e com HIV.

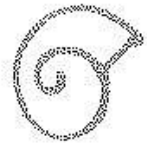
☉ Maria Cristina Ventura (Tirsa)

Nasceu em São Domingos, República Dominicana. É feminista e se graduou em engenharia química. Fez doutorado em ciências da religião com ênfase em Bíblia, em São Paulo. Atualmente vive em São José da Costa Rica, trabalha como professora pesquisadora no Dei e no Departamento de Pesquisa da Universidade La Salle, onde também se encontra preparando sua tese em pedagogia. Tem duas irmãs, uma mãe, um irmão, quatro sobrinhas, a quem adora, e um homem a quem ama.

Cuba

☉ Clara Luz Ajo Lazaro

Nasceu em Hólguin, em 1949. É teóloga feminista, trabalha no Seminário Evangélico de Teologia Feminista de Matanzas, onde leciona Antropologia Teológica e Cristologia. Estuda as religiões cubanas de origem africana e, como ministra leiga, dá assistência a uma comunidade de mulheres negras da igreja episcopal do povoado de Limonar, Matanzas, onde mulheres de tradição anglicana praticam também rituais religiosos de origem africana, como a



santeria, mesclando experiências com o sagrado e práticas diversas que alimentam as reflexões sobre o feminismo e sua espiritualidade. É casada e tem uma filha, um filho, netas e gatos.

Equador

⑥ Mónica Moya Herrera

Nasceu em Quito. Especializada em facilitação de processos e educação de pessoas adultas com enfoque ecumênico, intercultural e de gênero. Desenvolve processos de investigação, capacitação e organização junto às organizações sociais, campanhas, indígenas e de mulheres. Presidente da Fundação Fogo de Luna pela Igualdade e pela Paz, um coletivo multidisciplinar comprometido com as lutas dos setores populares. Atualmente trabalha com as Secretarias de Inclusão e Mobilidade Social do Distrito Metropolitano de Quito. Este ano começou a participar das CDD - Equador.

El Salvador

⑥ Rosa María Hernández Sosa

É professora de teologia e participa das CDD - El Salvador e de ateliês que trabalham na perspectiva da teologia feminista e desenvolvem, com especial ênfase, o papel das mulheres na construção do Reino de Deus.

Espanha

⑥ Ángeles Alfonso Aguirre (Paloma)

Sua formação filosófica se soma à sua vocação de educadora social. É cristã e ativista feminista desde sua juventude, integrando Mulheres e Teologia e Redes Cristã das CDD - Espanha, que foi criada em



1997. Atualmente nas CDD participa da Rede Ativas que agrupa várias organizações feministas e de saúde em torno dos direitos reprodutivos, e de redes cristãs de base e feministas.

México

- ⑥ **Julián Cruzalta**
Frade dominicano, mestre em teologia moral e teologia ecofeminista, assessor das CDD - México e membro-fundador do Centro de Direitos Humanos Frei Francisco de Vitória da Comissão Independente de Direitos Humanos de Morelos. Diretor da Comunidade Ecumênica Magdala e Professor de teologia, é membro também da Rede de Acadêmicos e Pesquisadores de Direitos Humanos do México.

- ⑥ **María de la Luz Estrada Mendoza**
É mestra em Direitos Humanos e Democracia e licenciada em sociologia. Coordena o projeto “Violência de Gênero e Direitos Humanos”, das CDD, e é, também, coordenadora executiva do Observatório Cidadão Nacional do Femicídio e da Campanha Regional pelo Acesso à Justiça para as Mulheres do México e da América Central. É fundadora do Programa de Jovens das CDD e do Observatório Cidadão, que monitora a distribuição da justiça nos casos de feminicídio na Cidade Juarez e Chihuahua. Recebeu a Medalha Omecihutl tanto por seu trabalho contra a violência dirigida às mulheres como no Observatório Cidadão Nacional de Femicídio.

- ⑥ **Aidé García Hernández**
Licenciada em serviço social e diplomada em Direito do Trabalho Social e Defesa Popular, Democracia, Direitos Humanos e Políticas Públicas. É uma das coordenadoras da Rede Latino-americana do Progra-



ma Nacional de Direitos Humanos e integrante do Conselho Consultivo de SNAP, México, e da Rede de Sobreviventes do Abuso Sexual. Em 2000, começou a colaborar como voluntária leiga nas CDD, em diversas áreas, e na criação da Rede Nacional Católica de Jovens pelo Direito de Decidir. Desde 2005, dirige a Área de Relações Interinstitucionais, que promove e defende os direitos humanos, sexuais e reprodutivos a partir de uma perspectiva feminista. Participa do Movimento de Prevenção da Violência Familiar e da Gravidez de Adolescente.

Paraguai

☉ Magdalena Fariña Villalba

Seu nome artístico é LuckyFarVill. Nasceu em Assunção, em 1966. É atriz de teatro e audiovisuais e produtora artística. É membro das CDD - Paraguai e de outras organizações feministas. Trabalha na Secretaria da Criança e do Adolescente como orientadora social há alguns anos. É solteira, lésbica e sem filhos. Possui mais de dez anos de experiência em trabalhos pastorais da igreja católica e sua formação teológica atualmente a respaldam para dimensionar melhor a luta das Católicas pelo Direito de Decidir.

Peru

☉ Martín Jaime Ballero

Nasceu em Lima, em 1978. É antropólogo e ativista gay. Doutorou-se em Estudos Culturais Latino-americanos e investiga o desenvolvimento e avanços dos direitos sexuais e reprodutivos e os direitos LGBT. Às vezes trabalha com as comunidades judaicas, islâmicas e também católicas. É especialista em laicismo, a relação entre sistemas religiosos e a construção de especialização em subjetividade, principalmen-



te do corpo e da sexualidade. Juntamente com as CDD - Peru, tem ministrado cursos sobre teologias heterodoxas.

☺ **Kelly Cieza Guevara**

Nasceu em Lima, em 1979. É feminista e católica. É formada em sociologia, comunicações e estudos de gênero. Trabalhou em organizações feministas e de direitos humanos. Integra as CDD - Peru desde sua criação, em 2009.

Uruguai

☺ **Graciela Pujol**

Nasceu em Montevideú, em 1950. É arquiteta, psicóloga social e editora. Trabalha nas CDD desde 1992 como editora da revista *Conciencia Latinoamericana* e foi coordenadora adjunta da oficina latino-americana das CDD - Montevideú. Atualmente coordenada o grupo Caleidoscópio, espaço de reflexão teológica feminista, e trabalha com diversos grupos de mulheres que refletem sobre o sentido da vida. É divorciada e tem quatro filhos/as, uma neta e um neto.

Siglas

AMB	Articulação de Mulheres Brasileiras
CDD	Católicas pelo Direito de Decidir
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
Cesep	Centro Ecumênico de Serviços de Evangelização e Educação Popular
CFFC	Catholics for a Free Choice
DEI	Departamento Ecumênico de Investigações/São José de Costa Rica
EST	Escola Superior de Teologia /São Leopoldo, Brasil
HIV	Vírus da Imunodeficiência Humana
Itesp	Instituto Teológico de São Paulo
ITS	Infecções de Transmissão Sexual
LGBT	Lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros
ONG	Organização Não Governamental
PUC-SP	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo



Creio no cristianismo como movimento de relações humanas nascido de corpos humanos sofredores, tentando significar a vida em um tempo e em um espaço específicos. Hoje, já não creio no cristianismo como revelação divina superior, como revelação de um Deus metafísico com uma existência em si mesma e transcendente a toda a criação. Creio que estamos envolvidas e permeadas por mistérios ou por um não saber que invade a fragilidade de nossas vidas e nos convida a buscar sentidos.

Ivone Gebara



As ideias que constam neste texto nascem da vida, sentimentos e necessidades das pessoas. Não reproduzem o que dizem os patriarcas da Igreja e, portanto, nascem da crença de que o fazer teológico pode ser uma tarefa de todos/as nós. É esta construção que chamamos de teologia laica.

○ trabalho das Católicas pelo Direito de Decidir tem um caráter político e se insere no campo das religiões, mais especificamente no pensamento católico. Por essa razão, é fundamental para nós trabalharmos argumentos teológicos que nos tragam sentidos no fazer cotidiano, e que, também, sirvam de nutrientes para nossas práticas políticas.

○ que nos orienta é a convicção de que pensar teologicamente é uma tarefa inerente a nós. Por isso, queremos abrir aos/às leitores/as nossos diálogos, que fluem na construção de um novo pensamento e evidenciam o esforço comum na busca de abrir novas sendas para o caminhar teológico. Esperamos que a leitura deste livro instigue suas mentes e seus corações e provoque novos diálogos nessa direção.

